

OS DRAGÕES DO ASSASSINO - Vol. 5  
ROBIN HOBB

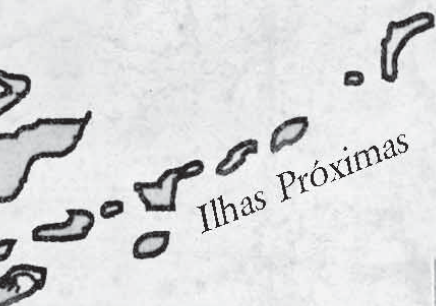
*Tradução de Jorge Candeias*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina





Ilhas Próximas

Alcatrazes

e Gelo



# Os Seis Ducados

Ilha Gancho  
Baía das Focas

Ilha Beche  
Fundos-Altos

Ilha da Armação

Ilha do Linho




Ilha da Garra

Baía Limpa Baixios

Ilha de Vigia

Ilha do Ovo



-  Torres
-  Fronteira
-  Plataformas de Gelo



CAPÍTULO XVIII

*Gelo*



*Senhora minha rainha,  
Sabeis que eu continuo a ser o mais leal dos vossos criados. Não questiono a sabedoria do vosso discernimento, mas peço-vos que tempereis essa sabedoria com a reflexão de que talvez aquilo por que passámos nos tenha levado a ultrapassar os limites da justiça, entrando na vingança. Asseguro-vos que o relatório sobre um “massacre de Pigarços” é grosseiro exagero. Se nós, os de Sangue Antigo, errámos, foi em termos refreado durante tanto tempo as nossas mãos, evitando que executassem os atos capazes de convencer os renegados entre nós de que não continuaremos a tolerar as suas incursões contra o seu próprio povo. Isto é, de certa forma, uma limpeza da nossa casa, e a porcaria que temos de limpar do nosso sangue envergonha-nos. Desviái o olhar, suplicamo-vos, enquanto expurgamos das linhagens do nosso sangue aqueles que nos degradam.*

— CARTA NÃO ASSINADA,  
RECEBIDA APÓS O BANHO DE SANGUE DE VILA TRISTE

**E** assim cavámos o gelo. Pavilongo mandou Enigma e Ordem ao acampamento para trazerem as pás, as picaretas e os pés-de-cabra. Enquanto eles não voltavam, Pavilongo perguntou solenemente ao príncipe: “Desejais um

buraco de que tamanho, senhor?” Respeitador e Breu desenharam-na na neve, uma área suficientemente grande para quatro homens lá trabalharem sem se meterem na frente uns dos outros. Os cavadores éramos eu, Enigma e Ordem. Pavilongo trabalhou a nosso lado, para minha surpresa. Suponho que sentia que a sua reduzida companhia de guardas tornava essencial também ele ajudar. Os guardas trabalharam com vontade, mas desajeitadamente. Eram combatentes, não agricultores, e embora soubessem o essencial sobre erguer fortificações de emergência, nunca antes tinham tido de trabalhar num glaciar. Eu também não. Foi uma experiência esclarecedora.

Escavar gelo não é como cavar o solo. O solo é feito de partículas, e as partículas cedem perante a lâmina duma pá. O gelo forma alianças e agarra-se bem a si próprio. A camada superior de neve solta era a mais aborrecida, pois era como cavar pazadas de farinha fina. Havia pouco peso nas pazadas, mas era difícil controlar onde elas iam cair. A camada seguinte não foi tão má. Depois de quebrarmos a crosta de gelo, foi como escavar neve velha e compactada. Mas quanto mais fundo chegávamos, mais difícil se tornava a escavação. Não podíamos enfiar uma pá no gelo, erguê-la e atirar para fora uma pazada cheia. Em vez disso, usámos picaretas para fazer o gelo em bocados, e ao fazê-lo projetávamos pelo ar lascas e bocados de gelo, fazendo-os voar uns contra os outros. Depois de o gelo estar solto, atirávamo-lo com as pás para fora do buraco, onde os outros o carregavam num dos trenós e o levavam da borda do buraco. Mantendo o casaco vestido, ficava com as costas a escorrer de suor. Tirá-lo queria dizer que a minha camisa ficava cheia de geada.

Não trabalhámos sós. Um compromisso fora alcançado, visto que era o Círculo de Manha do príncipe quem levava o gelo da beira do buraco. Passado algum tempo, os dois grupos passaram a revezar-se com as picaretas, as pás e o transporte do gelo. Ao cair da primeira noite, tínhamos um buraco onde um homem se podia enfiar até aos ombros, sem qualquer sinal de dragão no fundo.

Ao cair da noite, o vento aumentou de intensidade, empurrando nuvens de cristais de gelo solto sobre a superfície do glaciar. Ao reunirmo-nos no acampamento, lá em baixo, para comermos a comida morna enquanto nos aglomerávamos em volta dos minúsculos fogos que ardiam nos fogareiros, perguntei a mim próprio, inquieto, quanta neve os ventos enfiariam na nossa escavação.

Embora a nossa anterior divisão tivesse sido esquecida no trabalho do dia, o acampamento nessa noite recordou-a. Todos nos aninhámos

sob a diminuta proteção das tendas dispostas em círculo, que quebravam um pouco o vento e davam uma ilusão de abrigo no gelo despido e varrido pelo vento. O espaço não era grande, mas distribuímo-nos por ele. Os guerreiros do Hetgurd mostraram-se mais amigáveis para com os Manhosos e o Bobo do que anteriormente, trocando rações e conversas uns com os outros. O seu magro bardo, o Coruja, sentou-se ao lado de Berbigão enquanto este atuava para nós. Berbigão cantou duas canções sem acompanhamento, pois não estava disposto a pôr em risco as mãos ou os instrumentos, expondo-os ao vento gélido. Uma era sobre um dragão que encantou de tal forma um homem que este abandonou a família e o lar e nunca mais foi visto. Se havia alguma grande verdade oculta na canção, não consegui descobri-la. Conforme Teio mencionara, falava de o homem ter respirado o hálito do dragão, e de ter entregue nesse momento o coração à criatura. A outra canção tinha uma referência ainda mais obscura a dragões, mas todos guardaram silêncio e escutaram ambas pensativamente, enquanto a voz solitária de Berbigão batalhava com os ventos ruidosos. A única voz que competia com a dele pertencia a Obtuso. Estava sentado perto de Respeitador, trauteando de si para si e balançando-se. Embora Breu tivesse tentado calá-lo por várias vezes, poucos minutos mais tarde o homenzinho retomava a música. Isso preocupava-me, mas nada havia que eu pudesse fazer.

Vislumbrara Peotre e a narcheska horas antes, a olhar para o nosso trabalho. As caras de ambos pareciam muito imóveis, presas entre a esperança e o temor. Respeitador fora falar com eles, mas eu não ouvira as suas palavras, nem qualquer resposta que lhe tivessem dado. A narcheska fitara-o como se fosse um estranho que a abordava quando a sua mente estava cheia de outros assuntos. Naquela noite, em vez de se nos juntarem para a refeição e o fogo da noite, foram diretamente para a tenda. A fraca luz duma vela a brilhar lá dentro era o único lembrete da sua presença.

Quando a canção de Berbigão terminou e lhe agradecemos, eu estava inteiramente pronto para a cama. Por mais que desejasse ter uma conversa em privado com Breu, Respeitador e o Bobo, ansiava mais pelo sono. O meu corpo não recuperara por inteiro do excesso de casco-de-elfo, e a tarde de trabalho pesado ao frio deixara-me exausto.

Levantei-me, espreguiçando-me, e Breu chamou-me para junto de si. Quando fui ter com ele, pediu-me para trazer Obtuso para a tenda do príncipe e o ajudar a preparar-se para a cama. A princípio pensei que se tratava de uma desculpa para ter um momento sossegado para

falar comigo mas, quando parei junto de Obtuso, a minha preocupação aprofundou-se. Obtuso oscilava de um lado para o outro, trauteando continuamente. Os seus olhos estavam fechados. Hesitei em tocar-lhe, precisamente como uma criança queimada hesita em voltar a estender a mão para o fogo. Depois, a condição defunta do meu Talento persuadiu-me de que qualquer salto da sua mente para a minha seria na verdade um alívio em vez de um choque. Por conseguinte, pus-lhe a mão no ombro e abanei-o suavemente. Não só não houve qualquer sobressalto de Talento, como Obtuso não deu nenhum sinal de despertar. Voltei a abaná-lo, com mais firmeza, e por fim tive de o pôr em pé à força antes de ele mostrar qualquer sinal de consciência. De seguida, pôs-se a choramingar como um bebé acordado de repente, e eu senti-me um animal ao levá-lo para a tenda do príncipe. Enquanto lhe tirava as botas cobertas de neve e o vestuário exterior, tudo o que ele fez foi resmungar queixas semicoerentes sobre o frio. Sem que lho pedisse, enfiou-se entre as mantas e aconchegou-as à sua volta.

Acabara de terminar quando Breu e o príncipe entraram na tenda. “Estou preocupado com ele,” disse eu em voz baixa, indicando Obtuso com uma inclinação de cabeça. De baixo da pilha de mantas já começara a sair um suave trautear.

“É o dragão,” disse Breu em tom sombrio.

“Achamos nós,” emendou Respeitador com uma voz cheia de fadiga. Sentou-se na borda da sua enxerga e dobrou-se para descalçar as botas. “Não podemos ter a certeza. Tentámos contactar Obtuso pelo Talento, e parece que ele está lá, mas limita-se a ignorar-nos.”

Entreguei como uma pedra a novidade que trouxera comigo o dia inteiro. “Não tive nenhuma indicação de que esteja a recuperar. O meu Talento desapareceu.”

O príncipe fez um pesado aceno com a cabeça, sem mostrar surpresa. “Eu tento contactar-te, mas é como se não estivesse lá de todo. É uma sensação estranha.” Ergueu os olhos para os meus. “Faz com que me aperceba de que *tens* estado lá durante a maior parte da minha vida. Uma minúscula presença ao canto da minha mente. Sabias disso?”

“Temia que assim fosse,” admiti. “Breu e eu discutimos o assunto. Ele disse que tinhas sonhos estranhos quando eras pequeno, sonhos sobre um lobo e um homem.”

Por um instante, Respeitador pareceu surpreendido. Depois, um lento sorriso amanheceu no seu rosto. “Eras tu? E Olhos-de-Noite?” De súbito respirou fundo e afastou os olhos dos meus. “Foram alguns



dos melhores sonhos que eu tive na vida. Às vezes, à noite, quando eu era pequeno, tentava ter os mesmos sonhos enquanto adormecia. Nunca tive duas vezes o mesmo sonho, mas ocasionalmente tinha um novo. Hum. Já nessa altura estavas a ensinar-me a usar o Talento, a sondar e a contactar-te. E a Olhos-de-Noite. Oh, Eda, Fitz, que saudades debes ter dele! Nesses sonhos, eram uma única criatura. Sabias?”

Súbitas lágrimas apanharam-me de emboscada. Virei-me e esfreguei a cara antes de elas terem oportunidade de cair. “Suspeitei que assim fosse. Urtiga também me vê assim, ainda hoje, como um homem-lobo.”

“Então também penetraste nos sonhos dela?”

Haveria uma nota de ciúme na voz do príncipe? “Intencionalmente, não. Nem nos dela, nem nos teus. Nunca imaginei que estivesse a ensinar qualquer um de vós a usar o Talento. Às vezes procurava deliberadamente Urtiga, para tentar ver Castro e Moli. Porque os amava e sentia a falta deles. E porque Urtiga era minha filha.”

“E eu?”

Naquele instante solitário, senti-me contente por o meu Talento ter desaparecido. Nunca quisera que o príncipe conhecesse o papel que eu desempenhara na sua conceção. Veracidade podia ter usado o meu corpo para o gerar, mas ele continuava a ser filho do meu rei. Não meu. Não meu de nenhuma forma, exceto o modo como a sua mente chamara a minha. Em voz alta, disse: “Tu eras filho de Veracidade. Não te procurei conscientemente, e não estava ao corrente de que partilhasvas os meus sonhos. Não o estive até muito mais tarde.”

Deitei um relance a Breu e surpreendeu-me ver que ele quase não seguia a nossa conversa. Parecia estar a olhar a distância, sem ver o que estava perante os seus olhos. “Breu?”, perguntei-lhe, preocupado. “Estás bem?”

Ele encheu subitamente os pulmões de ar, como se eu o tivesse acordado. “Acho que é o dragão que está a fascinar Obtuso. Estava a tentar chamar-lhe a atenção, mas a sua música está forte e consome tudo. Nem o príncipe nem eu conseguimos detetar o dragão com o Talento. No entanto, quando procuro alcançar Obtuso com o Talento, consigo sentir que algo está lá. Mas é estranho... é como ver a sombra de um homem, mas não o homem propriamente dito. Não consigo dizer nada sobre ele além de que está presente. Respeitador diz que, de vez em quando, a sua Manha capta uma lufada de Fogojelo, mas que ele depois desaparece como um cheiro quando o vento muda.”

Fiquei imóvel por um momento, e sondei com a Manha. Passado

algum tempo, regresssei para junto deles. “Ele está ali. E depois não está. Não consigo determinar se é algo que esteja a fazer deliberadamente, algum tipo de camuflagem de Manha, ou se, como Teio sugeri, está muito perto da morte.”

Dirigi um relance a Respeitador, mas os pensamentos deste tinham seguido uma direção diferente. Perguntei a mim próprio se teria mesmo chegado a ouvir o que Breu e eu tínhamos dito. “Esta noite vou tentar contactar Urtiga pelo Talento,” anunciou de repente. “Precisamos de uma verdadeira ligação com Torre do Cervo e ela é a nossa única esperança de a termos. Também me parece que, se há alguém entre nós que é capaz de distrair Obtuso do dragão, se é que é isso que está a fasciná-lo, esse alguém é ela. Mesmo se não for o dragão, ela pode ser a nossa melhor hipótese de chegar a Obtuso.”

Fiquei atordoado. Não queria que ele tentasse fazer aquilo. Mas queria. “Achas que serás capaz de a contactar?”

“Talvez. Seria muito mais fácil se a conhecesse realmente.” O ênfase que colocou naquelas últimas palavras tornou claro que não a conhecer era culpa minha. Julgo que Respeitador ouvira a minha relutância na pergunta que eu fizera, e se sentira espicaçado por ela. Engoli aquilo e deixei-o continuar a falar. “Só rocei a mente na dela daquela única vez, e isso foi através de ti. Contactá-la sozinho vai ser difícil.”

A ansiedade atacou-me. Sabia que não devia fazer-lhe a pergunta, mas fiz. “Se conseguires, que lhe vais dizer?”

Ele fitou-me sem expressão antes de responder: “A verdade. Sei que é uma ideia nova, mas acho que pelo menos um Visionário devia tentar.”

Sabia que ele estava a tentar provocar-me. Os acontecimentos do dia tinham sido difíceis para ele, e o meu príncipe estava a comportar-se de repente como um rapaz petulante de quinze anos, a tentar arranjar alguém em quem pôr as culpas. Voltei a tentar deixar passar. “A verdade é uma coisa grande. Que parte da verdade planeias contar-lhe?”, perguntei, e tentei sorrir enquanto esperava a resposta.

“Por agora, só as partes que me pertencem. Que sou o Príncipe Respeitador e que preciso desesperadamente que ela transmita notícias à minha mãe e depois me transmita os seus conselhos. Quero que a minha mãe receba a informação que temos sobre Sidel e os pais. Tanto para ter cautela com eles como para salvar Sidel, admito. E se ela der ouvidos a essa mensagem e a aceitar, contar-lhe-ei os meus receios a respeito de Obtuso: que um dragão está a roubar a pouca mente que ele tem. Depois, pedir-lhe-ei que o distraia dele, se conseguir contac-

tá-lo.” Deu um súbito suspiro. “Suponho que terei sorte se chegar tão longe numa conversa com ela.” E deitou-me outro olhar sombrio.

Julgo que foi nesse instante que senti com mais agudeza a perda do meu Talento. Não queria que Respeitador falasse com a minha filha longe dos meus ouvidos e consciência. Temi o que ele poderia revelar por acidente. Podia influenciar o que ela pensaria de mim antes de eu ter oportunidade de lhe permitir conhecer-me sozinha. Ele respondeu ao meu pensamento como se o tivesse ouvido.

“Vais ter de confiar em mim, não vais?”

Respirei fundo. “Eu confio em ti,” disse, e tentei fazer com que essa afirmação não fosse mentirosa.

“Eu estarei com o rapaz,” disse-me Breu, e depois riu-se alto perante a consternação no meu rosto. “Não, não digas que confias em mim. Acho que não conseguiria suportar tal coisa.”

“Mas tenho de confiar em ti,” fiz eu notar, e Breu concordou com a cabeça. Perguntei: “Que achaste do que se passou hoje? Parece-te que a gente do Hetgurd se vai virar contra nós e atacar se o dragão for desenterrado vivo e tentarmos cortar-lhe a cabeça?”

“Sim,” respondeu Respeitador. “Sem dúvida. Acho que a ausência de aprovação do Homem Negro inflamou todos os medos supersticiosos que eles têm.”

“Julgo que tendes razão,” concordou Breu. “Reparei que, esta noite, enquanto nos afastávamos, puseram mais uma oferenda para ele na periferia do acampamento.”

Dirigi a Breu um abanão de cabeça. “Eu sei o que estás a pensar. Mesmo se pudesse fazê-lo, não me parece que seja sensato. Se a oferenda for levada agora, não iriam eles interpretar o facto como aprovação do Homem Negro por se terem manifestado contra a demanda do príncipe? É tarde de mais para chicanice nessa área, Breu.”

“Tens razão, suponho,” disse ele sem arrependimentos. “E se fosses apanhado a roubar a oferenda, podia levá-los a uma ação imediata. Não. É melhor esperar.” Suspirou e esfregou vigorosamente os braços. “Estou tão farto deste frio. Sou velho de mais para estar o tempo todo tão enregelado.”

O príncipe rolou os olhos em silêncio.

Mudei de assunto. “Por favor, tende cuidado, ambos, quando tentardes contactar Obtuso. E, Respeitador, usa de muita cautela ao contactares Urtiga. Tenho a certeza que não imaginei o que aconteceu comigo e com Obtuso naquele dia. Alguém estava a usar o Talento para nos virar um contra o outro. Seja quem for, ainda anda por aí. Já

encontrou uma vez a mente de Obtuso. Quando o contactares com o Talento, podes estar a revelar-te a essa pessoa. E se te seguir, Respeitador, talvez encontre Urtiga quando a tentares contactar esta noite. Ou talvez atraias o dragão Tintaglia para ti.” De súbito senti-me cobarde porque já não podia ter esperança de proteger nenhum deles. “Tende cuidado,” voltei a dizer.

“Terei,” respondeu Respeitador com irritação, e tive a certeza que ele não estava a dar ao meu aviso o peso que este merecia. Olhei para Breu.

“Alguma vez me viste a ser menos que cauteloso?”, perguntou o meu velho mentor.

*Sim, já vi, quase disse. Quando tentaste alcançar o Talento, tentaste alcançá-lo com abandono. Temo que o voltes a fazer e que, ao fazê-lo, ponhas em risco tudo o que me é caro. Mas contive a língua e contentei-me em responder à pergunta com um aceno. “É estranho saber que tendes tanto a fazer esta noite e não tenho maneira de vos ajudar. Sinto-me inútil. Se não tendes nada para eu fazer aqui, vou para a cama. Estou exausto.” Fiz rolar os ombros. “Devia ter passado estes últimos meses em Torre do Cervo a treinar com uma pá em vez duma espada.”*

O príncipe soltou uma gargalhadinha a contragosto. Breu perguntou em tom sério: “Vais encontrar-te com o Bobo esta noite?”

“Sim.” Esperei, de guarda.

“Vais voltar a dormir lá?”

Não perguntei como ele sabia que eu já tinha dormido na tenda do Bobo. Não havia emoção na minha voz quando respondi. “Possivelmente. Não sei. Se conversarmos até tarde ou se ele quiser companhia, talvez durma.”

“Aos outros parece estranho, sabes? Não, não me franzas o sobrolho, não é isso que me preocupa. Já te conheço há demasiado tempo para ter alguma ilusão sobre as tuas preferências quanto a companhias de cama. Só quero dizer que pode parecer aos outros que partilhas a opinião dele sobre Fogojelo; que temos de cavar até ao dragão e libertá-lo em vez de cumprirmos a tarefa que a narcheska atribuiu ao nosso príncipe.”

Fiquei em silêncio por um momento, refletindo sobre aquilo. Depois disse calmamente: “Não posso fazer nada quanto ao que as pessoas pensam, Breu.”

“Não queres evitá-lo?”

Olhei-o nos olhos. “Não. Ele é meu amigo.”

Breu franziu os lábios por um momento. Depois, com grande cautela, perguntou: “Há alguma hipótese de o conseguires convencer a pensar como nós?”

“A pensar como *tu?*”, corrigi. “Duvido. Isto não é um capricho qualquer que ele arranjou de repente, Breu. Durante toda a vida acreditou ser o Profeta Branco. Parte da sua missão na vida é devolver os dragões ao mundo. Não me parece que consiga persuadi-lo de que isso não é boa ideia.”

“São amigos há muito tempo. Ele gosta muito de ti,” observou Breu com delicadeza.

“E é exatamente por isso que eu não quero tentar influenciá-lo dessa forma.” Afastei o cabelo da cara. O suor do esforço que desenvolvera para cavar, que ia secando, estava a começar a enregelar-me. Tinha dores, e não só no corpo. “Breu. Nisto, terás de confiar em mim. Não posso ser a tua ferramenta, e não posso prometer que agirei de certa forma, independentemente daquilo que desenterrarmos. Neste único momento da minha vida, tenho de ser fiel a mim próprio.”

O rosto dele foi contorcido pela ira, e depois, num clarão tão rápido que quase me passou despercebido, pela dor. Virou-me a cara, pondo o semblante na sombra enquanto dizia: “Estou a ver. Julgava que o juramento que prestaste aos Visionários significava para ti mais do que isso. E, tolamente, julguei que talvez fôssemos amigos há muito tempo, talvez até há mais tempo do que tu e o Bobo.”

“Oh, Breu.” Fiquei subitamente tão fatigado que quase não conseguia falar. “És para mim muito mais do que um amigo. Foste meu mentor, e meu pai, e meu protetor quando muitas mãos estavam erguidas contra mim. Nunca duvides de que abdicaria da vida por ti.”

“E ele é um Visionário,” interveio de súbito Respeitador, surpreendendo-nos a ambos. “Um Visionário cujo juramento prestado à família já lhe custou muitas coisas. Portanto, desta vez, como teu príncipe, ordeno o seguinte, FitzCavalaria Visionário: obedece ao juramento prestado a ti próprio. Sê tão fiel ao teu coração como foste ao de Verdade, e, antes dele, ao do Rei Sagaz. É esta a ordem do teu rei.”

Olhei-o, espantado, não só com a generosidade da ordem que dera, uma liberdade que nenhum outro Rei Visionário pensara conceder-me, mas também com a sua súbita transformação de um rapaz carrancudo de quinze anos em herdeiro ao trono. Ele franziu levemente o sobrolho ao meu ar atarantado, completamente inconsciente daquilo que fizera. Descobri a língua. “Obrigado, meu príncipe. Essa é a maior mercê que algum Rei Visionário alguma vez me concedeu.”

“Não tens de quê. Só espero que não tenha feito algo realmente tolo. Porque temos ambos de nos lembrar de que, independentemente das decisões que tu tomes, eu tenho de me submeter à promessa que fiz à narcheska. Estou aqui para cortar a cabeça do dragão. E que ela obtenha grande alegria de um crânio gelado.” Abruptamente, voltara a ser um rapaz rabugento. Olhei-o, e voltei a ser recordado de como tudo aquilo devia ser difícil para ele. Deixara para trás beijos roubados na Ilha de Maile. Eu duvidava que ele tivesse tido uma conversa privada com Eliânia desde que abandonámos a sua casa-materna. Respondeu ao meu olhar compreensivo com um abanão de cabeça. “Só posso tentar fazer o que está certo, e espero que desta vez tenha realmente adivinhado o que o ‘certo’ é.”

“Já somos dois,” resmungou Breu.

“Não. Três,” contradisse eu. Breu estava debruçado sobre o pequeno fogareiro e tivera sucesso em despertar das brasas uma única chama. Pegou num pequeno bocado de carvão e acrescentou-o ao minúsculo fogo.

“Estou velho de mais para continuar a fazer isto.” Repetia a sua queixa preferida.

“Não. Não estás. Só estarás velho quando tentares parar de fazer isto. Acho que esta viagem te fez bem.” Acocorei-me ao lado dele. “Breu. Por favor, acredita no que te vou dizer. A questão aqui não é se és tu ou o Bobo a puxar os meus cordelinhos. Não é um concurso de vontades entre vós para ver quem é dono do meu coração.”

“Então é o quê?,” perguntou ele de má vontade.

Tentei dar-lhe uma resposta.

“Preciso de ver o que é verdade, antes de decidir que posição apoio. Todos sabemos, desde antes de partirmos de Torre do Cervo, que existe algo por trás do pedido da narcheska. Pode chegar uma altura em que te sintas contente por eu ter hesitado e não ter obedecido cegamente à vontade dela. A aia, Hênia, estava ligada de algum modo aos Pigarços. Aposto nisso tudo o que tu quiseres. Ela, Peotre e a casa-materna de ambos desafiam a maioria do Hetgurd para impor ao príncipe esta condição. Porquê? Que ganham com isso? Qual o valor que uma cabeça putrefacta de dragão tem para eles?”

“Ela não parece contente por ter de me pedir isto,” observou Respeitador em voz baixa. “É dura como pedra na determinação de que tenho de lhe fazer isto. No entanto, não parece esperar o ato com antecipação ou impaciência, mas com temor e relutância. Como se não fosse por sua vontade que o pede.”

“Então é por vontade de quem? De Peotre?”

Breu abanou lentamente a cabeça. “Não. Os interesses dele acompanham os dela, e ela é-lhe leal. Julgo que, se Eliânia pedisse isto para lhe agradecer, retiraria mais prazer do facto. Não. Bom. O Fitz coloca a nossa questão básica. Por vontade de quem?”

Dei a minha melhor sugestão. “De Hênia. Ela tem poder sobre eles, não sei como. Já vimos que sim. E está ligada aos Pigarços, os quais não têm nenhuma amizade por nós.”

“Os Pigarços.” Breu refletiu sobre aquilo. “Então pões de parte a Mulher Pálida do Bobo?” Fez a pergunta num tom penetrante.

“Não sei. Que vimos ou ouvimos sobre ela? Nada, exceto aquilo que o Bobo nos disse. Os ilhéus falam dela como um mal antigo, uma malevolência do passado a ser evitada, mas não com o temor de algo que esteja agora à espreita. Os nossos dragões dos Seis Ducados mataram-na e a Quebal Pancru, pelo menos foi o que ouvi dizer com frequência. Mas os ilhéus ainda a ligam a esta ilha. Dizem que minaram aqui a pedra negra para servir de lastro aos seus Navios Brancos. E não é possível negar que o abortado dragão de pedra no nosso local de desembarque fede ao Forjamento dos Navios Vermelhos.” Fui emboscado por um súbito bocejo.

“Oh, vai para a cama,” censurou Breu. “Pelo menos tu podes descansar. Esta noite, eu e o príncipe iremos sondar até longe e ver se conseguimos convencer Urtiga a ajudar-nos. Admito que anseio por saber o que se está a passar nos Seis Ducados por estes dias. Se os Pigarços se puseram aí em ação, isso poderá dizer-nos que fazem um jogo duplo.”

“Talvez,” concordou Respeitador com um bocejo, e de súbito apiede-me dele. Eu ia dormir um sono honesto. Ele tinha perante si uma noite de trabalho. Contudo, quando lhes desejei boas-noites e saí da tenda, senti que ele via Urtiga como um desafio por que ansiava ao mesmo tempo que temia. Pus de parte a preocupação com o facto ao sair da tenda. Era inútil. Por agora, eu estava fora daquele jogo. Talvez para sempre. Senti a terra oscilar debaixo de mim ao examinar essa ideia, e depois forcei-me a prosseguir. Seria assim tão terrível passar o resto da vida sem Talento? Não conseguiria eu pensar nisso como estando livre do Talento?

Fiz uma breve paragem na tenda dos guardas. Pavilongo manteve-se cautelosamente de vigia à entrada. Fez-me um aceno silencioso quando deslizei para dentro, por entre os homens-de-armas que dormiam pesadamente, e depois voltei a sair. Não perguntou o que eu andava a fazer. Homem de Breu. Homens de Breu, corriji-me, olhan-

do para as silhuetas adormecidas que me rodeavam. Todos os guardas que estavam connosco naquela ilha tinham sido escolhidos a dedo por ele, tanto pela discrição como pela lealdade. Quão implacavelmente obedeceriam às suas ordens?

Ainda refletia nessa questão quando parei à porta da tenda do Bobo. Escutei por um momento o vento que empurrava nuvens de cristais de gelo numa tempestade que me chegava ao tornozelo. De vez em quando, uma rajada atirava-me um ataque mordente contra a cara. Mas tudo o que ouvia era o vento e a restolhada do gelo. No interior da tenda do Bobo tudo estava em silêncio, embora as silhuetas brilhantes no exterior do tecido fino e bem esticado reluzissem com a vida do minúsculo fogo que ardia lá dentro. “Posso entrar?”, perguntei em voz baixa.

“Um momento,” respondeu ele tão baixo como eu. Ouvi o roçar de tecido, quase indistinguível do vento, e, após uma breve espera, ele desatou a aba da porta e deixou-me entrar. Gelo entrou comigo, agarrado à minha roupa. Não era possível evitá-lo, mas mesmo assim o Bobo encolheu-se quando o sacudi de cima de mim. Tirei a túnica dos Antigos, enrolada, de dentro do casaco. “Toma. Trouxe-a de volta.”

Ele estava a reclinar-se na enxerga, já com as mantas enroladas em seu redor. A minúscula chaleira acocorava-se esperançosamente sobre o fogo da vela. Ergueu as sobrancelhas e sorriu. “Mas achava-te tão atraente com ela vestida. Tens a certeza que não queres ficar com ela?”

Suspirei. A sua leve frivolidade contrastava demasiado com tudo o resto que eu estava a sentir naquela noite. “Breu e Respeitador vão tentar contactar Urtiga esta noite. Com o Talento. Temem que o dragão esteja a roubar a mente de Obtuso, e esperam que Urtiga consiga distrair Obtuso de Fogojelo.”

“E tu decidiste não os ajudar?”

“Não posso. Não consigo encontrar um único farrapo de Talento dentro de mim. Só sei que Obtuso está perturbado por causa do modo como trauteia. Antes, ele sempre emitiu a sua música pelo Talento. Porque é que agora trauteia e resmungo? É uma mudança, e eu não gosto de mudanças, especialmente de mudanças que não compreendo.”

“A vida é mudança,” observou o Bobo com placidez. “E a morte é uma mudança ainda maior. Acho que devemos resignar-nos à mudança, Fitz.”

“Estou farto de me resignar às coisas. Toda a minha vida tem sido uma longa resignação.” Deixei cair a túnica na enxerga dele e sen-



tei-me pesadamente na ponta, forçando-o a tirar os pés do caminho. Descalcei as luvas e estendi as mãos para o seu débil fogo, tentando aquecer-me.

“Ah, Catalisador, poderá ser que não vejas todas as mudanças que fizeste? Algumas através da tua resignação e aceitação das circunstâncias, outras pelas tuas violentas lutas. Podes dizer que odeias a mudança, mas tu és mudança.”

“Oh, por favor.” Dobrei os braços sobre os joelhos puxados para cima, e deixei cair a cabeça sobre eles. “Esta noite não fales sobre isso. Fala sobre tudo menos isso. Por favor. Esta noite não consigo pensar em escolhas e mudanças.”

“Muito bem.” A voz dele soava gentil. “De que queres falar?”

“De qualquer coisa. De alguma coisa sobre ti. Como foi que cá chegaste, depois de te termos deixado ficar na Cidade de Torre do Cervo?”

“Já te disse. Voei.”

Ergui a cabeça dos braços para o olhar com amargura. Estava a sorrir-me num pequeno desafio. Era o velho sorriso do Bobo, aquele que garantia que estava a dizer a verdade quando estava obviamente a mentir. “Não. Não voaste.” Falei com firmeza.

“Muito bem. Se tu o dizes.”

“Kettricken deve ter-te ajudado a arranjar uma passagem, contra os conselhos de Breu. E tu vieste até cá num navio com nome de ave.” Estava a deitar-me a adivinhar à toa, sabendo que haveria um pequeno grão de verdade no fundo da sua história imaginativa.

“Na verdade, Kettricken aconselhou-me a ficar em Torre do Cervo, no muito breve encontro que tivemos. Acho que lhe foi difícil não me dizer mais do que isso. Foi pura sorte ter encontrado Castro a chegar ao Castelo de Torre do Cervo na altura em que eu o abandonava. Mas já que concordei contar esta história, deixa-me contá-la por ordem. Voltemos ao último momento em que te vi. Quando julguei que te apressavas a ir em meu auxílio.”

Estremeci, mas ele prosseguiu sem uma pausa. “O capitão do porto chamou a Guarda da Cidade, a qual foi muito eficiente em afastar do caminho Dom Dourado e os seus pertences. Como provavelmente suspeitaste, detiveram-me até depois de os navios terem zarpado. Depois fui mandado embora, com muitos pedidos de desculpa e garantias de que tudo tinha sido um horrível erro. Mas a notícia do incidente espalhou-se. Quando Dom Dourado regressou às suas instalações com a bagagem, os credores tinham aparecido, convencidos de que ele

pretendera fugir da cidade sem lhes pagar. Como, de facto, pretendera. Ficaram felizes por confiscar a maior parte da bagagem e equipamento, tudo menos um embrulho que continha o mínimo absoluto essencial para a sua sobrevivência, que ele tivera a providência de deixar nos seus aposentos de Torre do Cervo.”

A pequena chaleira de cobre estava a soprar vapor. Ele tirou-a da pequena chama e despejou água num bule alegremente decorado.

Tive de sorrir. Indiquei a tenda com um gesto. “O essencial.”

Ele arqueou uma sobrancelha dourada. “Para aventuras civilizadas, sim.” Pôs a tampa no bule. Tinha a forma de uma rosa. “E porque haveria alguém de tentar passar com menos? Bom. Onde ia eu? Ah, sim. Dom Dourado, despido das suas posses e encanto, já não era Dom Dourado, mas só um devedor em fuga. Aqueles que julgavam conhecê-lo melhor ficaram espantados com o modo como desceu agilmente pela parede exterior dos seus aposentos abaixo, para ir aterrar com leveza sobre os pés e se enfiar em corrida nas vielas. Desapareci.”

Obrigou-me a esperar. Esfregou um olho e sorriu-me pensativamente. Mordi a parte de dentro da bochecha até que ele finalmente cedeu e prosseguiu.

“Fui ter com Kettricken, por vias e meios que deixarei à tua imaginação. Julgo que ela ficou bastante espantada por me encontrar à sua espera no seu quarto. Como te disse, instou-me a permanecer em Torre do Cervo, no interior do castelo, debaixo da sua asa, até terdes completado a sua missão. Tive de declinar, claro. E...” Aqui, ele hesitou por algum tempo. “Tive uma conversa com Castro. Acho que já sabes disso, ou já suspeitas. Chocou-me que ele me tivesse reconhecido de imediato, tal como tu reconheceste. Fez-me perguntas, não porque precisasse de respostas, mas para confirmar o que já deduzira sozinho, a partir de um encontro anterior com Kettricken.”

Fez uma pausa tão longa que temi que não prosseguisse. Depois disse, em voz baixa: “Em certa altura ficou tão furioso com o que lhe disse, que julguei que me ia matar à pancada. Depois, de repente, desatou a chorar.” E de novo parou. Fiquei ali sentado, com a língua transformada em cinzas na boca. Quase senti esperança de que ele não prosseguisse. Quando o fez, soube que deixara muito por dizer.

“Privado de qualquer apoio no castelo, pensei tolamente regressar à minha estalagem para ver que farrapos das minhas riquezas os credores podiam ter-me deixado para me ajudar na fuga. Os meus aposentos nus pareciam ter sido despojados por uma horda de gafanhotos. Mas o pior estava para vir. O senhorio tinha-me visto entrar,

e recebera subornos dos meus credores para os contactar imediatamente se me visse ou ouvisse falar de mim. E ganhou bem as moedas sebetas. Pois apareceu uma segunda vaga de antigos amigos furiosos. Julgar-se-ia que tinham ganho honestamente o dinheiro que lhes devia em apostas, tal era o ultraje moralista que mostravam!

“Portanto, voltei a fugir. Desta vez, fugi por completo da cidade, não tanto por temer os meus credores, como por estar furioso com os meus ‘amigos.’ Tu tinhas-me traído, Fitz. E, no entanto, talvez fosse a tua vez de me trair, visto eu ter-te falhado tanto.”

“O quê?”

Fiquei estupefacto por ele poder dizer tal coisa. Mas quando os nossos olhares se cruzaram, vi uma vergonha antiga nos seus olhos profundos, e lembrei-me de um momento nas montanhas em que os meus inimigos o tinham usado contra mim. “Tu sabes que eu nunca contei isso em teu desfavor. Não foste tu, Bobo. Não foste.”

“E talvez tenha sido mais o Breu do que tu, quando me traíste, mas apesar disso o dano ficou feito. E eu fiquei furioso, assustado e desolado por pensar que talvez tivesse chegado tão longe, só para ser derrotado por aquele em quem mais confiava. Fugi de Torre do Cervo a pé, esquivando-me aos meus perseguidores, mas sabendo que não podia assim ficar por muito tempo e perguntando a mim próprio o que poderia fazer em seguida. Como podia ser, perguntei a mim próprio, que o Catalisador conseguisse mudar de tal maneira os acontecimentos para o Profeta Branco se ver tão completamente derrotado? E lentamente apercebi-me de que isso era impossível; havia um padrão mais profundo do que aquele que eu vislumbrara a princípio. Decidi entregar-me a ele, embora não fosse capaz de adivinhar que padrão poderia ser.”

Eu virara a cabeça sobre os braços para poder observá-lo enquanto ele contava a história. Nessa altura, soltei um suspiro, e descontraí as costas tortas. Ele tirou a mão de baixo das mantas para despejar uma escassa quantidade de chá numa chávena e numa tigela, após o que indicou por gestos que eu podia pegar na que quisesse. O bule fora claramente feito para uma pessoa, a viajar sozinha, e tocou-me que, mesmo assim, ele se oferecesse para partilhar. Ergui a tigela e beberiquei dela. Sabia a flores, um gole de verão naquela terra onde o inverno reinava em permanência. O calor que trazia estava a escapar-se rapidamente, aquecendo-me brevemente as mãos enquanto atravessava a cerâmica. Os longos dedos elegantes do Bobo envolveram a chávena enquanto ele bebia a sua parte.

“Continua,” pedi, quando o Bobo deixou o silêncio crescer. Sabia que fazê-lo era um truque de contador de histórias, mas não lhe levei a mal o drama.

“Bom. A minha segunda horda de credores tinha dado ouvidos às histórias da primeira. Depressa vieram atrás de mim. Fugi, e rapidamente, mas o vestuário de Dom Dourado era um pouco aparatoso para se misturar na multidão, e a minha mochila estorvava-me. Lembras-te da colina fora de Torre do Cervo, onde ainda se erguem as Pedras Testemunha?”

“Claro.” Estava intrigado. Era o último lugar para onde eu teria fugido. As pedras nuas e negras erguem-se na vertente despida da colina, onde sempre se ergueram, desgastadas pelo tempo e indiferentes a tudo. O povo dos Seis Ducados há muito que as usa como local de juramento. Amantes trocam aí promessas. Diz-se que, se dois homens aí duelarem, os deuses se assegurarão de que a justiça seja feita. Quem tem razão vencerá aí, mesmo que não vença em mais nenhum lugar. É um sítio estranhamente solene, despido de vegetação rasteira ou de trepadeiras. Não haveria lá esconderijo onde uma criatura acoçada se pudesse ocultar. “Mas porquê ir para lá?”

Ele ergueu um ombro estreito num encolher eloquente. “Sabia que não conseguiria ir longe. Se fosse capturado e levado de volta para Torre do Cervo, sem dúvida que os meus credores não só me tirariam o equipamento, como me escravizariam para pagar as dívidas com trabalho. Eu e a minha missão no mundo seríamos totalmente desfeitos. Portanto resolvi confiar no destino, e testar uma ideia que tinha formulado há muito tempo. As Pedras Testemunha são pedras de portal, Fitz, iguais aos pilares de Talento que já antes usaste quando tiveste grande necessidade de fugir. Salvo que, claro, há muito tempo algo ou alguém apagou as runas dos lados das Pedras Testemunha. Talvez sejam tão velhas que se desgastaram naturalmente; talvez algum antigo utilizador do Talento tenha decidido pôr fim à sua utilidade. Em qualquer caso, as runas que diziam onde elas levam desapareceram, deixando apenas as marcas desgastadas onde estiveram em tempos. Enquanto corria para elas, com a mochila pesada às costas, lembrei aquilo que me contaste sobre as tuas aventuras na Praia do Tesouro com o Príncipe Respeitador. Sabia que podia escolher a face errada da pedra e dar por mim mergulhado em profunda água fria.”

Endireitei-me, num lento horror gelado. “Bobo, é muito pior do que isso! E se uma pedra tivesse caído com um lado para baixo, e tu

fosses atirado dela para dentro da terra sólida? Ou se tivesses escolhido um destino onde a pedra foi estilhaçada ou...”

“Todos esses pensamentos me passaram rapidamente pela mente enquanto corria para a pedra. Felizmente, não houve tempo para escolher, nem sequer houve tempo para perguntar a mim próprio se ainda haveria suficiente Talento nos meus dedos para fazer funcionar a pedra. Atingi a pedra, com as pontas dos dedos, sabendo apenas que tinha, tinha, tinha de passar pelo portal.”

Fez uma pausa. Eu estava atentamente inclinado para ele, com o coração na garganta. Passar por um portal de Talento sempre fora difícil para mim. Sabíamos tão pouco sobre eles, não mais que algumas pedras verticais esculpidas em pedra de memória e assinaladas com runas podiam servir como passagens para lugares distantes. Eu usara-as menos de uma dúzia de vezes na vida, e nunca sem temor e desconforto. Alguns dos utilizadores inexperientes de Talento de Majestoso tinham enlouquecido após serem forçados a usar os portais de Talento. Usar um deles confundira as recordações de Respeitador sobre o tempo que passáramos na Praia do Tesouro e deixara-nos a ambos exaustos.

O Bobo dirigiu-me um sorriso doce. “Não façás essa cara. Sabes que sobreviví.”

“A que custo?”, perguntei, sabendo que devia haver um custo.

“Exaustão. Emergi algures, não faço ideia de onde. Em nenhum sítio onde já tivesse estado. Era uma cidade em ruínas, tão imóvel como a pedra morta pode estar. Havia um rio lá perto. É tudo o que posso dizer-te. Dormi, não sei durante quanto tempo. Quando acordei, a alvorada rodeava-me por todos os lados. E o pilar de Talento erguia-se acima de mim. Aquele brilhava, limpo de líquenes ou musgos, com todas as runas a destacar-se tão claramente como se tivessem sido esculpidas no dia anterior. Estudei-as durante muito tempo, com receio e temor, e no entanto sabendo que me ofereciam a única esperança. Reduzi as opções a duas, que poderiam eventualmente ser aquela que eu desejava. E depois voltei a entrar no pilar.”

“Não,” gemi.

“Precisamente como me senti. Emergi sentindo-me como se tivesse apanhado uma grande surra. Mas tinha chegado ao lugar certo.”

Obrigou-me a fazer a pergunta, deleitando-se com isso. “Onde?”

“Lembras-te da praça quebrada, parecida com um antigo mercado circular? Aquela que a floresta estava a tentar invadir? Pus-me aí em

cima de um pilar de pedra, e por um momento, num sonho, usei a Coroa dos Galos. Tu viste-me. Lembras-te.”

Anuí lentamente. “Foi a caminho do Jardim de Pedra. Onde os dragões de pedra dormiam, antes de os despertarmos e os enviarmos para combater os Navios Vermelhos. Onde agora estão de novo a dormir, com Veracidade-Enquanto-Dragão entre eles.”

“Exatamente. E eu voltei a avançar por esse caminho florestal, e vi-o lá. Mas não era a ele que procurava. Descobri lá a Rapariga-num-Dragão, a dormir, abraçada ao pescoço do seu dragão, tal como me tinhas contado. E despertei-a, e fi-la compreender que tinha de vir até aqui, e de novo montei atrás dela e ela voou para cá comigo. E deixou-me. Portanto, como vês, velho amigo, não te menti. Voei até cá.”

Sentei-me direito como uma seta, de súbito totalmente desperto. Cem perguntas cresceram em mim, mas fiz a mais importante. “Como foi que a acordaste? Acordar um dragão de pedra exige Manha, Talento e sangue. Bem de mais sei eu isso!”

“Exigia. E continua a exigir. Talento tinha eu nas pontas dos dedos, e sangue foi bastante fácil de arranjar.” Esfregou o pulso, talvez lembrando-se de um antigo corte. “Não tinha, e não tenho, a Manha. Mas talvez recordes que, insensatamente, eu já tinha posto parte de mim na Rapariga-num-Dragão, quando estava a tentar completar a sua escultura e despertá-la.”

“Tal como eu,” recordei, sentindo-me culpado.

“Sim. Eu sei,” disse ele com suavidade. “Ainda está nela. Puseste lá as memórias que não suportavas recordar e as emoções que não querias permitir-te sentir. Deste-lhe a tua mãe a abandonar-te, o facto de nunca teres conhecido o teu pai. Deste-lhe o tormento que Majestoso te causou nas masmorras. Deste-lhe, acima de tudo, a dor de perder Moli e a tua filha para Castro, entre todas as pessoas. Puseste nela a tua fúria e a tua dor e a tua sensação de seres traído.” Soltou um pequeno suspiro. “Ainda está tudo nela. As coisas que não conseguias permitir-te sentir.”

“Deixei tudo isso para trás há muito tempo,” disse eu com lentidão.

“Cortaste uma parte de ti e seguiste em frente, menos do que tinhas sido.”

“Não vejo as coisas assim.” A minha resposta soou rígida.

“Não consegues vê-las assim,” informou ele com calma. “Porque não consegues realmente lembrar-te de quão horrível qualquer uma dessas coisas era. Porque puseste tudo na Rapariga-num-Dragão.”

“Podemos abandonar isto?”, perguntei, quase assustado, quase zangado, mas confuso com o que me poderia assustar ou enfurecer.

“Temos de o abandonar. Porque tu já o abandonaste há longos anos. E só eu alguma vez saberei tudo o que sentiste sobre essas coisas. Só eu me lembro por completo de quem e o que tu eras antes de o fazeres. Porque nós estamos ligados, não só pelo Talento e pelo destino, mas também porque ambos continuamos a viver, dentro da Rapariga-num-Dragão. Foi porque eu sabia o que tinha sido posto nela que consegui contactá-la e despertá-la. Pude transmitir-lhe o meu desesperado objetivo. E assim, ela trouxe-me para Aslevjal.

“Foi uma estranha viagem, excitante e maravilhosa. Sabes que eu já tinha voado com ela. Estava com ela quando ela e os outros dragões atacaram não só os Navios Vermelhos que assolavam os Seis Ducados, mas os Navios Brancos que eram as cruéis ferramentas da Mulher Pálida. Foi estranho para mim ser apanhado numa verdadeira batalha. Não gostei.”

“Ninguém gosta,” assegurei-lhe. Voltei a encostar a testa aos joelhos e fechei os olhos.

“Suponho que não. Mas desta vez, voando com ela, foi diferente. Não houve matança a testemunhar, nenhum outro dragão a voar ao nosso lado. Em vez disso, foi só ela e eu. Sentei-me atrás dela e pus os braços em volta da sua esguia cintura. Ela é parte do dragão, sabes?, nem por sombras uma criatura separada. É mais semelhante a um membro em forma de rapariga do que a qualquer outra coisa. Portanto, não falou comigo, e no entanto, de forma bastante estranha, sorria, e de vez em quando virava-se para me olhar no rosto ou indicava por gestos qualquer coisa no mundo lá em baixo que desejava que eu visse.

“Ela voou incansavelmente. Desde o momento em que subi para trás dela e o poderoso bater das suas asas de dragão nos elevou através das copas das árvores até ao momento em que aterrámos nas praias de areia negra de Aslevjal, não descansou. Nem eu. A princípio, voámos pelos céus azuis de verão das terras para lá do Reino da Montanha. Depois voámos mais alto, até o meu coração saltar no peito e eu ficar entontecido, por sobre os picos nevados e os caminhos movimentados das Montanhas, e depois de regresso ao verão. Voámos sobre as aldeias do Reino da Montanha. Aninham-se nas sinuosidades e flancos das montanhas, e os seus rebanhos espalham-se pelas íngremes pastagens como as flores de macieira juncam a relva de um pomar após uma tempestade de primavera.”

Eu vi aquilo, na mente, e esbocei um ténue sorriso quando ele fa-

lou de voar sobre um povoado dos Seis Ducados ao princípio da manhã, e do rapaz que olhou para cima e os viu e correu aos gritos para dentro de casa. E ele continuou a falar, de rios semelhantes a costuras de prata na terra e de campos plantados que eram como retalhos quando vistos de cima, e do oceano, enrugado como papel pontilhado de prata. Na minha mente, voei com ele.

Devo ter adormecido, embalado pela sua estranha história. Quando acordei, a noite a toda a nossa volta estava cerrada. O acampamento fora da nossa tenda estava silencioso, e o fogareiro dele continha uma única chama tremeluzente num pavio mergulhado no óleo. Eu estava aninhado sob uma das mantas dele, caído de lado na sua cama. Ele dormia, enrolado como um gatinho, quase com a testa a tocar a minha, do outro lado da enxerga. Tinha a respiração profunda e regular, e uma longa mão estava pousada de palma para cima nas mantas entre nós, como se fosse uma oferenda, ou estivesse a pedir-me alguma coisa. Ensonadamente, estendi a mão e pousei-a na dele. Ele não pareceu acordar. Estranhamente, senti-me em paz. Fechei os olhos e afundei-me num sono profundo e sem sonhos.



## *Debaixo do Gelo*



*Os ilhéus sempre foram piratas. Nos anos anteriores à Guerra dos Navios Vermelhos houve incidentes de pirataria, como parece que sempre tem havido. Navios isolados liderados pelo kaempra de um clã desencadeavam um rápido ataque, levando gado, colheitas e, ocasionalmente, cativos. Era Vigas quem suportava a maior parte dessas escaramuças, e parecia deliciar-se tanto com elas como Razos apreciava as suas disputas fronteiriças com Calcede. O Duque de Vigas parecia satisfeito por serem problema seu, e poucas queixas fazia por ter de lidar com os ilhéus.*

*Mas com o aparecimento dos navios de cascos vermelhos de Quebal Pancru, as regras de batalha mudaram. De súbito, os navios apareceram em grupos, e pareciam mais determinados a causar violações e ruína do que na rápida aquisição de bens. Queimavam ou estragavam o que não podiam levar consigo, massacrando manadas e rebanhos, queimando os cereais nos campos e nos armazéns. Matavam até aqueles que não lhes resistiam. Uma nova maldade aparecera naqueles ataques, uma maldade que não se deliciava apenas com o roubo, mas também com a destruição e a devastação.*

*Nessa altura, nem sequer tínhamos ouvido falar da Mulher Pálida e da sua influência sobre Pancru.*

— ESCRIBA PENACARRIÇO,  
“UMA HISTÓRIA DA GUERRA DOS NAVIOS VERMELHOS”

**D**e manhã, quando chegámos à borda da nossa fossa, tanto Enigma como eu soltámos gemidos. Depois fomos trabalhar, recolhendo e arremessando a neve que tinha sido soprada para dentro da escavação do dia anterior, enchendo-a até meio. A neve era mais leve e não estava compactada, mas apesar disso o trabalho era frustrante. Era como retirar pazadas de penas, e metade do que recolhíamos flutuava, livre, e voltava a pairar até ao fundo do buraco. Era quase meio-dia quando limpámos tudo até onde tínhamos chegado na noite anterior. Depois apareceram as picaretas e pusemo-nos a quebrar gelo, a recolhê-lo e a atirá-lo para fora do buraco.

A princípio tive dores, e depois não tive, e depois comecei a tê-las em novos sítios. Nessa noite, caí num sono exausto, mais profundo do que sonhos ou pesares. O vento estava de novo a soprar. Todas as noites, o vento soprava. Todas as manhãs dávamos início à tarefa de recolher a neve empurrada para o buraco na noite anterior. Mas lentamente, implacavelmente, fomos labutando e o fosso foi-se aprofundando. Quando deixámos de conseguir atirar o gelo para fora dele, escavámos uma rampa numa das pontas. Depois disso passámos a amontoar o gelo num dos trenós e dois homens puxavam-no para fora do fosso e iam despejá-lo longe. A tarefa era entediante em extremo. E não encontrámos qualquer sinal de dragão no fundo. Pior, a sensação de Manha que dele tinha tornou-se mais ténue, não mais forte.

A força de trabalho cresceu após o primeiro dia. O primeiro acrescento foi o Príncipe Respeitador, que arregaçou as mangas e pegou numa picareta. Breu limitou a sua participação à supervisão. Fazia-me lembrar o gato de Cortês, o qual se empoleirava na borda do fosso e nos observava com um supremo desinteresse.

Quando a narcheska entrou no fosso, Respeitador parou de trabalhar para a avisar de que o gelo projetado pela sua picareta podia feri-la. Ela dirigiu-lhe um estranho sorrisinho, entre triste e namorado, e aconselhou-o a ter cuidado com o gelo voador que a picareta dela poderia libertar. E depois deitou-se ao trabalho a seu lado, brandindo a picareta com a competência duma rapariga do campo. “Ela costumava ajudar a desenterrar as pedras, quando preparávamos os novos campos na primavera,” observou Peotre. Virei-me e deparei com ele a observá-la com uma mistura de orgulho e desgosto. “Dá-me a pá durante algum tempo, enquanto descansas.”

Percebi o que ele pretendia e entreguei-lhe a ferramenta. Depois disso, tanto a narcheska como Peotre trabalharam ao nosso lado, com Peotre a assegurar-se de nunca estar longe daquela que tinha a carga.

A narcheska parecia assegurar-se de nunca estar longe do príncipe. Era o primeiro sinal de cordialidade que Eliânia mostrava para com Respeitador em vários dias, e pareceu animar o príncipe. Os dois conversavam em vozes baixas, aos arrancos ofegantes entre golpes de picareta, e passavam juntos os períodos de descanso. Peotre vigiava-os, por vezes desaprovador, por vezes melancólico. Creio que acabara involuntariamente por gostar do nosso príncipe.

O círculo de Manhosos decidiu que apoiava a ideia de libertar o dragão, e por conseguinte não tinha dúvidas em ajudar a escavação. Quando o Bobo aplicou a sua força rija tanto à escavação como à deslocação do gelo, os representantes do Hetgurd vieram cautelosamente observar. Ao terceiro dia, ajudavam a arrastar trenós carregados de neve e gelo para longe do fosso e a despejá-los. Suspeito que a curiosidade de ver o dragão envolto em gelo lhes servia tanto de motivação como qualquer outra coisa.

Ao quinto dia, Breu mandou Enigma e o jovem Ordem ao local onde tínhamos deixado um abastecimento de provisões, na praia. Peotre estava hesitante quanto a mandá-los embora, e aconselhou-os muitas vezes a seguirem as bandeiras que colocara ao longo da nossa rota e a não se afastarem dela. Estava sério e apreensivo quando eles partiram. Levaram um trenó, pois deviam trazer comida e as pás e picaretas adicionais que tínhamos trazido, visto que agora tínhamos uma força de trabalho mais numerosa. Breu também lhes disse para trazerem toda a tela, na esperança de erguer um corta-vento ou uma cobertura para a escavação que conseguisse bloquear a neve que nos contrariava os esforços todas as noites. Eu suspeitava que eles também iam recuperar o resto das pequenas barricas de pó explosivo. Não queria ter nada a ver com isso quando pensava no assunto à noite, mas de dia, enquanto batalhava contra o gelo antigo e duro, por vezes ansiava por descobrir o que o pó seria capaz de fazer.

Continuámos a cavar. Se eu parava para descansar e olhava para os lados do nosso fosso, conseguia ver as camadas no gelo que assinalavam a passagem dos invernos. Todos os anos, mais neve fora depositada ali, e todos os anos sucessivos mais uma camada a cobrir. Ocorreu-me que estávamos a cavar através do tempo e por vezes, quando olhava para as camadas, perguntava a mim próprio quando teria o gelo sob os meus pés caído na forma de neve. Há quanto tempo estaria Fogojelo ali em baixo, e como teria ali chegado? Cavámos mais fundo, e mais fundo, e continuámos a não ver uma única escama de dragão. De vez em quando, Breu e Respeitador consultavam o círculo de Manha. De todas

as vezes, os Manhosos asseguravam ao príncipe e ao seu conselheiro que ainda sentiam de vez em quando o despertar do ser do dragão. Eu concordava com eles. Contudo, aquelas consultas também me levaram a compreender que o meu poder na Manha era substancialmente mais forte do que o de Respeitador. Eu não era tão percetivo como Teio, mas julgava estar pelo menos ao nível de Veloz. Berbigão era provavelmente um pouco mais forte do que Respeitador, e Cortês mais forte do que o menestrel, mas não tão sensitivo como eu. Era estranho conseguir aperceber-me de que a Manha podia ser um talento forte ou fraco num homem. Eu sempre pensara nela como um sentido que as pessoas ou tinham ou não tinham. Agora apercebia-me de que era como uma aptidão para a música ou a jardinagem. A sua força variava muito, tal como acontecia com a capacidade para o Talento.

Talvez fosse a prodigiosa força de Talento de Obtuso que o mantinha tão firmemente preso ao dragão. O homenzinho parecia ter-se transformado num completo idiota, olhando em frente com olhos vazios e trauteando. Ocasionalmente, fazia uma pausa e executava pequenos movimentos com as mãos. Nem a melodia que trauteava, nem os movimentos de mãos me transmitiam alguma coisa. Uma vez, quando descansava depois de um turno a cavar, sentei-me a seu lado. Com hesitação, pus a mão no seu ombro e tentei descobrir a minha capacidade para o Talento. Esperara que o feroz fogo de Talento que ardia sempre nele voltasse a incendiar as minhas capacidades. Mas nada aconteceu, salvo Obtuso ter sacudido a minha mão passado pouco tempo, como um cavalo poderia enxotar uma mosca da pelagem. Até o seu interesse pela comida minguarda, e isso era o que mais me preocupava. Não só Galeno, o meu primeiro instrutor de Talento, como Veracidade, me tinham prevenido do perigo que era ficar demasiado absorvido no Talento. Era sempre a primeira barreira que os novos iniciados tinham de saltar, e para muitos essa barreira mostrara-se mortal. Os pergaminhos de instrução no Talento contavam muitas histórias tristes sobre estudantes promissores que tinham sido levados pela corrente do Talento, perdendo todo o contacto com o nosso mundo enquanto desfrutavam do contacto único que a magia proporcionava. Por fim, tais pessoas ficavam de tal modo arrebatadas que perdiam interesse em comida e bebida, em conversar com os companheiros, e por fim paravam por completo de cuidar de si próprias. Um pergaminho avisava que um desses utilizadores de Talento se transformara num “grande bebé babão” e Obtuso parecia balançar à beira de um declínio semelhante. Eu sempre supusera que o perigo era o fascínio do próprio

Talento, pois eu próprio sentira com frequência essa atração. Mas se Breu e Respeitador tinham razão, então Obtuso estava a ser seduzido não pelo Talento, mas pela atração de outra mente, mais poderosa. Fiz várias tentativas infrutíferas para conversar com ele, obtendo um mínimo de resposta até que, por fim, ele me disse, aborrecido: “Vai-te embora! Incomodar uma pessoa ocupada não é boa educação!” E depois voltou a fixar os olhos e recomeçou a balançar.

O Talento permaneceu morto em mim.

E era ainda mais frustrante por Respeitador ter estabelecido contacto com Urtiga. Já por duas vezes tocara na sua mente, tentando convencê-la de quem era e do que precisava. Da primeira vez, ela erguera as muralhas contra ele, dizendo que não estava com disposição para histórias tolas e perguntando porque haveria um príncipe de tentar contactá-la num sonho. Da segunda vez mostrara-se mais recetiva, pois julgo que ele lhe espicagara a curiosidade. Até tentara, com pouco sucesso, distrair Obtuso daquilo que o inquietava, embora me pareça que o fizera mais por preocupação com ele do que para agradar ao príncipe. Respeitador acompanhara-a nessa missão, mas pouco sentido conseguira obter das imagens oníricas que ela usara. Só conseguia explicar que Obtuso parecera ter ido para um lugar onde a sua cançoneta era uma parte essencial de uma peça musical muito mais grandiosa, e não era possível levá-lo a afastar-se desse lugar. Era uma analogia frustrante. E quanto a transmitir as mensagens do príncipe à rainha, Urtiga dissera que mencionaria os seus “sonhos estranhos” a Kettricken, se o acaso lhe fornecesse um momento em privado com Sua Majestade, mas que não se arriscaria a fazer figura de idiota perante as damas da corte. Já o fizera por várias vezes, com a sua falta de maneiras de corte, e não tinha qualquer desejo de lhes dar mais divertimento do que já dera.

Aquilo causou-me aflição. Se eu tivesse consentido, desde o princípio, em permitir que ela aprendesse a sua história e que visitasse a corte, Urtiga teria crescido na companhia de damas e cavalheiros e não se teria envergonhado pelos seus modos campestres. Perguntei a mim próprio se Kettricken a andaria agora a preparar, tanto em estudos como em maneiras, para poder desempenhar um papel como herdeira secundária ao trono. Ansiei por ser capaz de falar com Urtiga, para descobrir o que lhe teriam dito sobre o seu legado e para lhe fornecer as minhas explicações para o motivo por que fora criada como fora. Mas a minha falta de Talento silenciava-me, e só podia suplicar todas as noites ao príncipe para ser cuidadoso com o que lhe dizia.

De dia continuávamos a cavar. O trabalho era extenuante e a comida limitada e aborrecida. As noites eram frias e ventosas, e mal podíamos esperar pelo regresso dos homens com a tela. Mas eles não regressavam. Breu concedeu-lhes um dia adicional, depois dois. Os homens do Hetgurd afirmavam terem vislumbrado o Homem Negro a circundar o acampamento à noite, mas as suas oferendas nunca eram levadas, e a neve soprada pelo vento apagava quaisquer rastros que ele pudesse ter deixado. Numa das nossas conversas noturnas, o Bobo disse que julgava ter sentido por várias vezes a presença do Homem Negro e suspeitava que éramos vigiados. Também eu experimentara essa sensação desconfortável de ser observado, mas nunca consegui ver alguém a espiar-nos. Suspeitei que o mesmo se passava com Teio, pois por duas vezes chamou Risca da sua varredura da costa e pediu-lhe para sobrevoar o nosso acampamento. Disse-me que a ave nada viu de incomum, apenas neve, gelo, e algumas rochas espetadas.

Nos breves períodos em que não estávamos a cavar, a comer ou a dormir, Teio arranjava momentos para trabalhar comigo na minha Manha. Dizia, sem crueldade, que na verdade era bom que eu estivesse de momento sem parceiro, pois isso dava-me maior concentração na magia sem a tornar específica de uma criatura. Acrescentou que também Veloz parecia estar a beneficiar de estudar enquanto livre, de onde eu concluí que as aulas do rapaz prosseguiam, tal como as minhas. Quando estava comigo, Teio concentrava-se em levar-me a ver como a Manha ligava todas as coisas vivas, não só os membros do Sangue Antigo, mas tudo. Mostrou-me como conseguia estender a Manha e envolvê-la em volta de Obtuso, para se aperceber melhor das suas necessidades e sentimentos, muito embora Obtuso se mantivesse inconsciente dele. Não era uma disciplina fácil de dominar, pois envolvia tornar as minhas próprias necessidades e interesses subservientes relativamente às dele. “Observa uma mãe com um bebé, qualquer tipo de mãe, humana ou animal. Aí verás isto a ser feito ao nível mais simples e instintivo. Se uma pessoa estiver disposta a trabalhar nela, conseguirá estender o mesmo tipo de percepção a outros. É algo que vale a pena fazer, pois confere um nível de compreensão mútua que torna o ódio quase impossível. É raro conseguirmos odiar uma pessoa se a compreendermos.”

Duvidava de algum dia ser capaz de alcançar esse nível de compreensão, mas tentei. Uma noite, enquanto comia com Respeitador e Breu na tenda de ambos, tentei estender a minha Manha para incluir Breu. Abdiqueei da minha fome e das minhas dores nas costas e da

minha ansiedade com o Talento perdido e concentrei-me no velho. Vi-o com tanta clareza como se fosse uma presa. Estudei como se sentava, com as costas direitas, como se estivesse demasiado hirto até para se curvar, e como mantinha as luvas calçadas enquanto emborcava colheradas das pálidas papas que eram o nosso repasto noturno. A sua cara era um estudo de contrastes, nariz e bochechas vermelhos, enquanto a testa estava pálida do frio. Depois, como se lhe visse de repente a sombra pela primeira vez, vislumbrei uma solidão que se estendia para trás dele, até aos seus anos de juventude. De súbito senti os seus anos e a estranheza de um destino que o enviara, na sua idade avançada, até um acampamento num glaciar, junto com o rapaz que queria transformar em rei.

“Que é?”, perguntou-me ele de súbito, e eu sobressaltei-me, apercebendo-me de que estivera a fitá-lo.

Procurei atrapalhadamente uma resposta e depois disse: “Estava só a pensar em todos os anos e vezes que me sentei na tua frente, e perguntava a mim próprio se alguma vez te vi realmente.”

Os olhos esbugalharam-se-lhe, quase como se temesse um tal pensamento. Depois, franziu o sobrolho e disse: “E eu que esperava que tivesses algo de útil em mente. Bom, eis aquilo em que tenho estado a refletir. Enigma e Ordem não regressaram com as provisões. Já deviam estar de volta. Hoje, perguntei a Teio se a sua ave podia procurá-los. Ele disse que era difícil transmitir-lhe que queria notícias de dois homens específicos, tal como seria se eu te perguntasse se tinhas visto duas gaivotas em particular. Ele pediu-lhe para procurar dois homens com um trenó; disse que a ave não os viu.” Breu abanou a cabeça. “Temo o pior. Precisamos de mandar alguém para trás, não só para procurar Enigma e Ordem, mas também para trazer as provisões de que necessitamos. Pavilongo disse-me esta noite que temos comida para mais quatro dias, cinco se voltar a cortar as rações.” Esfregou faticamente as mãos enluvadas uma na outra. “Nunca pensei que levaria tanto tempo a desenterrar o dragão. Todos os relatórios que tínhamos pareciam dizer que ele estava próximo da superfície, até visível, há anos. Mas cavamos e cavamos e não encontramos nada.”

“Ele está lá,” assegurou-lhe o príncipe. “E aproximamo-nos todos os dias.”

Breu soltou uma fungadela. “E se eu der um passo para sul todos os dias, estaria a aproximar-me de Torre do Cervo, mas ninguém poderia dizer-me quanto tempo levaria a chegar lá.” Levantou-se com um gemido. Sentar-se na terra fria, mesmo com várias camadas de

mantas por baixo do corpo, era claramente desconfortável. Moveu-se lentamente pela tenda acanhada, esticando cautelosamente as pernas e as costas. “Amanhã vou mandar o Fitz ver o que aconteceu a Enigma e a Ordem. E quero que leves contigo Obtuso e o Bobo.”

“Obtuso e o Bobo? Porquê?”

Para ele era óbvio. “Quem mais posso tirar da escavação? Afastar Obtuso das vizinhanças do dragão talvez o leve a recuperar. Se recuperar, deixa-o com Adejão e Paulado na praia, com as nossas provisões. Diz-lhe para nos transmitir de lá pelo Talento todas as novidades que tiver.”

“Mas porquê o Bobo?”

“Porque são precisos dois homens para puxar o trenó quando está carregado, e não me parece que Obtuso seja nisso de grande ajuda para ti. Suspeito que terás de pôr Obtuso no trenó para o levares daqui. És uma das poucas pessoas que conseguem lidar com Obtuso, portanto tens de ser um dos que vão. Fitz, eu sei que não é uma missão que tu escolherias, mas quem mais poderei enviar?”

Inclinei a cabeça para ele. “Então não estás só a tentar mandar-nos, a mim e ao Bobo, para longe da área de escavação antes de o dragão ser desenterrado?”

Ele suspirou. “Se te mandasse a ti e não ao Bobo, perguntarias se estava a tentar separar-vos. Se mandasse o Bobo e não a ti, tenho a certeza que dirias a mesma coisa. Suponho que podia pedir a Teio para levar Obtuso e outro homem neste serviço, mas ele não compreende o Talento que Obtuso tem. E se algo aconteceu a Enigma e a Ordem, bem, acho que és mais capaz de lidar com uma ameaça do que...” De súbito atirou as mãos ao ar e disse, derrotado: “Faz o que quiseres, Fitz. Fá-lo-ias de qualquer forma, e o Bobo só irá se lhe pedires. Não tenho poder para o mandar seja para onde for. Portanto decide tu.”

Senti-me um pouco embaraçado. Talvez estivesse à procura de motivações que realmente não existiam. “Eu vou. E peço ao Bobo para ir comigo. Honestamente, agradecer-me-á afastar-me da escavação. Faz uma lista do que queres que seja trazido.” Em privado, decidi que recolheria toda a madeira trazida pelo mar que conseguisse encontrar na praia e a traria comigo, independentemente de quanto peso ela adicionasse à carga. Breu beneficiaria de uma boa fogueira crepitante, decidi, mesmo se ela só durasse uma noite.

“Então apronta-te à primeira luz da aurora,” aconselhou Breu.

O Bobo não se mostrou tão contente por abandonar a escavação



como eu estava. “Mas e se chegarem ao dragão enquanto andamos por longe? E se eu não estiver aqui para o defender?”

“Os guardiães do Hetgurd e o círculo de Manha opõem-se tanto como tu a matá-lo. Não te parece que serão suficientes?”

Estávamos deitados juntos, dormindo costas contra costas para partilharmos o calor do corpo, tal como fizéramos nas Montanhas, tantos anos antes. Em boa verdade, eu pouco beneficiava disso, pois o corpo do Bobo sempre parecera frio quando era tocado. Pensei que era bastante semelhante a dormir ao lado de um lagarto. Mas se ele não dava muito calor, a sensação sólida das suas costas encostadas às minhas era uma reafirmação de camaradagem que eu não sentia desde que Olhos-de-Noite morrera. Há segurança em saber-se que um amigo nos defende as costas, mesmo se ele estiver profundamente adormecido.

“Não sei. Estou perto de mais do momento em que todas as minhas visões pararam.” Ele fez uma pausa, como se esperasse que eu lhe perguntasse alguma coisa, mas esse era um tema que eu não desejava explorar. Depois: “Achas que devíamos ir?”, perguntou com cautela.

Mudei de posição na cama, gemendo quando os meus músculos doridos protestaram. “Não me parece que tenha pensado muito sobre o assunto. Breu diz-me o que fazer há tanto tempo que me limitei a aceitar que devia ir. Mas gostaria de saber o que aconteceu a Enigma e a Ordem. E gostaria de ver se Obtuso recupera quando é afastado da influência do dragão. E...” Voltei a mudar de posição e a gemer. “Não me importaria de passar alguns dias a fazer outra coisa além de cavar.”

Ele ficou em silêncio. Eu também, refletindo no silêncio dele. Perguntei a mim próprio o que estaria a fazer com que levasse tanto tempo a decidir-se. Depois soltei uma gargalhada. “Ah, sim. Já quase me esquecia. Sou o Catalisador, aquele que opera mudanças. E isto seria uma mudança naquilo que pensas que devias fazer. Portanto não consegues decidir se deves opor-te a ela ou não.”

O silêncio estendeu-se durante tanto tempo que julguei que ele tinha adormecido. O dia fora o mais quente que tínhamos tido até àquele momento, transformando o nosso trabalho numa coisa encharcada. Escutei o vento, e esperei que o frio da noite transformasse a superfície do glaciador numa crosta e impedisse o vento de soprar neve para dentro da nossa escavação. Já quase me deixara cair no sono quando ele disse: “Às vezes assustas-me, quando dás voz aos meus pensamentos. Amanhã iremos. Levamos esta tenda para nos abrigarmos, sim?”

“Soa-me bem,” disse eu enquanto adormecia.

E assim, na manhã seguinte partimos. Pavilongo atribuiu-nos provisões para três dias, os quais, segundo nos disse, deviam ser mais do que suficientes para chegarmos à praia. Desmontámos a elegante tenda do Bobo e empacotámo-la no trenó enquanto Pavilongo nos dava instruções de última hora. Se chegássemos à praia sem encontrarmos os outros, devíamos avisar os guardas que aí se encontravam sobre os avistamentos do Homem Negro. Se encontrássemos sinais de que os outros tinham sido vítimas de atividades criminosas, devíamos regressar imediatamente ao acampamento e apresentar um relatório. Se encontrássemos os outros de regresso, devíamos simplesmente dar meia-volta e regressar com eles. A ave de Teio vigiar-nos-ia de vez em quando. Eu confirmava com a cabeça enquanto dispunha no trenó a tenda do Bobo e mantas para três. Como fora predito, tivemos de içar Obtuso para o trenó. Não foi possível convencê-lo a caminhar. Não era tanto que resistisse; simplesmente não cooperava. Dava alguns passos e depois voltava a perder-se nas suas reflexões. Tanto Respeitador como Breu vieram dizer-nos adeus. Respeitador aconchegou o barrete de Obtuso em volta das suas orelhas. Sei que tentou desesperadamente despertar Obtuso com o Talento. Não consegui senti-lo, mas vi a intensidade na cara de Respeitador. Obtuso virou lentamente a cabeça para fitar o príncipe. “Estou bem,” disse numa voz lenta. E depois voltou a perder os olhos na distância.

“Cuida dele, Tomé,” disse-me o príncipe com brusquidão.

“Cuidarei, senhor. Tentarei fazer uma viagem rápida.” E assim dizendo, com Obtuso sentado no grande trenó entrouxado como um casulo, peguei nas cordas e comecei a puxar.

Os patins, muito encerados, deslocaram-se com facilidade sobre a neve. Quase com demasiada facilidade, pois agora estávamos a descer, não a subir. Tive de parar e instalar o travão para evitar que o trenó me passasse por cima. O Bobo seguia à nossa frente, com a mochila aos ombros, bem alta, sondando a neve para se assegurar de que o caminho que percorríamos era bom, muito embora seguissemos a fila de estacas que Peotre instalara para nos assinalar o trajeto.

O dia estava quente e a neve acumulava-se, pesada, nas minhas botas. Quando o caminho que seguíamos se tornou horizontal por algum tempo, os patins do trenó começaram a colar-se. O trenó estava a cavar um caminho mais profundo sobre o antigo e, quando os patins se afundavam na neve, neve húmida e pesada começava a acumular-se em cima deles. Mas o dia estava agradável e puxar Obtuso encavalitado num trenó continuava a ser menos extenuante do que atirar pa-

zadas de gelo para fora de um fosso. A espada garrida que o Bobo me dera batia-me na perna enquanto eu caminhava, pois Pavilongo insistira que eu, pelo menos, devia ir armado. Estávamos a percorrer o caminho muito mais depressa do que antes, pois este estava claramente marcado com as estacas de Peotre, e havia sempre uma inclinação descendente, no mínimo ligeira. O trautear de Obtuso, os guinchos dos patins, e o ruído de esmagamento que os nossos passos faziam na crosta amolecida do glaciár não eram os únicos sons que ouvíamos. O calor enfraquecera o glaciár. Ouvimos uma queda distante de gelo, um trovão que se prolongou durante algum tempo. Foi seguido por rangidos e estrondos menores, mas sempre à distância.

O Bobo começou a assobiar, e eu fiquei muito animado quando vi Obtuso sentar-se e reparar na música. Continuava a trautear ofegantemente, de si para si, mas eu pus-me a fazer comentários sobre a paisagem, apesar de ela ser uniformemente branca, e de vez em quando obtinha dele uma resposta. Isso animou-me mais do que seria razoável, mas também me deixou a matutar. O Talento não era uma magia limitada pela distância, e contudo Obtuso parecia estar a recuperar alguma da sua consciência do mundo à medida que nos íamos afastando mais do dragão enterrado. Não tinha resposta para o motivo por que isso poderia acontecer, e desejei poder discuti-lo com Respeitador e Breu.

Tentei em vão, por várias vezes, sondar com o Talento. Um homem sem pernas a tentar saltar teria obtido mais sucesso. A magia simplesmente desaparecera. Se pensasse nisso, sentia um poço frio ao fundo da barriga. Afastei tais pensamentos. Nada havia que pudesse fazer a esse respeito naquele momento.

O ciclo diário de calor e frio, combinado com o vento noturno, alisara todas as arestas do rasto que tínhamos aberto na passagem anterior. Fiz algumas tentativas vãs para o ler, tentando discernir se Enigma, Ordem e o trenó de ambos teriam passado por ali, mas sem qualquer sucesso. Tínhamos uma vasta vista das terras nevadas abaixo de nós. Por elas nada se movia, certamente nada tão grande como um trenó e dois homens. Era possível que se tivessem demorado na praia, disse eu a mim próprio, ou que algum azar tivesse atrasado o seu regresso. Tentei não somar o desaparecimento deles ao roubo do meu Talento e aos avistamentos do Homem Negro. Tinha uma quantidade insuficiente de factos para fazer com que se somassem até alguma conclusão. Em vez disso, tentei desfrutar da frescura do dia. A certo momento ouvi o grito agudo de uma ave marinha, e quando olhei para

cima, vi uma gaivota a descrever um largo círculo por cima de nós. Ergui uma mão e fiz uma saudação a Risca, perguntando a mim próprio se esse cumprimento seria transmitido a Teio.

Passámos pelo local do nosso acampamento anterior enquanto ainda tínhamos luz do dia e energia com fartura para prosseguir, portanto foi o que fizemos. Nessa noite, erguemos a tenda no trilho por trás do trenó. Obtuso continuava periodicamente a trautear de si para si, mas também expressou tanto interesse como, depois, consternação pelo jantar simples que eu preparei. A pequena tenda ficou um pouco mais acanhada com os três lá dentro, mas também aqueceu mais depressa. Naquela noite, o Bobo contou histórias simples para crianças até estarmos todos mais do que prontos para dormir. A cada nova história, Obtuso trauteava menos e fazia mais perguntas. Em tempos, as constantes interrupções nas histórias ter-me-iam aborrecido. Agora enchiam-me de alívio.

“Queres dar a Breu e a Respeitador as boas-noites por mim?”, pedi a Obtuso quando ele se aconchegou às mantas.

“Dá tu,” sugeriu ele com mau humor.

“Não posso. Comi comida má, e agora não consigo encontrá-los na minha mente.”

Ele ergueu-se sobre um cotovelo e fitou-me. “Oh. Sim. Agora me lembro. Desapareceste. É pena.” Ficou em silêncio por algum tempo, e depois disse: “Eles dizem boa-noite, e obrigado por os informares. E que eu se calhar devia ficar na praia, mas decidem mais tarde.” Inspirou profundamente, satisfeito, e voltou a deixar-se cair nas mantas.

Foi a minha vez de me erguer. “Obtuso. Tu já não tosses. Nem respiras com dificuldade.”

“Pois não.” Ele virou-se, conseguindo pontapear-me ao fazê-lo. Quase me queixei, mas ele acrescentou: “Ele disse-me: ‘Conserta-te. Não sejas parvo, conserta-te, não sejas chato.’ Portanto, consertei-me.”

“Quem foi que te disse isso?”, perguntei, apesar de sentir uma ferroadada de culpa. Porque não teríamos Breu, Respeitador e eu pensado em tentar sarar Obtuso? Agora parecia óbvio. Fiquei envergonhado por não o termos feito.

“Hum.” Obtuso suspirou, pensativo. “O nome dele é uma história, demasiado comprida para contar. Tenho sono. Para de falar comigo.”

E foi tudo. Ele mergulhou num sono profundo. Fiquei a interrogar-me sobre se Fogojelo teria outro nome, um nome de dragão.

Acordei uma vez durante a noite, achando estar a ouvir passos cautelosos fora da nossa tenda. Rastejei até à aba da tenda, e depois

saí com relutância para o frio cristalino. Não vi nada nem ninguém, mesmo depois de dar uma volta completa à tenda.

Quando a manhã chegou, dei uma volta maior ao acampamento enquanto o Bobo tentava aquecer água para nos fazer chá. Trouxe-lhes as novidades. “Alguém veio visitar-nos ontem à noite,” disse, tentando manter ligeireza na voz. “Deu a volta ao nosso acampamento num grande círculo. Depois deitou-se ali na neve durante algum tempo. Depois foi-se embora, por ali, pelo mesmo caminho por onde veio. Achas que eu devia ir ver de onde ele veio?”

“Porquê?”, perguntou Obtuso, ao mesmo tempo que o Bobo dizia, pensativo: “Julgo que Dom Breu e o Príncipe Respeitador gostariam de saber disso.”

“Também me parece que gostariam.” Olhei para Obtuso. Este suspirou com ar fatigado, e depois virou o olhar para dentro.

Alguns momentos mais tarde, disse: “Eles disseram: ‘Ide até à praia.’ Respeitador diz que pensa que deixou lá doces de ácer, num saco. Dizem que devíamos apressar-nos a chegar lá e a voltar com as coisas e dizer aos guardas que lá estão para voltarem connosco. ‘Não ide agora à procura do sítio de onde as pegadas vieram.’”

“Então será isso que faremos.” Como desejava ser capaz de ouvir eu próprio os pensamentos de Breu sobre aquilo.

Dobrámos a tenda e carregámos com ela o trenó. Obtuso subiu para ele com toda a descontração. Refleti sobre o assunto, e decidi que era a solução mais simples para viajar com ele. Arrastá-lo era mais fácil do que acompanhar o seu passo lento. Tal como antes, o Bobo seguiu à nossa frente, testando o caminho enquanto eu puxava. O dia estava bom, com um vento morno a soprar pela face nevada do mundo. Estava a contar chegar à praia na tarde seguinte, se mantivéssemos o ritmo atual. Obtuso falou de repente.

“Urtiga disse que tinha saudades tuas. Perguntou se a odiavas.”

“Se a odiava... Quando? Quando foi que ela disse isso?”

“À noite.” Obtuso acenou vagamente com a mão. “Disse que simplesmente te foste embora e não voltaste.”

“Mas isso foi porque comi a comida má. E não consegui contactá-la.”

“Pois.” Obtuso afastou o assunto com descontração. “Eu disse-lhe que já não consegues falar com ela. Ficou contente por saber disso.”

“Ficou contente?”

“Achava que estavas morto. Ou coisa assim. Agora tem uma amiga, uma rapariga nova. Vamos parar para comer em breve?”

“Só à noite. Não temos muita comida, portanto temos de ter cuidado. Obtuso, ela...”

As minhas palavras foram interrompidas por um grito de desânimo vindo do Bobo. A sua vara de sondar mergulhara súbita e profundamente na neve. Pegou nela, deu dois passos para a esquerda, e voltou a espetá-la. E de novo se afundou profundamente.

“Fica quieto,” disse eu a Obtuso. Tirei do trenó uma das varas de reserva e avancei, indo parar ao lado do perplexo Bobo. “Neve mole?”, perguntei-lhe.

Ele abanou a cabeça. “É como se só houvesse uma crosta, e depois nada. Se eu não me tivesse agarrado bem à vara, ela tinha-a atravessado por completo.”

“Vamos ter muito cuidado.” Peguei-lhe na manga. “Obtuso, fica no trenó!”, voltei a fazer-lhe lembrar.

“Tenho fome!”

“Tens a comida no saco atrás de ti. Fica quieto e come qualquer coisa.” Parecia a maneira mais fácil de o manter ocupado. Empurrando o Bobo para vir comigo, demos três passos para a direita. Desta vez, fui eu a mergulhar a vara. Senti o que ele me dissera que sentiria. A crosta de neve resistia à vara, e depois ela mergulhava no nada.

“As estacas de Peotre atravessam a fenda,” disse o Bobo.

“Não seria muito difícil deslocar as estacas,” fiz eu notar.

“Mas quem quer que as tivesse deslocado teria de atravessar a fenda.”

“A crosta estaria mais sólida durante a noite. Julgo eu.” Não conseguia decidir se estávamos a enfrentar o perigo natural do glaciário ou se teríamos seguido a linha de estacas até uma armadilha. “Voltemos ao trenó,” sugeri.

“Parece uma ideia excelente,” concordou o Bobo.

E assim aconteceu que, quando o afastei do abismo oculto, mergulhámos na crosta. Afundámo-nos, eu até aos joelhos, o Bobo até às ancas, ambos a berrar de terror. Depois, ao ficarmos ali entalados, eu ri-me alto do nosso medo. Não passava de um ponto mole na neve. “Dá-me a mão,” disse eu enquanto ele se debatia, tentando regressar para cima da crosta. Ele pegou na mão que eu lhe oferecera e depois, enquanto se debatia na minha direção, ambos quebrámos a segunda crosta por baixo de nós e caímos.

Tive um único vislumbre da cara de Obtuso contorcida de terror. Depois, o seu lamento de desespero foi afogado pela chuvada de neve e gelo que caiu connosco e atrás de nós. Agarrei-me à mão do Bobo

enquanto tentava encontrar alguma espécie de solidez no resto do mundo. Não havia nenhuma. Tudo era branco, húmido e frio, e cáimos num terrível e infundável deslizamento de neve solta e bocados de gelo.

A neve parece uma coisa leve e fofo quando está a cair num dia de sol. Mas quando transforma o ar em papas, não se pode respirá-la. Fluiu por dentro da minha roupa como uma coisa viva que desejasse o meu calor. Tornou-se pesada e inflexível. Consegui com esforço erguer a mão livre para dobrar inutilmente o cotovelo à frente da cara. Continuávamos a cair, um lento deslizar e, nalguma parte da minha mente, eu sabia que mais neve deslizaria atrás de nós. Mas, durante tudo aquilo, mantive-me bem agarrado à mão do Bobo, e sabia que a sua mão livre não lhe protegia a cara, mas se agarrava num aperto mortal ao ombro do meu casaco. Não havia ar livre para respirar.

E depois, como se tivéssemos passado pelo tubo de um funil, vimo-nos de repente a cair e a escorregar mais depressa e livremente. Bati os pés, fazendo vagos movimentos natatórios e senti o Bobo também a debater-se a meu lado. Senti que parávamos, numa fria e húmida escuridão. Isso aterrorizou-me, e fiz o combate final que os nossos corpos exigem que façamos quando a morte nos agarra. Então, sem que eu saiba como, contra todas as probabilidades, libertei-me da neve. Enchi os pulmões de ar quase puro, e debati-me na direção dele, arrastando o Bobo atrás de mim. Ele veio sem forças, e temi que já tivesse sufocado.

Tudo era escuridão, frio, neve e gelo em cascata. Eu estava enterrado até às ancas, puxando o Bobo atrás, e depois, de súbito, a neve largou-me. Afastei-me do monte que me dava pelos joelhos e depois libertei-me dele. Ouvi o Bobo encher ruidosamente os pulmões de ar. Eu próprio inspirei uma vez, e depois duas. Minúsculos cristais de gelo ainda enchiam o ar que respirávamos, mas mesmo assim parecia uma grande melhoria. Estávamos nas trevas.

Sacudi neve do cabelo e tirei mais neve do colarinho, às mancheias. O meu chapéu desaparecera, e uma bota também. Tudo era negrume à nossa volta, e os únicos sons que ouvíamos eram os indescritíveis rangidos da neve que assentava e as nossas respirações ásperas. “Onde estamos?”, arquejei, e a minha pequena voz humana foi o guincho abafado de um rato num silo cheio de cereais.

O Bobo tossiu. “Cá em baixo.” Tínhamo-nos largado, mas ainda estávamos suficientemente próximos para os nossos corpos se tocarem. Ele estava aninhado aos meus pés, e senti-o a fazer qualquer

coisa, e depois uma luz pálida e esverdeada abriu-se nas suas mãos. Pestanejei, a princípio sem ver mais do que o brilho, compreendendo depois que a luz provinha de uma pequena caixa que ele tinha nas mãos. “Isto não vai durar muito,” avisou-me, com a cara fantasmagórica àquela luz cadavérica. “No máximo, um dia. É magia dos Antigos, do tipo mais caro e mais raro. Nem toda a minha fortuna foi gasta em jogo e brande. Uma boa parte dela está aqui na minha mão.”

“Graças aos deuses por isso,” disse eu com animação. Por um breve instante, perguntei a mim próprio se aquela seria a única prece verdadeira a que Teio se referira um dia. Por fraca que a luz fosse, não deixava de ser um incalculável conforto para mim. Bastava apenas para iluminar ambas as nossas caras quando olhámos um para o outro. O chapéu do Bobo ficara na sua cabeça. A sua mochila pendia de uma alça; a outra fora-lhe arrancada. Fiquei chocado por a mochila ter permanecido com ele. O meu cinturão e espada haviam desaparecido. Enquanto o observava, ele voltou a fechar a mochila. Não falámos por um momento ou dois enquanto sacudíamos neve da roupa, e depois erguemos os olhos para espreitar as redondezas.

Não conseguimos ver nada. A nossa luz era demasiado fraca para nos mostrar mais do que nós e o deslizamento de neve de onde saíramos. Estávamos numa cavidade ou caverna sob o gelo, mas a lanterna dos Antigos não conseguia chegar às paredes. Nenhuma luz provinha de cima. Decidi que o fluxo de neve que nos seguira voltara a fechar qualquer fenda por onde tivéssemos caído. Depois: “Obtuso! Oh, Eda, dá-lhe o bom senso de contactar Respeitador e Breu pelo Talento e de lhes contar o que aconteceu. Espero que se limite a ficar onde está, no trenó. Mas quando chegar a noite e o frio, que lhe acontecerá? Obtuso!” De súbito, berrei a palavra, pensando no homenzinho inseguro sentado sozinho num trenó, num mundo de gelo.

“Chiu!”, repreendeu-me o Bobo com veemência. “Se ele te ouvir gritar, pode sair do trenó e vir na direção da fenda. Cala-te. Está menos em perigo do que nós, e temo que tenhamos de deixar que o enfrente sozinho. Ele comunicará com o Talento, Fitz. A sua mente talvez não seja rápida, mas funciona suficientemente bem, e ele terá tempo com fatura para pensar no que fazer a seguir.”

“Talvez,” concedi. Senti o coração apertado. Entre todos os momentos em que podia ficar privado do Talento, este era o pior. E depois, no instante seguinte, a perda de Olhos-de-Noite voltou a esventrar-me. Senti a falta dos seus instintos e da sua perspectiva de sobrevivente. O coração apertou-se-me no peito. Estava sozinho.



*E a afogares-te em autopiedade. O pensamento era tão ácido como se tivesse realmente vindo de Olhos-de-Noite. Levanta-te e faz qualquer coisa. A sobrevivência do Bobo depende de ti, e possivelmente a de Obtuso também.*

Respirei fundo e ergui o olhar. A trémula luz verde da caixinha não me mostrou nada, mas isso não queria dizer que não houvesse nada para ver. Se não houvesse outra saída, então teríamos de correr o risco de provocar outra cascata de neve tentando trepar por ela acima. Se existisse saída, então devíamos encontrá-la. Era assim tão simples. Não lucraria nada ficando ali a gemer como um cachorrinho perdido. Estendi as mãos para baixo e pus o Bobo em pé. “Anda. Não há maneira de voltarmos para cima. Vejamos onde estamos. O movimento manter-nos-á mais quentes.”

“Muito bem.” Ele disse as palavras com tal confiança em mim que quase me quebrou o coração.

Teria gostado de ter um dos nossos bastões de neve, mas agora não havia maneira de adivinhar onde poderiam estar enterrados. Por conseguinte, o Bobo manteve a sua caixinha de luz à nossa frente e avançámos às apalpadelas.

Não encontramos nada. Se ficassemos imóveis e sustivéssemos a respiração, conseguíamos ouvir água a pingar e o lento e profundíssimo respirar do gelo que nos rodeava. Debaixo dos nossos pés, o gelo estava áspero. Não conseguíamos ver um teto acima de nós. Estávamos numa noite sem estrelas, e os únicos contactos de cada um de nós com o mundo eram o outro e a solidez sob os nossos pés. Nem sequer vimos o negrume de uma parede na nossa frente antes de irmos de encontro a ela.

Ambos ficámos a tocá-la por algum tempo, sem dizer nada. Nessa quietude, tomei consciência de que o Bobo estava a tremer e da forma trémula como respirava. “Porque foi que não me disseste que tinhas tanto frio?”, perguntei-lhe.

Ele fungou, e depois soltou uma gargalhada fraca. “E tu não tens? Parecia inútil falar disso.” Voltou a encher os pulmões com uma inspiração difícil e trémula, e perguntou: “Isto é gelo ou rocha?”

“Levanta a luz.” Ele fê-lo. Examinei a parede. “Continuo sem saber. Mas é qualquer coisa que não podemos atravessar. Sigamo-la.”

“Pode levar-nos de volta ao sítio de onde viemos.”

“Pode, e não há forma de o evitar se o fizer. Se dermos uma volta completa e voltarmos a este local, pelo menos saberemos que não há saída. Espera. Um momento.” Pousei a mão na parede, à altura de um

ombro, e depois estendi a outra para a faca de cinto. Desaparecera. Claro. O Bobo ainda tinha a dele e eu pedi-lha emprestada para fazer um sinal tosco na parede. Pareceu um gesto fútil.

“Para a esquerda ou para a direita?” perguntei-lhe. Não fazia a mínima ideia de onde ficava o norte e o sul.

“Para a esquerda,” disse ele, abanando vagamente uma mão nessa direção.

“Um momento,” disse eu com brusquidão, e desapertei o manto. Ele tentou afastar-me quando lho pus em volta dos ombros.

“Tu vais ficar com frio!”, protestou.

“Já estou com frio. Mas o meu corpo sempre se aqueceu melhor do que o teu. E se caíres de frio, isso não beneficiará nenhum de nós. Não te preocupes. Se precisar que mo devolvas, informar-te-ei. Por enquanto, limita-te a usá-lo.”

Só me apercebi do frio que ele tinha quando cedeu imediatamente. Deixou cair a trouxa no chão e entregou-me a luz dos Antigos enquanto atava o manto. Estava a tremer quando o aconchegou bem à sua volta. Ergui a caixa e decidi que não era só a luz esverdeada que lhe dava uma cor tão estranha. Ele dirigiu-me um sorriso muito pequeno. “Ainda está quente do teu corpo. Obrigado, Fitz.”

“Agradece a ti próprio. Esse é o manto que me deste na altura em que passei por teu criado. Vem. Vamos andando.” Ergui a sua trouxa antes que ele pudesse fazê-lo. “Que mais tens aqui?”

“Nada que nos seja muito útil, temo bem. Só algumas coisas pessoais que não quereria nunca perder. Há um frasquinho de brande no fundo. E acho que alguns bolos de mel. Trouxe-os para uma emergência, ou talvez como guloseima para Obtuso.” Soltou uma gargalhada estrangulada. “Emergência. Mas isto não. Mesmo assim, acho que devíamos poupá-los enquanto pudermos.”

“É provável que tenhas razão. Vamos lá.”

Ele não fez qualquer movimento para recuperar a luz, e manteve os braços enrolados em volta do corpo. Por conseguinte, eu ergui a luz e continuei à frente enquanto fomos seguindo a parede negra ao nosso lado. Consegui aperceber-me, pelo modo como o Bobo caminhava, de que estava a ficar com os pés dormentes. O desespero ameaçou engolir-me. Depois, o lobo em mim afastou-o. Ainda estávamos vivos e em movimento. Havia esperança.

Avançámos com dificuldade. Infindavelmente. O tempo transformou-se em movimento, em passos dados no escuro. Por vezes, fechava os olhos para os descansar da luz não natural, mas mesmo então

parecia-me vê-la. Num desses momentos, o Bobo perguntou com voz trémula: “Que é aquilo?”

Abri os olhos. “Que é o quê?”, perguntei-lhe. Clarões residuais azuis dançavam no meu campo de visão. Pestanejei. Eles não se foram embora.

“Aquilo. Aquilo não é luz? Fecha a caixa. Vê se continua lá, ou se é alguma espécie de reflexo.”

Foi difícil fazer com que a caixa se fechasse. Tinha os dedos frios, e o pé descalço era uma protuberância fria e dolorosa na extremidade da minha perna. Mas quando a caixa se fechou, um estilhaço azul de luz continuava a chamar por nós. Tinha uma forma irregular e mostrava-se estranhamente desprovida de limites. Fitei-a de olhos semicerrados, tentando fazer com que assumisse algum aspeto familiar.

“É muito estranha, não é? Aproximemo-nos dela.”

“E abandonar a parede?”, perguntei, estranhamente relutante. “Não há maneira de dizer a que distância aquilo está.”

“A luz tem de vir de algum sítio,” fez o Bobo notar.

Respirei fundo. “Muito bem.”

Avançámos na direção da luz. Não pareceu crescer. O chão tornou-se irregular e o nosso passo mais arrastado ao avançarmos às apalpadelas com pés entorpecidos. Então, no espaço de alguns passos, a nossa perspetiva da luz mudou. Uma parede à nossa esquerda estivera a bloquear-nos a vista, deixando-nos ver apenas um reflexo numa parede de gelo. Ao ultrapassarmos essa projeção, o clarão azul abriu-se e transformou-se num chamativo corredor de gelo azul e branco. De esperanças renovadas, estugámos o passo. Apressámo-nos a descrever uma curva na câmara escura em que estávamos e, de súbito, uma vista luminosa espalhou-se à nossa frente. Quanto mais nos aproximávamos, mais os meus olhos conseguiam distinguir o que víamos. À medida que avançávamos na direção da iluminação, ela ia aumentando e, após um estreitamento na passagem, saímos para um mundo de gelo inundado de luz.

O feixe parecia não ter fonte, como se tivesse vagueado por janelas, espelhos e prismas de gelo antes de nos encontrar. Entrámos num estranho labirinto de fendas e abismos, num mundo de paredes que cintilavam com um brilho pálido. Por vezes, o caminho que seguíamos era estreito, e outras vezes largo. O chão sob os nossos pés nunca era horizontal. Por vezes parecia que caminhávamos numa aguçada racha no gelo que se abrira no dia anterior, e por vezes parecia que a água do degelo esculpira lentamente os caminhos sinuosos que seguíamos.

Quando chegávamos a locais onde a passagem se ramificava, tentávamos sempre escolher o caminho mais largo. Era bastante frequente que se estreitasse pouco depois de termos feito a nossa escolha. Não dizia ao Bobo o que temia; estávamos a seguir fendas aleatórias no gelo do glaciar. Não havia motivo para esperar que alguma delas levasse a algum lado.

Os primeiros sinais que vi de que outros tinham passado por ali foram subtis. Julguei que me tinha levado enganadoramente a ganhar esperança; parecia haver areia espalhada por onde o chão da passagem era escorregadio. Depois, que as paredes talvez tivessem sido alisadas. O meu nariz foi o primeiro a captar o odor: excrementos humanos recentes. No mesmo instante em que tive a certeza disso, o Bobo disse: “Parece que foram cortados degraus no chão à nossa frente.”

Confirmei com a cabeça. Estávamos decididamente a subir, e degraus largos e pouco elevados tinham sido cortados no chão de gelo. Uma dúzia de degraus mais tarde, passámos por um aposento escavado no gelo à nossa direita. Uma fissura natural fora alargada até formar uma fossa para dejetos, um lugar para onde atirar lixo e onde despejar penicos. E uma sepultura para os mortos em ignomínia. Vi um pé nu, obscenamente pálido e ossudo, a projetar-se da estrumeira. Outro corpo estava estatelado de cara para baixo em cima do lixo, com as costelas a ver-se através de trapos esfarrapados. Só o frio tornava o fedor suportável. Parei e perguntei ao Bobo num sussurro: “Achas que devemos prosseguir?”

“É o único caminho”, disse ele, trémulo. “Temos de o seguir.”

Ele ficou muito tempo a fitar o corpo deitado fora. Estava de novo a tremer. “Ainda tens frio?”, perguntei. As passagens onde estávamos pareciam-me um pouco mais quentes do que quando estivéramos nas trevas. A luz parecia vir de dentro delas.

Ele dirigiu-me um sorriso sinistro. “Estou assustado.” Fechou os olhos por um instante, espremendo lágrimas não derramadas para as suas pestanas douradas. Depois: “Vamos lá,” disse com mais firmeza. Passou por mim para tomar a dianteira, e eu segui-o, cheio de terror.

Quem quer que fosse responsável por despejar os dejetos e penicos era um tipo descuidado. Manchas e salpicos enodoavam as paredes geladas e sarapintavam o chão que pisávamos. Quanto mais avançávamos, mais obviamente feitas pelo homem, ou pelo menos modificadas por mãos humanas, se tornavam as passagens. A fonte da luz azul foi revelada quando passámos por um pálido globo exposto, que estava ancorado à parede por cima das nossas cabeças. Era maior do

que uma abóbora, e dava luz, mas não calor. Parei, fitando-o. Depois, quando estendi para ele dedos curiosos, o Bobo agarrou-me na manga e puxou-me a mão para baixo. Abanou a cabeça num aviso silencioso.

“Que é?”, perguntei num sussurro.

Ele encolheu um ombro. “Não sei. Mas sei que é dela. Não lhe toques, Fitz. Vem daí. Temos de nos apressar.”

E apressámo-nos, por algum tempo. Até chegarmos à primeira masmorra.



## Corredores



*Diz-se que em certa época houve uma vidente ou oráculo que residia na Ilha de Aslevjal. Esta história parece ser muito antiga. Alguns dizem que só havia uma e que viveu durante muitas gerações mas permaneceu jovem, com cabelos de corvo e olhos negros. Outros dizem que havia uma casa-materna de oráculos, com uma Grande Mãe que ia transmitindo os deveres de vidente à filha mais velha, de modo que uma sucessão de oráculos prestou aí serviço. Todos falam delas como tendo vivido antes dos dias da sua Grande Mãe. Não resta nenhuma testemunha viva da veracidade desta história. Diz-se que a vidente vivia no interior do glaciador e só saía para aceitar oferendas que os visitantes traziam a Fogojelo. Se alguém que procurava a verdade trouxesse animais para sacrificar, a vidente fazia o sangramento e depois atirava as entranhas ao ar e deixava-as cair, fumegantes, no gelo. O futuro do visitante era escrito pela forma como as tripas se curvavam. Após a leitura, em nome do dragão, a vidente ficava com o animal sacrificado.*

— HISTÓRIAS ILHOAS COLIGIDAS POR BERBIGÃO

**A** porta era quase invisível. O Bobo passou por ela antes de eu me aperceber do que era e o fazer parar com um toque no ombro. Ou a porta era feita de gelo, ou estava tão coberta de gelo

que o seu material original ficara invisível. As dobradiças eram vagas protuberâncias na parede, e não vi nenhuma espécie de maçaneta ou de fechadura. Aquilo confundiu-me. Havia uma estreita fenda na porta mais ou menos à altura da cintura. Parei para espreitar lá para dentro, e fiquei chocado ao ver um homem esfarrapado e espancado acorrido no canto mais distante de uma cela. Olhava fixamente na minha direção, mudo e sem expressão. Afastei-me a cambalear do que vira, soltando um grito inarticulado.

“Que é?”, murmurou o Bobo, e baixou-se para espreitar. Manteve-se acorrido junto da porta, com a cara transformada numa máscara de horror. Depois: “Temos de os deixar sair. De alguma maneira.”

Abanei violentamente a cabeça, e depois encontrei a língua. “Não, Bobo. Confia em mim, por favor. Eles são Forjados. Por mais insensível que pareça deixá-los aí, seria um perigo e uma crueldade deixá-los à solta. Virar-se-iam contra nós, para nos roubarem os mantos ou por divertimento. Não nos atrevemos a deixá-los sair.”

Ele ergueu olhos incrédulos para mim. Depois disse em voz baixa: “Não os viste a todos, pois não? O Enigma está ali dentro. E o Ordem também.”

Não queria olhar. Tinha de o fazer. Com o coração a trevejar, a respiração acelerada, gatinhei até à porta e espreitei para dentro.

O interior da cela estava mal iluminado, com o mesmo brilho azul dos corredores. Deixei que os olhos se me ajustassem à luz até conseguir ver toda a cela. A sala era uma cavidade cortada no glaciar. O chão estava coberto de dejetos. Havia lá dentro cinco Forjados, e mais nada. Quatro deles tinham conquistado posições em cantos defensáveis, onde encostavam as costas às paredes. Ordem, enfraquecido por ferimentos, estava estatelado no chão, no centro da sala. Era claro que nenhum dos Forjados se atrevia a avançar para o atacar, pois isso deixar-lhes-ia as costas a descoberto. Os três estranhos que se encontravam na cela eram ilhéus, famintos, cobertos de cicatrizes e vestidos de farrapos. Quem os capturara despira Ordem e Enigma dos seus pesados mantos de peles mas, mesmo assim, estavam mais bem servidos do que os outros. Ainda tinham as botas. Sondei desesperadamente na direção deles com a Manha, desejando com todas as minhas forças sentir algo vindo deles. Mas não havia nada. Estavam agachados, fitando-se uns aos outros com uma animosidade animalesca. A sua ligação ao mundo e à sociedade fora-lhes arrancada.

Arrastei-me para longe da porta, sentando-me no chão gelado. A aflição e a náusea inundaram-me. Memórias daninhas que julgara há



muito banidas esgatanharam-me com dedos vis. Não me parece que o Bobo pudesse compreender a profundidade do meu horror. Ele não era capaz de sentir a ausência de ligação deles como eu era.

“Não há nada que possamos fazer por eles?”, perguntou em voz baixa.

Um sorriso maldoso subiu-me ao rosto. Cerrei os dentes, recusando-me a sentir as emoções que me ameaçavam. Não pensaria muito profundamente sobre aquilo. Já refletira naquilo até ao fim, há muito tempo, e conhecia todas as derradeiras respostas. Não fazia sentido percorrer em agonia lições que já aprendera. Falei sem entoação. “Podia matá-los. Talvez. Quatro deles estão em pé e, apesar de três parecerem famintos e fracos, eu já vi Forjados formarem bandos e lutarem juntos. Durante algum tempo, até haver despojos a reclamar. Não sei se conseguiria matá-los a todos antes de me derrubarem. Enigma é um bom lutador. E ainda está saudável.”

“Mas... Enigma e Ordem?”, suplicou.

Ele já devia saber como as coisas eram. “Bobo. Aqueles não são Enigma ou Ordem. Os seus corpos estão lá, e todas as coisas que sabiam estão lá. Mas é tudo. Eles já não se importam com nada nem ninguém. As únicas coisas que terão em atenção são os seus apetites físicos. Enigma deixaria Ordem ali deitado no chão, ferido e desprotegido? Não. Aquele não é Enigma. Já não.”

“Mas... temos de fazer alguma coisa!” O seu sussurro denunciava uma grande aflição.

Suspirei. “Se abirmos a porta, terei de os matar. Eles obrigaram-me-ão, a menos que esteja disposto a deixar que me matem.”

“Então não temos alternativa?”

Fiz um sorriso amargo. “Há sempre alternativas. Mas por vezes não há boas alternativas. Ou os mato, ou eles nos matam. Ou então afastamo-nos.”

O Bobo ficou em silêncio por muito tempo. Depois virou costas à porta da cela e afastou-se lentamente. Seguiu-o.

Os corredores de gelo começaram a mostrar mais sinais de uso. O chão parecia pisado e sujo, as paredes de gelo marcadas. Passámos por mais masmorras, idênticas à primeira. Espreitei para dentro de cada uma por que passámos, doente de horror, mas não falámos das pessoas que lá vimos dentro. As que continuam a mulher e a rapariga foram para mim as mais dilacerantes. O chão dessas celas tinha uma camada de palha e havia enxergas em cada canto. Era claro que se pretendia proteger as vidas dessas cativas. Parecia um destino mais cruel

do que o que Enigma, Ordem e os seus companheiros suportavam. A morte não seria rápida para os homens, mas o frio corroía um homem tão firmemente como a fome. Eles não sofreriam durante muito tempo. Ajuizando pelo comprimento do cabelo despenteado da mulher e das suas unhas imundas, ela estava ali há muito tempo. Enrolada numa pele de urso nojenta, acocorava-se ao canto, fitando a parede. Na cela seguinte, uma rapariga com cerca de sete anos esgravatava em crostas que tinha nos tornozelos. Os seus olhos saltaram uma vez para se cruzar com os meus quando espreitei pela fenda na porta. A única emoção que me mostraram foi prudência.

O corredor de masmorras acabou por chegar ao fim. Tornou-se mais largo, e os globos de luz pálida tornaram-se menos espaçados. A passagem fora esculpida em vez de cortada no gelo, e havia graciosas notas de beleza congelada nas paredes arqueadas. O chão estava limpo e salpicado de areia para evitar escorregadelas. Parecia-me mais antigo, como se tivesse sido construído para dar espaço a um grande fluxo de gente, mas ainda não tínhamos vislumbrado uma única alma.

Então chegámos a um cruzamento que nos oferecia três opções. O corredor principal prosseguia à nossa frente. À nossa esquerda, uma larga passagem descia em degraus pouco elevados que curvavam para baixo e para fora de vista. À nossa direita, uma escadaria fora cortada no gelo e subia, íngreme. Ambas pareciam mais antigas e muito mais desgastadas do que o caminho que viéramos a seguir. O Bobo e eu parámos e trocámos olhares.

Os meus ouvidos captaram um ténue som sibilante. Chegava a intervalos espaçados, mas regulares. Pus a mão em volta da orelha para o ouvir melhor. Passado pouco tempo, o Bobo sussurrou: “Parece que algo enorme está a respirar lá em baixo.”

Dilatei as narinas e inspirei profundamente. O que cheirei inspirou-me esperança, ao mesmo tempo que tornava o som instantaneamente reconhecível. “Não. São ondas, é o mar. Este caminho leva a uma praia. Vem daí.”

A cara dele iluminou-se como a de um homem a quem uma pena fosse subitamente comutada. “Boa!”, entusiasmou-se, e apressou-se a descer os largos degraus. Segui-o e, pegando-lhe no ombro, desviei-o para a curva interna dos degraus. “Fica junto da parede,” instruí em voz baixa. “Se ouvirmos alguém a subir, isso dar-nos-á um momento para os surpreender.” A nossa única arma, a faca de cinto do Bobo, já estava na minha mão.

Já estávamos fatigados, sem fazermos ideia de há quanto tempo

andávamos a explorar o labirinto de gelo. Os degraus eram pouco elevados e enlouquecedoramente irregulares, E também estavam estriados, como se objetos pesados fossem frequentemente arrastados por eles acima ou abaixo. À medida que descíamos, o cheiro a mar ia-se tornando mais forte, e o ar mais húmido. Os degraus tornavam-se mais escorregadios, e depressa nos vimos a descer degraus de gelo lustrosos de água. Alguém atirara areia para cima deles, mas esta introduzira-se irregularmente na superfície, deixando protuberâncias de gelo cintilante e escorregadio onde menos esperávamos. Fomos forçados a avançar mais devagar. Depressa as paredes começaram a brilhar de água morna, e gotas caíam do teto. O cheiro da água tornou-se mais forte, mas a luz não deixou de ser o brilho mágico e azul que se derramava sobre nós.

Depois chegámos ao último degrau corroído e vimos a futilidade da nossa esperança. Para lá do gelo estendia-se uma ladeira de gasta pedra negra que dava para uma praia de areia negra. Várias cavilhas de metal estavam nela espetadas, como se pequenos barcos estivessem por vezes ali amarrados. Ondas cobriam-na e descobriam-na, chegando cada vez mais alto, implacáveis. E no topo da caverna, quase invisível ao brilho azul do último dos pálidos globos, estendia-se um teto alto de gelo reluzente.

“Se tivéssemos um barco, e se a maré estivesse a descer, eu arriscava,” disse.

“Se,” disse o Bobo, e soltou uma gargalhadinha abafada. Olhei-o, chocado. Tinha um aspeto terrível, e não era só da luz azul. Tirou-me a mochila do braço e afundou-se com ela nos degraus húmidos. Por um momento, abraçou-se a ela como se fosse uma criança abraçada a um boneco querido. Depois abriu-a e remexeu no fundo em busca do frasco de brande. Abriu-o e ofereceu-mo primeiro.

Aceitei-o, sopesei-o na mão, e depois não bebi mais do que um quarto do conteúdo. Era o mesmo brande de alperce que ele trouxera à casinha que eu partilhara com Zar. Engoli o calor de um dia de verão, e depois expirei pela boca aberta, saboreando alperce e amizade enquanto lhe estendia o frasco. Ele tirou-mo da mão, trocando-o por um quadrado de pão preto. Tinha metade do tamanho da palma da minha mão. Sentei-me ao lado dele e comi devagar. Havia no pão passas e nozes. Era denso, doce e pequeno, deixando-me mais consciente da fome que estivera a ignorar. Comemos lentamente, em silêncio. Depois de ter lambido a última migalha da palma da mão, olhei para ele. “Para cima?”, disse eu.

“Não levará para fora,” disse-me ele em voz baixa. “Pensa no sítio onde estamos, e nas lendas que ouvimos contar aos ilhéus. É por aqui que eles entram sob o gelo para irem ver o dragão. Aquela escadariazinha em espiral deve subir até junto de Fogojelo. Por que outro motivo estaria ali?”

“Talvez suba até uma saída,” disse eu, obstinado. “Não saberemos antes de experimentarmos. Talvez o outro caminho mais largo vá até ao dragão. Isso faria mais sentido.”

Ele abanou a cabeça. “Não. O dragão deve estar acima de nós, se era possível vê-lo às vezes da superfície. A escadaria vai até ao dragão. Não até ao exterior.” Soou perentório. Encostou a cabeça à parede gelada. “Não há saída para mim. E eu sempre o soube.”

Pus-me em pé. Tinha o rabo das calças húmido. Que bom. “Levanta-te,” disse-lhe.

“Não vale a pena.”

“Levanta-te!”, insisti e, quando ele não se mexeu, agarrei-o pelo colarinho e pu-lo em pé. Ele não resistiu, limitou-se a dirigir-me um olhar tristonho. “Chegámos aqui juntos, através dos anos e de muitos caminhos e atalhos. E se vamos acabar aqui, debaixo do gelo de Aslevjal, então vou ver esse maldito dragão que nos fez percorrer uma distância tão grande. E tu também vais.”

Haverá alguma coisa mais cansativa do que degraus pouco elevados? Talvez degraus pouco elevados e escorregadios. Apesar disso, subimo-los e, tal como dantes, mantivemo-nos perto da parede interior e mantivemos os ouvidos atentos aos sons feitos por alguém que viesse na nossa direção. Ouvimos as ondas a tornar-se cada vez mais ténues atrás de nós, e os sons irregulares das gotas que caíam do teto. Por fim chegámos ao lugar onde nos cruzáramos com o corredor esculpido. Parámos aí, à escuta, mas não ouvimos nada.

Eu estava cansado. Tinha a certeza que já há muito tínhamos passado o momento em que merecíamos uma noite de sono. Sentia a cabeça repleta de feltro e de moscas zumbidoras. O Bobo parecia estar pior. Atravessámos o corredor e entrámos na escadaria. Ele seguiu-me lentamente pelos estreitos degraus acima. A escadaria torcia-se à medida que ascendia. Assim que a sua curva nos fez perder de vista o corredor principal, fi-lo parar. “Tu. Bebe já o resto do brande. Ele aquecer-te-á e dar-te-á um pouco de ânimo, talvez. Em qualquer caso, far-te-á mais bem dentro da barriga do que dentro do frasco.”

“Posso sentar-me?”, perguntou.

“Não. Talvez não conseguisse voltar a levantar-te e a pôr-te em

movimento,” respondi, insensível, mas ele já se deixara cair sobre o degrau. Voltou a pegar no frasco de brande, abriu-o, e ofereceu-mo. Não valia a pena discutir. Molhei a boca no brande, e depois disse-lhe: “Acaba com ele.”

E ele fê-lo, um único trago profundo. Pareceu demorar muito tempo a rolar o frasco e a guardá-lo. “Isto é difícil,” disse, mas não parecia estar a dirigir-me as palavras. “Estou demasiado próximo do fim. Tive vislumbres disto, mas nunca foram claros. E agora só sei que tenho de prosseguir, e que cada passo que dou me leva para mais perto da minha morte.” Olhou-me nos olhos e disse sem vergonha: “Estou aterrorizado.”

Sorri. “Bem-vindo à existência humana. Anda. Vamos ver este dragão que vieste de tão longe para salvar.”

“Porquê? Para que possa dizer-lhe que falhei?”

“E porque não? Alguém devia dizer-lhe que tentámos.”

Foi a vez de o Bobo sorrir. “Ele não se vai importar. Os dragões não têm interesse nenhum por boas intenções ou tentativas falhadas. Só nos irá desprezar. Se chegar a reparar em nós.”

“Ah! E essa será uma experiência tão nova para nós os dois.”

Então, ele riu-se, e eu também me ri, não alto, mas da maneira que os homens se riem quando sabem que essa poderá ser a sua última oportunidade de partilhar uma piada com um amigo. Não estávamos bêbados, pelo menos não de brande. Se o Bobo tivesse razão, estávamos a beber as borras das nossas vidas. Julgo que sempre que um homem se apercebe disso, tenta retirar do facto o último bocadinho de prazer.

E subimos. A escada enrolava-se, estreita, e perguntei a mim próprio que louco a teria esculpido. Teria havido em tempos alguma estrutura natural que alguém organizara numa escada, ou seria tudo aquilo capricho gelado de um escultor? Subimos. Em tempos, as paredes tinham estado decorados com baixos-relevos esculpidos no gelo, mas estes tinham sido estragados, talvez deliberadamente. Tudo o que restava eram bocados de pernas ou uma mão cerrada num punho, e uma vez os lábios e queixo de uma mulher. Acabei por detestar a irregularidade do meu passo, com um pé calçado com uma bota e outro enfiado numa meia coberta de gelo. Quando parámos para descansar, deixei que o Bobo se sentasse. Encostou-se à parede, e julguei que dormitava. Quando vi as lágrimas a escorrer-lhe pelas bochechas, despertei-o. “Isso não serve de nada. Levanta-te. Vamos continuar já a avançar.”

A minha voz soou mais gentil do que as palavras. Ele respondeu-lhes com um aceno e içou-se até se pôr em pé. Continuámos a ascensão. Como num interminável pesadelo, os degraus em espiral não tinham fim. Os globos pálidos não conseguiam iluminar todos os cantos das escadas espiraladas. Cada tom de azul e branco que podia ser expresso tinha ali a sua vez. Era uma beleza fria e cansativa, aquela que cruzávamos. Subimos mais devagar, e depois descansámos juntos e prosseguimos. Parecia que teríamos de acabar por nos libertarmos do gelo, que ele não podia continuar por muito mais tempo. Mas então chegámos a uma galeria horizontal esculpida no gelo. E ao dragão.

Restava uma espessa camada de gelo entre nós e ele. Víamo-lo através da distorção e da bruma mas, mesmo assim, ele era de perder o fôlego. Percorremos lentamente o comprimento da galeria, seguindo em paralelo a Fogojelo. Era maior do que dois navios. Tinha as asas dobradas nos flancos e a cauda dobrada em torno do corpo. A cabeça estava virada para trás na ponta do longo pescoço, dobrado para longe de nós. Fitámo-lo, assombrados. O coração dorido do Bobo transpareceu-lhe nos olhos. A imensa sensação de vida vinda do dragão quase dominou por completo a minha Manhã. Nunca estivera tão perto duma criatura viva, natural, de um tamanho tão grande. Então chegámos ao túnel toscamente escavado que atravessava o gelo na direcção do peito do dragão. Acocorei-me e espreitei lá para dentro. Terminava na escuridão do dragão negro. Respirei fundo. “Empresta-me a tua lanterna dos Antigos,” pedi ao Bobo.

“Vais entrar aí?”

Confirmei lentamente com a cabeça, incapaz de dizer porque tinha de o fazer.

“Então eu vou contigo.”

“Não há espaço. Fica aqui e descansa. Eu conto-te o que encontrar.”

Ele pareceu dilacerado entre a fadiga e a curiosidade. Depois, baixou a mochila para o chão e abriu-a. Quando me deu a caixa-lanterna, disse: “Tenho mais dois bocados de pão. Comemo-los agora?”

“Come tu. Eu como o meu quando voltar.” Bastou a menção de comida para me encher a boca subitamente de água. Obtuso veio-me de súbito à mente. Teria ele contactado Breu e Respeitador com o Talento, ou estaria tristemente sentado à espera do nosso regresso? Ter-se-ia mantido em segurança no trenó, ou ter-nos-ia o trenó seguido também para baixo na avalanche de neve? Afastei aquelas perguntas inú-

teis. O Bobo entregou-me a caixinha e eu abri-a, libertando a sua peculiar luz verde.

“Não te demores,” acautelou-me ele quando eu entrei no túnel. “Quero saber o que encontrares aí.”

O túnel não era suficientemente alto para ficar em pé. Percorri-o de gatas, empurrando a caixa de luz à minha frente. A luz azul da galeria desvaneceu-se atrás de mim e depressa me vi a viajar apenas à pálida luz verde que ecoava estranhamente no gelo espelhado. O fedor do dragão foi lentamente crescendo até eu sentir que, além de o cheirar, o saboreava. Fazia lembrar fortemente o fedor das cobras listadas que eu capturara e manuseara nos meus tempos de rapaz curioso. O túnel foi-se estreitando à medida que eu avançava, como se quem o escavara estivesse tão decidido a chegar ao dragão que não se preocupara em manter o túnel de um tamanho uniforme.

Terminava numa muralha de dragão, coberta de reluzentes escamas negras, a mais pequena das quais era tão grande como a minha mão aberta. Uma fileira bem arrumada de ferramentas repousava num rolo de couro sobre o chão de gelo à sua frente. Havia ali várias lâminas, malhos, brocas e picadores de metal. Duas ferramentas, de lâminas quebradas ou embotadas, tinham sido deitadas fora. Aproximei mais do dragão a luz dos Antigos, arriscando o vômito enquanto confirmava as minhas suspeitas. Alguém gatinhara ao longo daquele túnel até junto do animal, e depois tentara escavar até ao seu coração.

Aparentemente, as escamas blindadas tinham derrotado os ataques. Algumas estavam riscadas, mas parecia que nenhuma das ferramentas de metal lograra penetrar na carne que havia por baixo. Uma espécie de cunha de metal ainda estava no lugar, empurrada sob as escamas negras sobrepostas a fim de as erguer e criar um ponto vulnerável. Aproximei mais a luz. As escamas erguidas revelavam uma segunda camada de escamas cremes por baixo, que se sobrepunham num padrão perpendicular ao da primeira camada. Uma ferramenta semelhante a um picador de gelo fora enfiada sob uma das escamas cremes. Penetrara na pele coriácea que havia por baixo, mas nenhum sangue ou fluido escorrera. Supus que teria sido como espetar uma lâmina no casco de um cavalo. Apesar disso, a crueldade dissimulada de um ataque como aquele repugnou-me.

O dragão estava vivo. Alguém abrira um buraco até ali como um verme, tentando abrir caminho até ao seu coração enquanto ele era mantido imóvel.

Compreendi a densidade da sua armadura natural quando pre-

cisei de todas as minhas forças para lhe arrancar o picador da carne. Tive de martelar a cunha lateralmente para lhe tirar. No instante em que se libertou, as escamas nessa área ondularam, estremeceram e fecharam-se. Por um momento, a sensação de Manha que tinha da sua vida aumentou. Depois, com igual rapidez, desapareceu. A muralha escamosa de carne na minha frente podia ser algo construído de metal. Hesitei, e depois passei com ousadia uma mão pelas camadas de escamas. Nem sequer consegui enfiar uma unha sob a borda aguçada de uma delas, tal era a firmeza com que se cerravam, umas por cima das outras. E além disso eram frias, frias como o gelo que o encerrava.

Reuni as malignas ferramentas no interior do seu rolo de couro e levei-as comigo quando me retirei. Tive de gatinhar às arrecuas; não havia espaço para me virar. Quando cheguei à galeria, estava a suar, e o fedor reptiliano a dragão estava a deixar-me nauseado.

Fui dar com o Bobo profundamente adormecido na extremidade da galeria que ficava mais perto da cabeça escondida do dragão. Estava sentado, com os joelhos puxados até ao peito e a cabeça dourada descaída sobre eles. O cabelo solto ocultava-lhe a cara. A exaustão dominara-lhe a curiosidade. Sentei-me no chão ao lado dele e encostei-me à parede gelada. No sono, o Bobo murmurou qualquer coisa, e mudou de posição para encostar o peso a mim. Suspirei e deixei-o estar. Perguntei a mim próprio por que motivo o atacante do dragão não teria decidido abrir o túnel na parede ali, mais perto da cabeça da criatura. Teria temido que, mesmo preso em gelo, o dragão tivesse arranjado maneira de se defender?

Ergui o olhar para o teto de gelo por cima de mim. Era de um profundo azul sem fundo, como se estivesse a olhar para águas profundas. Algures lá em cima, garanti a mim próprio, o Príncipe Respeitador cavava lado a lado com o seu círculo de Manha. Desejei saber que espessura de gelo o separaria de nós. Quanto tempo teríamos, o Bobo e eu, de ficar ali à espera até ouvirmos e depois virmos o progresso das suas pás? Uma eternidade, decidi. Não conseguia ouvir qualquer ruído de pás ou de vozes, não via quaisquer falhas no gelo, a ceder aos seus esforços. Podiam perfeitamente estar do outro lado do mundo.

Aproximei-me mais do Bobo. O seu corpo capturava o meu calor desse lado de mim. Estava tão terrivelmente cansado e faminto. Com uma das minhas novas armas, cortei um pouco de gelo da parede e chupei-o para obter água. Voltei a pôr a caixa dos Antigos na mochila do Bobo. Encontrei o bocado de pão que ele me deixara e comi-o. Era



muito bom e muito pequeno. Depois pousei a cabeça em cima da do Bobo e fechei os olhos por um momento. Suponho que dormimos.

Foi a minha própria tremedeira que me despertou. Sentia-me como se os meus ossos estivessem a tentar sacudir-se para fora dos seus encaixes. Doía desdobrar-me. O Bobo deslizou lentamente para se deitar no gelo enquanto eu batia os braços e com os pés, tentando voltar a encontrar neles alguma sensação. Ajoelhei-me ao lado do Bobo e dei-lhe palmadas com mãos que estavam demasiado hirtas para funcionarem bem. Ele estava de uma cor horrível. Quando gemeu debilmente, suspirei de alívio. “Levanta-te,” disse-lhe. Mantive a voz baixa, amaldiçoando-nos por termos dormido tão tolamente num local tão exposto. Se alguém tivesse subido aquelas escadas, ter-nos-ia encontrado desprevenidos e encurralados. “Anda. Temos de nos mexer. Ainda temos de encontrar um caminho para fora daqui.”

Ele choramingou e enrolou-se mais. Sacudi-o, sentindo tanto ira como desespero. “Não podemos desistir agora. Levanta-te, Bobo. Temos de continuar.”

“Por favor.” Ele suspirou as palavras. “Uma morte calma. Escorregar até lá.”

“Não. Levanta-te.”

Ele abriu os olhos. Algo na minha cara deve ter-lhe dito que não o deixaria em paz. Desdobrou-se, tão hirto e desajeitado como as marionetas que em tempos esculpira. Ergueu as mãos na sua frente e olhou-as estupidamente. “Não consigo senti-las.”

“Levanta-te e mexe-te. Elas voltarão à vida.”

Ele suspirou. “Foi um sonho tão bom. Sonhei que ambos morríamos aqui e se acabava tudo. Nada mais havia que eu pudesse fazer, e todos concordavam que tínhamos tentado e não era realmente culpa nossa. Falavam bem de nós.” Abriu mais os olhos. “Como foi que te levantaste?”

“Não sei. Limita-te a pôr-te em pé.” Não me estava a sentir paciente.

“Estou a tentar.”

Enquanto ele se esforçava, contei-lhe o que descobrira no fim do túnel. Mostrei-lhe as ferramentas que roubara, e ele estremeceu. A cada palavra que eu proferia, ele voltava um pouco mais a si. Por fim, pôs-se em pé e deu alguns passos arrastados. Estávamos ambos a tremer de frio, mas eu recuperara alguma sensação nas mãos. Esfreguei rudemente as dele, apesar dos seus arquejos de protesto por causa da dor. Quando voltou a conseguir abrir e fechar as mãos, entreguei-lhe

uma faca. Ele agarrou-a desajeitadamente, mas anuiu quando lhe disse para a manter a postos.

“Depois de descermos as escadas,” disse eu, fechando alegremente os olhos a quão difícil seria fazê-lo, “vamos ter de seguir o corredor principal. Agora é a nossa única esperança.”

“Fitz,” começou ele, muito sério, e depois, perante o meu olhar, parou. Compreendi que ele ia dizer-me quão inútil aquilo era. Deitei ao dragão um longo olhar de despedida. Estava de novo dormente, fora de alcance da capacidade que a minha Manha tinha para detetar a sua vida. *Porquê?*, perguntei-lhe em silêncio. *Porque estás tu aqui e porque tem Eliânia de te cortar a cabeça?* Depois virei-lhe as costas, e o Bobo seguiu-me para darmos início à nossa longa descida.

Se houve alguma diferença relativamente à subida, foi a descida ser mais lastimável. Continuávamos cansados, com fome e com frio. Perdi a conta de quantas vezes escorreguei e caí. O Bobo, privado da sua habitual graça, foi tropeçando a meu lado. Eu estava sempre à espera de encontrarmos alguém que fosse subindo para atormentar o dragão, mas a escadaria permaneceu azul, fria e silenciosa, e completamente indiferente ao nosso sofrimento. Quando ficávamos com sede, cortávamos bocados de gelo da parede e chupávamo-los. Era o único conforto físico que podíamos conceder-nos.

Por fim, chegámos ao fundo. Pareceu quase súbito quando demos a volta à parte da espiral que nos revelava o corredor que nos aguardava. De respiração sustida, avançámos com cautela para espreitarmos em torno da última esquina. Não sentia ninguém, mas a descoberta dos Forjados nas masmorras tinha-me feito lembrar que havia perigos de que a Manha não me conseguia deixar ao corrente. Mas a passagem era larga e estava vazia e silenciosa. “Vamos,” murmurei.

“Esse corredor não nos levará até lá fora.” O Bobo falou no tom normal. Havia uma sombra pouco saudável no dourado da sua pele, como se a vida já estivesse a afastar-se dele, e a voz estava morta. “O corredor leva até ela. Tem de levar. Se o seguirmos, encaminhamo-nos para as nossas mortes. Não que tenhamos grande escolha. Como tu fizeste notar há bocado, às vezes todas as nossas alternativas são más.”

Suspirei. “Então o que sugeres? Voltar para a borda de água e esperar que alguém entre com um barco e o consigamos matar antes que nos mate a nós? Ou voltar para junto dos Forjados e entregar-nos a eles? Ou regressar às fissuras no gelo e à escuridão?”

“Acho que...”, começou ele num tom hesitante, e depois endirei-

tou-se. Rodopiei para ver aquilo para que ele apontava, atrás de mim. “O Homem Negro!”, arquejou.

Era ele, a mesma pessoa que eu e Obtuso vislumbráramos antes. Estava parado numa esquina do largo corredor na nossa frente, com as mãos cruzadas sobre o peito como se aguardasse que reparássemos nele. Estava todo vestido de preto: túnica, calças e botas. O seu longo cabelo era tão negro como os olhos e a pele, como se fosse todo feito de uma única substância e também estivesse vestido com ela. E, tal como antes, não causou nenhuma impressão à minha Manha. Permaneceu a fitar-nos apenas um momento. Depois virou-se e afastou-se rigidamente. “Espera!”, gritou o Bobo e saltou em sua perseguição. Não sei onde encontrou a energia ou a agilidade para correr. Só sei que o segui aos tombos, sentindo choques nos pés entorpecidos sempre que batiam no chão de gelo. O Homem Negro deitou-nos um relance, e depois fugiu. Parecia correr sem esforço, e no entanto não ganhou distância sobre nós. Os seus pés não faziam qualquer som.

O Bobo correu rapidamente durante algum tempo e eu fui batendo com os pés atrás dele. Depois, a sua última explosão de energia abandonou-o, e deixou-se de súbito ficar para trás. Mesmo assim, o Homem Negro não ganhou distância sobre nós. Permaneceu à nossa frente, à vista mas inalcançável, um fantasma provocante. Apesar das profundas inspirações que eu fazia enquanto cambaleava ao lado do Bobo, não captei qualquer cheiro vindo dele.

“Ele não é real! É magia, alguma espécie de truque.” Arquejei as palavras, dirigindo-as ao Bobo, tentando acreditar nelas.

“Não. Ele é importante.” A respiração do Bobo era irregular, e agora mais tropeçava do que corria. Agarrou-me na manga e apoiou-se brevemente em mim, após o que se forçou a erguer-se e a continuar. “Nunca senti um tal significado num homem. Por favor. Ajuda-me, Fitz. Temos de o seguir. Ele quer que o sigamos. Não vês?”

Eu não via nada, exceto que não conseguíamos apanhá-lo. Perseguimo-lo a arquejar e a cambalear, sem nos aproximarmos dele, mas também sem o perdermos de vista. Os corredores por onde nos levou foram-se tornando mais largos e mais elaborados. Trepadeiras e flores decoravam os lintéis congelados das entradas arqueadas por que passávamos. O Homem Negro não olhava nem para a esquerda nem para a direita, e não nos dava tempo para o fazermos. Passámos por uma bacia de gelo engrinaldada que rodeava um fontanário esculpido, um repuxo arqueado encurralado em quietude. Cruzámos os corredores

espaçosos e elegantes de um magnífico palácio de gelo, e não vimos uma alma nem sentimos um sopro de calor.

Abrandámos até nos pormos a um passo hesitante, entrecortado com alguns passos de corrida para o manter à vista de todas as vezes que o Homem Negro dobrava uma esquina. Nenhum de nós tinha fôlego para perguntas. Não me parece que o Bobo pensasse em nada a não ser em apanhá-lo. Teria sido inútil perguntar porquê. Mesmo se eu conseguisse dar forma à pergunta, o Bobo não teria respondido. Tinha a boca seca, o coração trovejava-me aos ouvidos, e mesmo assim continuámos a persegui-lo. Ele parecia estar seguro de si ao abrir caminho pelo labirinto de passagens. Perguntei a mim próprio para onde estávamos a ir e porquê.

Então, ele levou-nos até à emboscada.

Foi o que me pareceu. Ele voltara a escolher virar e, quando eu e o Bobo apressámos os nossos passos hesitantes para o manter à vista, dobrámos uma esquina e corremos a toda a velocidade contra seis homens-de-armas. Tive um último vislumbre do Homem Negro, bem longe ao fundo do corredor. Parou, e depois os homens-de-armas gritaram de surpresa e caíram sobre nós, e ele desapareceu.

Não se levantou a questão de nos defendermos. Tínhamos corrido demasiado, com insuficiente comida, bebida ou sono. Eu não me teria conseguido defender de um coelho zangado. Quando agarraram no Bobo, toda a vida pareceu sair-lhe do corpo. A faca caiu-lhe da mão sem nervos. A boca abriu-se-lhe, mas ele nem sequer gritou. Eu mergulhei a faca na túnica de pele de lobo do primeiro homem que saltou sobre mim. E aí ela ficou quando ele me derrubou.

A minha nuca ressaltou no chão gelado num relâmpago de luz branca.

## *Nos Domínios da Mulher Pálida*



*A religião dos Profetas Brancos nunca teve muitos seguidores nas terras do Norte, mas durante algum tempo forneceu um passatempo muito divertido à nobreza da corte jamailiana. O Sátrapa Esclepius ficou muito enamorado pelos livros de profecia e pagou grandes somas aos mercadores que lhe conseguissem trazer cópias desses raros manuscritos. Estes foram confiados aos sacerdotes de Sa, os quais lhe fizeram ainda mais cópias dos documentos. Disse-se que os consultava frequentemente, à sua maneira. Fazia uma oferenda a Sa, fazia a sua pergunta, e selecionava aleatoriamente uma passagem de um dos manuscritos. Depois, meditava sobre essa passagem até sentir que resolvera a questão.*

*A nobreza da corte, sempre ansiosa por imitar o seu governante, depressa arranhou para si cópias das Profecias Brancas e começou a usá-las de maneira semelhante. Durante algum tempo, o passatempo teve grande popularidade, até que o principal sacerdote de Sa começou a denunciá-lo, dizendo tratar-se de um portal para a idolatria e a blasfêmia. Por sua insistência, a maior parte dos rolos foi reunida e destruída ou entregue aos restritivos cuidados do Clero.*

*Existe um boato, contudo, que afirma que o gosto do Sátrapa por esses escritos foi determinante para o auxílio que forneceu*

*a um jovem de semblante estranhamente pálido, que conseguiu obter audiência com o Sátrapa. Impressionado pelo modo como o jovem mostrou ser capaz de fazer citações dos textos sagrados, e persuadido de que a sua ajuda àquele rapaz fora prevista por vários versos que o rapaz lhe interpretou, o Sátrapa respondeu concedendo-lhe livre passagem num dos navios de escravos que nessa altura se dirigiam a Calcede.*

— “CULTOS DAS TERRAS DO SUL”, DE AUTOR DESCONHECIDO

**R**egressei à consciência por duas vezes antes de conseguir agarrar-me a ela. Da primeira vez, estava a ser arrastado, com um homem em cada braço, ao longo de um corredor de gelo. Da segunda vez, tomei consciência de que estava deitado de bruços e alguém me estava a atar firmemente os pulsos atrás das costas. Da terceira vez, estava de novo a ser arrastado pelos meus dois guardas. Dessa vez, agarrei-me teimosamente à consciência, por mais dolorosa que ela fosse. Tínhamos entrado numa sala de trono palaciana. Fora talhada no interior gelado do glaciar, e as gordas colunas caneladas que tinham sido deixadas para suportar o teto elevado eram azuis. Nas paredes, baixos-relevos celebravam repetidamente uma mulher, num grandioso quadro atrás de outro. Era mostrada de espada na mão, à popa de um navio com o cabelo soprado pelo vento; estava em pé sobre os inimigos esmagados, com o pé na garganta de um homem; entronizada, apontava um dedo de julgamento para os desgraçados que se encolhiam na sua frente. Todas as imagens ostentavam um tamanho muitas vezes superior ao natural, erguendo-se acima de nós, coléricas e implacáveis. Tínhamos entrado nos domínios da Mulher Pálida.

Mas mesmo ali, no coração do seu reino, ela tinha um rival. No teto vidrado do aposento, por trás da névoa azul do gelo espesso, vislumbrei finalmente a silhueta completa daquele pelo qual eu viajara até tão longe para ver. O nosso caminho sinuoso pelos corredores trouxera-nos para baixo do dragão. Julguei conseguir até vislumbrar um retângulo mais brilhante de luz, que podia ser resultado dos nossos débeis esforços de escavação. Perguntei a mim próprio se, acima de nós, os nossos amigos ainda trabalhariam para abrir caminho pelo gelo até ao dragão encurralado. Era inútil gritar-lhes; teria sido como tentar gritar através não de uma, mas de três ou quatro muralhas de castelo.

Dezenas dos seguidores da Mulher Pálida tinham-se reunido para nos verem a sermos trazidos perante ela. Imensos globos brancos, suspensos de correntes cobertas de geada, iluminavam o salão com

uma antinatural luz branca-azulada. Pesadamente vestidos de peles, os guerreiros ilhéus da Mulher Pálida pareciam anões na esmagadora imensidão do palácio de gelo. Estavam em silêncio, de rostos estoicos, enquanto passávamos por eles, arrastados. As suas tatuagens de cã tinham sido apagadas por manchas negras. Alguns usavam um sinal de apreço pela sua nova suserana, sob a forma de serpentes ou dragões tatuados. Olhavam para nós sem piedade, ódio ou até muita curiosidade. Não pareciam incendiados de ódio ou qualquer tipo de paixão. O torpor que neles via ia para lá da resignação, chegando à animalesca tolerância pelo sofrimento que é geralmente atribuída a animais vítimas de abuso. Até o sentido de Manha que deles tinha estava amortecido. Perguntei a mim próprio se ela teria descoberto alguma forma menos extrema de Forjamento, uma forma que lhes arrancava a ligação à humanidade, mas lhes deixava suficiente medo dela para os tornar obedientes. Reconheci um. A mulher chamada Hênia, que fora criada da narcheska em Torre do Cervo, estava tão desinteressada como os outros. Virei a cabeça para confirmar. Sim, era ela. Desde que abandonara o Castelo de Torre do Cervo, vislumbrara-a uma vez na Cidade de Torre do Cervo quando os Pigarços quase me mataram, e de novo quando espicara o príncipe e a narcheska a montar póneis na vertente da Ilha de Maile. Como se encaixava ela em tudo aquilo? Não conseguia deixar o seu papel claro na minha cabeça, mas soube com súbita certeza que sempre fora uma ferramenta da Mulher Pálida. O perigo ameaçava o meu príncipe, tão indubitavelmente como me ameaçava a mim.

Consegui pôr os pés sob o meu corpo, mas não logrei acompanhar o passo rápido dos meus guardas. Segui aos tropeções entre eles e, quando finalmente pararam e me forçaram a cair de joelhos na frente dela, não resisti. Ainda tinha a cabeça a rodar. Queria repousar em qualquer postura em que o pudesse fazer e encontrar as minhas forças numa abençoada quietude. Tentei virar-me para olhar para o Bobo, mas tive só um vislumbre dele, de cabeça pendente, enquanto os guardas o seguravam numa mesura sem forças perante a sua soberana. Depois, uma contundente estalada dada por um dos guardas devolveu-me o olhar à minha captora.

Era branca, como o Bobo em tempos fora branco, e o cabelo fluava, livre, em volta dos seus ombros. Os seus olhos não tinham cor, tal como os do Bobo quando era rapaz. A sua cara era a dele, suavizada num semblante de mulher. A sua beleza não era deste mundo, fria como o gelo que a rodeava. Sentava-se em peles sobrepostas, urso branco, raposa branca, e arminho com pendentes caudas negras, so-

bre um trono esculpido de gelo. A sua veste da mais pura lã branca não ocultava as curvas femininas do seu corpo. Em volta da garganta usava um colar de flores esculpidas em marfim. Diamantes cintilavam no centro das flores. As suas mãos de longos dedos repousavam numa descontração ociosa sobre os braços cobertos de peles do seu trono. Nos dedos tinha anéis de prata, com reluzentes pedras brancas neles incrustadas. Era de cima que nos olhava, ali ajoelhados à sua frente, e não parecia nem contente nem surpreendida. Talvez, como o Bobo, sempre tivesse sabido que se chegaria àquela situação.

O seu trono aninhava-se num anel de um dragão esculpido e adormecido. A pedra de memória negra e prateada do seu corpo reluzia num arco montanhoso atrás do trono, e as asas dobradas eram grossas e pesadas contra ele. Não se tratava de uma única peça de pedra, mas sim de blocos, provavelmente carregados diligentemente até ali desde a pedreira, na outra ponta da ilha, e depois bem ajustados uns aos outros para formar uma escultura contínua. As estreitas soluções de continuidade na pedra cautelosamente ajustada mal se viam. O dragão adormecido era imenso, maior do que Veracidade-Enquanto-Dragão fora, e no entanto continuava a não ser tão grande como Fogojelo. E estava incompleto, suave, curvado e sem detalhes, mais a informe sugestão de um dragão do que uma realidade. A pétrea cabeça na ponta do seu longo pescoço curvo repousava como um degrau à frente do trono elevado da Mulher Pálida. Tinha os olhos cobertos com pálpebras. Mesmo assim, estremeci perante o seu semblante cruel. A minha Manha era um clamor de emoções em conflito, medo, ódio, dor, desejo e vingança. Todas estavam encurraladas no interior da pedra cruelmente trabalhada.

A fonte da essência em desenvolvimento do dragão era clara. Vários ilhéus, quase gastos, estavam acorrentados junto dos seus flancos. Os cativos ostentavam sinais de tortura e privação; devia ser assim que a Mulher Pálida lhes arrancava suficiente emoção para os levar a serem-lhe úteis. Emoções e memórias eram aquilo com que um círculo de Talento alimentava um dragão de pedra enquanto o criavam para conter a sua consciência partilhada. Não consegui compreender como pudera ela imaginar que uma criatura alimentada com as memórias discordantes de desgraçados atormentados podia transformar-se numa criatura senciente. O que poderia uni-los e dar propósito ao voo do dragão? Os dragões de pedra que eu vira tinham sido trabalhos de resoluta devoção, a coroa de glória dos círculos que os tinham criado. Fora-lhes incutida beleza, por mais estranhas que fossem as formas



que os círculos houvessem selecionado para os representar. Até o Javali Alado ganhara graça em voo. Aquela criatura da Mulher Pálida era um mosaico de dores roubadas. Que temperamento teria uma tal criatura? Era óbvio para a minha Manha que a humanidade dos prisioneiros já lhes fora Forjada, arrancada às suas almas e forçada a penetrar no dragão. Aquilo com que agora o alimentava era o tormento entorpecido de criaturas que eram menos que animais. Que tipo de dragão seria aquele, fundado em dor, ódio e crueldade?

Entre as patas da frente do dragão adormecido encontrava-se outro trono, também feito de gelo, e também envolto em peles. O gelo e a cobertura desse trono estavam corroídos por sujidade e dejetos humanos. A caricatura de um ser humano estava a ele acorrentada, agrihoadada pelos tornozelos, pulsos e garganta a argolas profundamente espetadas no gelo do cadeirão real. A coroa negra que ele usava parecia dolorosamente apertada, como se estivesse trancada à sua testa, e as suas vestes reais estavam manchadas e esfarrapadas. Usava correntes de prata em volta do pescoço, e as correntes que o prendiam tinham sido incrustadas de joias, troçando do seu cativeiro. A sua barba e cabelo tinham crescido e haviam-se emaranhado; as unhas estavam amarelas e cobertas de sujidade. As pontas dos seus dedos dos pés descalços estavam negras, queimadas pelo frio. Ossos deitados fora, limpos de carne, juncavam o chão junto dos seus pés. Um talvez fosse um úmero humano. Afastei o olhar, sem querer saber o que lhe davam para comer. Fora Forjado, mas não por completo. Ainda conseguia sentir o seu ódio, e sabia que ele ardia. Esse talvez fosse o único sentimento que lhe restava. E então, como membro entorpecido a regressar à vida, senti uma estranha comichão no meu Talento. Virei a cabeça como se pudesse capturá-lo, como um homem a esforçar-se para captar um som. Não me chegou mais claramente, mas discerni a sua fonte. O rei louco contactava-me pelo Talento. Tinha os dentes descobertos num esgar amarelo, e os seus olhos encovados estavam fixos em mim. Por um instante, senti a força completa do ódio que me enviava pelo Talento, e este atingiu-me como um murro. Depois desapareceu, não porque eu me tivesse escudado, mas porque a minha capacidade para o sentir voltou a esmorecer. Soltei uma exalação arquejante, chocado com a força que ele tinha no Talento. Obtuso talvez conseguisse igualá-lo em poder de Talento; eu sabia que nunca conseguiria fazê-lo.

Consegui erguer a cabeça e voltar a olhar para a mulher, e fiquei surpreendido ao vê-la a sorrir-me. Estivera à minha espera, deixando-me ver o que quisesse e chegar às minhas próprias conclusões.

Uma longa mão graciosa indicou o rei cativo com um gesto. “Quebal Pancru. Mas tenho a certeza que adivinhaste que só o meu Catalisador falhado podia merecer uma tal punição, FitzCavalaria Visionário. Oh, não precisas de fazer um ar tão estarrecido. Estou só a acabar o que os vossos dragões dos Seis Ducados começaram. Ele foi suficientemente tolo para se aventurar a sair para puxar pelo arco e disparar contra um bando de dragões que passavam por cima. Mas a mera passagem deles sugou muita da sua inteligência. Não que tivesse muita, para começar. Foi uma ferramenta útil, durante algum tempo. Tinha astúcia, ambição, e conhecia os costumes da guerra.”

Levantou-se, e depois desceu do estrado do seu trono, pisando de passagem a cabeça do dragão. Passeou-se até ao trono sujo e ao esquelético monarca que nele se sentava, e avaliou o seu prisioneiro. “Apesar disso, falhou-me.” Estendeu uma mão esguia para ele. As narinas do homem dilataram-se e ele descobriu os dentes como que para lhe morder. Ela abanou a cabeça, quase com carinho, como um homem poderia fazer com um garanhão demasiado feroso para merecer confiança. A sua voz soou doce quando lhe perguntou: “Queres que dê um pouco mais de ti ao dragão, meu animalzinho de estimação? Gostarias disso?”

Os músculos em volta dos olhos encovados do rei louco contorceiram-se como se ele tentasse desesperadamente lembrar-se de alguma coisa. Depois, encolheu-se para longe dela, erguendo um ombro como se isso pudesse protegê-lo. Um gemido grave, um “Nããããã!”, jorrou dele.

“Agora não, talvez. A seu tempo, claro, ele ter-te-á todo. Quando nada mais houver para arrancar de ti, atirar-te-ei para cima dele e ficarei a ver-te a fundires-te nele. É assim que acontece, não é?” Virou-se subitamente para me confrontar. “No amadurecimento final, os sacrifícios ao dragão não são completamente absorvidos? Quando os vossos círculos de Talento são dados a um dragão, não desaparecem por completo no seu corpo?”

Sustive a língua, tanto por choque como por um desejo de não lhe fornecer informação. Ela falava como se os círculos fossem forçados a introduzir-se num dragão, em vez de entrarem voluntariamente. Não lhe tiraria tal ignorância. Um dos meus guardas rosnou e ergueu um punho para me ameaçar, mas ela abanou a cabeça e sacudiu os dedos na direção dele, tratando o meu silêncio como algo sem importância.

De seguida, transferiu o olhar para o Bobo, que pendia sem sentidos entre os seus captores e, pela primeira vez, um franzir de so-

brancelhas desfigurou a escultura da sua cara. “Não o danificaste, pois não? Avisei-te que queria que ele me fosse trazido intacto. É a maior curiosidade do mundo, essa mais rara das criaturas, um falso Profeta Branco. Se bem que agora mal mereça o título. Olhem para ele, todo castanho como uma flor murcha. Está morto?”

“Não, Mais Superior das Senhoras. Só desmaiou.” O guarda que falou parecia nervoso.

“Não acredito. Sacode-o um bocado. Ele tem a tenacidade de um gato, e aposto que é igualmente difícil de matar. Abre os olhos, Amado. Volta a cumprimentar-me, com um sorriso e uma veniazinha, como fazias quando eras o pálido fogo-fátuo de uma criança. Oh, que doce criatura ele era, como se fosse todo feito de claras de ovo batidas, leite e açúcar cristalizado, o cozinhado de uma criança. Com a língua de uma víbora!” Inclinou-se para a frente de repente, com veneno na voz. Como se o ódio dela o tivesse avisado do seu veneno, o Bobo soltou um súbito arquejo e despertou. Endireitou a cabeça, e olhou cegamente em volta. Depois, a compreensão ruiu à volta dele. Julguei que ia gritar quando todos os músculos da sua cara se retesaram. Depois ficou subitamente imóvel. Olhou-me, e falou apenas para mim. “Lamento tanto. Mas tanto.”

A Mulher Pálida voltou-nos subitamente as costas e subiu de novo ao trono. Demorou o seu tempo a instalar-se, aconchegando-se às peles. Quando ficou confortável, deu as suas ordens. “Este dia demorou a chegar. Não vejo nenhuma utilidade em apressar ou demorar o meu desfrute dele. Em boa verdade, esperava que ambos estivésseis perante mim há quase um ano. Tinha sido prometido muito ouro aos Pigarços, mas só se vos entregassem a ambos, intactos. E eles não pareceram ser capazes de fazer isso. Um plano qualquer de vingança, pateta e pessoal, fez cair tudo o que tínhamos combinado com eles. Eram aliados pouco dignos de confiança, com todos os seus animaizinhos sujos a segui-los por todo o lado, sujando-lhes as mentes com pensamentos animais, como homens a fornicar com ovelhas! Não admira que me tenham falhado. Nunca devia ter desperdiçado o meu tempo com eles. Bom. Agora não importa. Tenho-vos aqui, através das vossas próprias manobras, e isso torna tudo ainda mais agradável.” Recostou-se, juntando as mãos enquanto nos olhava com satisfação.

“Há muito tempo que tenho aposentos preparados para vós. Guardas, escoltai os meus hóspedes aos alojamentos adequados para eles, e assegurai-vos de que os apreciam por completo. Descansa e descontrai-te, FitzCavalaria. Irei visitar-te em breve. Até lá, tens alguma

pergunta a fazer-me? Não? É pena. Não é frequente que me ofereça para responder a perguntas, mas por ti tê-lo-ia feito. Porque acho que quanto mais souberes, mais verás como foste enganado e iludido pelo nosso querido aspirantezinho. Levai-os, mas com suavidade, com suavidade. Não magoeis nem um cabelo das suas cabeças.”

À porta do grande salão, separaram-nos, os captores do Bobo levaram-no numa direção e os meus sacudiram-me noutra. “Fitz!” O seu súbito grito sobressaltou-me e fez-me lutar contra as mãos dos meus guardas. Um destes torceu-me gentilmente o braço para mais alto, atrás das costas. Empurrei os calcanhares contra o gelo e fui derapando enquanto eles me arrastavam implacavelmente corredor fora. O grito do Bobo chegou-me ténue aos ouvidos. “Eu conhecia o meu destino! Escolhi vir ao seu encontro! Mantém-te no teu rumo e não duvides! Tudo ficará como...” O grito terminou num berro abafado, e depois eles empurraram-me em torno de uma esquina e ao longo de outro corredor gelado.

“Para onde estão a levá-lo?”, perguntei, e recebi outro exemplo da ideia que o guarda da Mulher Pálida fazia de gentileza quando um punho envolto numa manopla me fez dobrar em dois. Quase consegui voltar a encher completamente os pulmões de ar quando pararam a uma das portas geladas. Um dos guardas apresentou uma longa ferramenta e enfiou-a numa pequena abertura no gelo. Mexeu-a com rapidez até eu ouvir uma tranca ceder, e depois puxou-a para abrir a porta. Atiraram-me para dentro, e afocinhei numas peles de veado remendadas que havia no chão. Um deles seguiu-me e eu rolei, tentando escapar à punição que certamente viria, mas ele limitou-se a agarrar nos meus pulsos atados, a erguê-los bem alto, apertando-os dolorosamente, e depois a libertá-los de repente. A faca que usara para cortar as amarras fizera-me de passagem um golpe na mão. Ele não se mostrou preocupado. “Não faças barulho!”, avisou. “Ela não gosta de barulho, e eu não gosto de ter de vir cá obrigar-te a ficar calado.”

A porta gelada fechou-se atrás dele antes de eu conseguir imaginar uma resposta. O primeiro golpe na minha cabeça deixara-me atordoado. Ergui a cabeça só o suficiente para me assegurar de que estava sozinho naquela divisão. Assim que me certifiquei de que nenhum Forjado estava ali à espreita, deixei a cabeça cair, fechei os olhos e tentei pensar.

Voltei a abri-los. Passara um minuto, um dia, uma semana. A luz no aposento permanecia a mesma. Não tivera ideias úteis, e talvez tivesse dormido. Levantei-me lentamente, sentindo várias dores.

Foram-me lavadas da consciência pela maré de ansiedade que senti pelo Bobo. Para onde o teriam levado, e qual seria o seu destino? De súbito pareceu-me incompreensível que não tivéssemos lutado mais para evitar que nos separassem.

A minha cela foi rapidamente explorada. A cama era uma caixa de palha em madeira com várias mantas por cima. Um balde a um canto para dejetos. Outro balde continha água, cuja superfície congelara. Um trapo a seu lado sugeria que talvez se destinasse a lavagens. As peles de veado no chão. Apalpei a roupa. Os guardas deviam ter-me tirado as ferramentas do dragão enquanto eu estava inconsciente. Não tinha quaisquer armas, nem sequer a pequena faca do Bobo. Não havia janelas exceto a ranhura baixa na porta firme. Um globo luminoso estava preso ao teto, completamente fora do meu alcance. Não havia comida. Nenhuma forma de medir a passagem do tempo. Desloquei-me do chão para aquela espécie de cama. Pensei no velho conselho de Olhos-de-Noite: *Quando o único conforto que se pode obter é o sono, aceita-o. Deixar-te-á mais bem preparado para o que quer que venha em seguida.*

Fechei os olhos e tentei dormir. Não resultou. Tentei usar o Talento. Nada. Sondei com a Manha. Conseguia detetar vagamente outros seres humanos ali perto, mas a presença prevalecente era a do dragão. E depois Fogojelo voltou a desaparecer. Sentei-me e encostei a nuca magoada à parede gelada da minha cela. Isso aliviou o latejar. Devo ter dormitado, pois despertei com o cabelo congelado, colado à parede. Libertei-me devagar, resmungando irritadamente com os meus botões.

Já explorara por várias vezes a ranhura na porta e a racha que delineava os limites da porta quando a guarda regressou. Eu estava sentado no chão, a espreitar para fora da cela. Perguntei a mim próprio se me deveria sentir lisonjeado por ela ter enviado três guardas para me virem buscar. Eram outros homens, não aqueles que nos tinham capturado. “Deita-te no chão de barriga para baixo!”, ordenou-me um deles através da ranhura.

Obedeci. Lutar contra aqueles três homens não melhoraria a minha condição física. Ouvi-os entrar, e um deles deixou cair um joelho nas minhas costas, com toda a descontração, enquanto voltava a atar-me os pulsos atrás das costas. Usaram a corda e o meu cabelo para me içarem para a posição vertical. Eram uma equipa de homens práticos, sem precisarem de conversas enquanto me levavam para fora da cela e para o corredor. Levaram-me sombriamente pelo corredor fora.

“Onde está o meu companheiro? O homem acastanhado que estava comigo?”

Respondeu-me um murro no meu flanco esquerdo, logo abaixo das costelas. Continuaram a marchar, arrastando-me até eu voltar a pôr os pés debaixo de mim. Não passámos por mais ninguém, e apercebi-me de que perdera a orientação. Os corredores gelados eram todos demasiado semelhantes. Mesmo se tivesse sido libertado naquele instante, não saberia por onde começar a procurar quer pelo Bobo, quer por uma saída. Por agora, a minha única opção parecia ser ir com eles.

Então chegámos a um portal arqueado de gelo com portas de madeira polida. Um dos meus guardas bateu. Uma voz de mulher disse-lhe para me levar para dentro. As portas abriram-se e entrámos no quarto da Mulher Pálida.

As orbes brancas que davam luz estavam estranhamente distribuídas, no chão e numa mesa baixa, iluminando apenas o centro da sala. Um braseiro de ferro ardia sem deitar fumo, somando à cena uma ligeira nota de calor. O resto do aposento suavizava-se em sombras. Vislumbrei uma grande cama delineada pelos limites da luz, e uma fila de criados em pé e em silêncio, à espera de serem chamados. Não consegui averiguar de que tamanho seria o aposento. A Mulher Pálida acabara de sair de uma banheira de água fumegante. A banheira propriamente dita parecia ser feita de um vidro muito grosso. A água lá dentro era de um branco nebuloso, e a fragrância de flores estivais erguia-se com o vapor que ela deitava. A mulher estava nua, numa viçosa pele branca de urso, olhando-nos calmamente enquanto duas aias a secavam friamente, com palmadinhas e esfregadelas. Parecia não sentir qualquer desconforto por se desnudar perante o nosso olhar. Toda ela era de um branco uniforme, uma mulher de neve ou mármore. O cabelo branco estava colado ao crânio com água que pingava das extremidades pontiagudas das suas madeixas. Via-se a mais ténue sugestão de rosa nos mamilos espetados dos seus seios globulares. O tufo de cabelo nas suas virilhas era tão branco como o que tinha na cabeça. Tal como o Bobo, tinha membros longos e cintura flexível, mas era plena de anca e seios. Nenhum homem a poderia ter olhado sem sentir uma agitação de desejo. Ela sabia-o. Contudo, mostrava-se-nos, tanto ao cativo como aos guardas, como se o facto de poder exhibir o corpo mantendo-se a salvo de atenções indesejadas enfatizasse o poder que detinha sobre todos nós. Os guardas de rostos pétreos não mostraram qualquer reação por verem assim a sua senhora. Pararam, um de cada lado de mim e o outro atrás, e aguardaram.

As aias dela trouxeram-lhe botas maleáveis de pele e enrolaram-na numa veste de seda fina, seguida por uma segunda e mais pesada pe-  
liça de lã, forrada de pele branca. Levou o seu tempo a sentar-se num  
trono de espaldar baixo, feito de madeira escura. Uma terceira ilhoa  
entrou, e de súbito reconheci nela Hênia. Trazia uma toalha lavada, es-  
covas e alfinetes para o cabelo. Deslocou-se para trás da Mulher Pálida  
e começou a pentear-lhe o cabelo húmido. Enquanto tudo isso aconte-  
cia, a senhora não proferiu uma palavra. Recostou-se na cadeira e  
entregou-se aos cuidados de Hênia com claro prazer, pois os olhos cer-  
raram-se-lhe até não passarem de estreitas fendas enquanto a escova  
de marfim de Hênia se deslocava lentamente pela sua cabeleira branca.  
Depois de o seu longo cabelo ter sido escovado e depois entrançado  
numa profusão de longas tranças e preso à cabeça com os alfinetes, ela  
abriu os olhos e olhou em volta. Olhou-me como se reparasse em mim  
pela primeira vez e franziu ligeiramente o sobrolho.

“Ele não está lavado! Não vos disse para lhe fornecerem água para  
lavagens antes de o trazerem até mim?”

Os guardas retraíram-se e um disse, apressadamente: “Fornecemos,  
senhora. Ele ignorou-a.”

“Não estou contente.” Aquelas simples palavras dirigidas aos meus  
guardas fizeram-nos empalidecer.

Ela virou o olhar para mim. “Fedes como o Quebal Pancru. Julga-  
va que os homens dos Seis Ducados eram mais limpos.” Os seus olhos  
saltaram para a banheira. “Remedeia isso já. Há água na banheira.”  
Voltou a recostar-se no trono, desafiando-me. “Lava-te, FitzCavalaria.  
Vais jantar comigo, e eu desejo cheirar a comida, não cheirar-te a ti.”

Não me mexi, nem permiti que a minha expressão se alterasse. Ela  
fez um sorriso indolente.

“Temes perder a dignidade por te despires e lavares? Asseguro-te,  
a maioria dos meus criados nem se lembra do que ‘dignidade huma-  
na’ significa, muito menos se preocupam com a tua. Agarras-te ao teu  
fedor como se fosse o teu orgulho. Garanto-te o seguinte: perderás  
muito mais do que a dignidade se tiveres de ser obrigado a tomar ba-  
nho. Decide depressa. Não sou paciente, e não quero cheirar um chei-  
ro desses à minha mesa.” Num aparte dirigido aos criados, observou:  
“Julgar-se-ia que o filho de um rei, mesmo que bastardo, teria mais  
orgulho em si.”

“Tenho as mãos atadas,” fiz eu notar, hirto. A minha mente procu-  
rou uma fuga, uma vantagem na situação, e não encontrou nenhuma.  
As palavras dela tinham-me feito tomar consciência de que realmente

fedia. Senti um momento de vergonha, e depois reconheci a sua tática. Breu explicara há muito a utilidade de quebrar o orgulho e amor-próprio de um homem antes de o interrogar. Para alguns homens, era mais eficaz do que a tortura. Roubai a dignidade de um homem, aprisionai-o como se fosse um animal e quando lhe oferecerdes de volta os pequenos confortos da civilização, a sua gratidão será frequentemente desproporcionada. Por vezes, um homem pode ser conquistado simplesmente através de uma pequena exibição de gentileza. Mantido numa cela fria, na escuridão e sem comida, um homem pode encarar uma vela e uma tigela de sopa quente como uma oferta de amnistia. Dá muito menos trabalho quebrar um homem assim do que com a tortura.

Ela sorriu-me. “Ah, sim. Mãos atadas tornarão a tua tarefa mais difícil.” Dirigiu um gesto aos guardas. “Levai-o para a banheira e libertai-o.”

Fui empurrado para a banheira de uma forma que não deixou qualquer dúvida de que me forçariam a fazer qualquer coisa que ela desejasse. Recusar daria mais desculpas aos guardas para me baterem. Obedecendo, poderia ganhar alguma vantagem, mesmo que não fosse mais do que ter as mãos livres. Cerrei os dentes e abdiquei da dignidade. Depois de ter as mãos livres, virei as costas à mulher e despi-me. Consegui surripiar o alfinete da raposa de dentro da camisa quando o fiz. Entrei na água. Lavei-me depressa, recusando-me a permitir que a água tépida me oferecesse demasiado conforto. Uma das mulheres dela trouxe-me sabão mole numa tigela. Sem saber porquê, dei por mim a agradecer-lhe, muito sério. Ela não respondeu. A água estava cinzenta quando me levantei. Duas mulheres avançaram para mim com toalhas. Peguei em ambas as toalhas e virei-lhes costas para me secar. Um momento mais tarde estavam de volta, oferecendo-me sapatos maleáveis de feltro e um roupão limpo de lã branca. O meu fatigado traje de Cervo desaparecera. Vesti o que elas me ofereceram, ocultando o alfinete no interior do colarinho do roupão, e voltei a virar-me para o meu público. A Mulher Pálida mandara virar a cadeira para poder observar-me. Agora fazia um sorriso de gata e observou: “Tens umas cicatrizes interessantes. E o corpo de um guerreiro. Barbeia-o, Hênia. Quero ver toda a cara do homem que quase foi um rei.”

Chocou-me ouvir aquelas palavras. Nunca pensara em mim assim. Por um momento, o título quase pareceu verdadeiro. Depois rejeitei-o, julgando-o mais uma das suas táticas. As duas mulheres estavam de volta, trazendo uma cadeira, e Hênia apareceu com uma tigela, sabão



e lâmina de barbear. “Eu próprio o farei,” disse eu à pressa. A ideia de ter aquela mulher a brandir uma faca junto da minha garganta era intolerável.

“Não farás, não,” informou-me a Mulher Pálida, com um ténue sorriso. “Não te subestimo, FitzCavalaria. Sei o que foste treinado para ser. A tua família fez de ti um assassino, não um príncipe. Nunca te deixaram ver aquilo que te surripiaram. Mas eu deixarei. Mostrar-te-ei o legítimo legado que te roubaram. Contudo, até saber que tens consciência de tudo o que te ofereço, não te porei qualquer arma na mão. Agora senta-te quieto. Hênia é uma criada pessoal experiente, mas não a responsabilizarei se te torceres.”

Julgo que nunca estive tão desconfortável na vida. Enquanto Hênia me barbeava e depois me penteava o cabelo húmido para trás, as outras mulheres inspecionaram-me as mãos, limparam-me as unhas e cortaram-nas. E enquanto o faziam, a Mulher Pálida observava-me como um gato observa um pássaro. Nunca ninguém me tinha servido daquela maneira, mas eu, em vez de achar aquele luxo confortável, achei-o humilhante. Abri uma vez a boca, para perguntar: “Onde está o Bobo?” A lâmina de Hênia imediatamente me cortou. Senti o sangue começar a escorrer-me do lado do pescoço. Hênia apertou firmemente uma toalha ao golpe para suster a hemorragia, enquanto a Mulher Pálida respondia: “Creio que estamos a olhar para ele, não estamos?”

Naquele ponto, eu dificilmente poderia discutir a avaliação que ela fazia. Os guardas soltaram risinhos, como era seu dever, mas uma olhadela dela devolveu-lhes a compostura. Enquanto as aias se atarefavam comigo e os guardas se mantinham imóveis a olhar friamente, outros criados trouxeram uma mesa para o aposento. Puseram-na com uma toalha branca e pesados talheres de prata e pratos. Colocaram um candelabro em cima da mesa e acenderam as seis altas velas brancas. Depois trouxeram bandejas e terrinas tapadas. Vapores e ricos odores a comida escaparam para me tentar. Vinho e copos foram também trazidos e, por fim, duas cadeiras almofadadas foram postas nas duas pontas da mesa. Hênia limpou-me a cara e afastou-se para fazer uma vénia à sua ama. A Mulher Pálida aproximou-se mais de mim, mas permaneceu fora de alcance do meu braço. Inclinou a cabeça e estudou-me com frieza, da cabeça aos pés, como se eu fosse um cavalo que ela estivesse a pensar comprar. “Não és mal feito,” disse-me. “Antes de a tua família deixar que fosses maltratado, podes ter sido bonito. Bom. Jantamos?”

Dirigiu-se à cadeira, que um dos guardas puxou para ela se sentar.

Levantei-me e segui-a para a mesa, ciente de que um dos guardas me seguia como uma sombra. Um aceno de mão indicou que eu devia sentar-me na frente dela. Depois de estar sentado, ela voltou a acenar. O guarda atrás de mim recuou para as profundezas sombrias da sala. A uma ordem dela, os pálidos globos na sala apagaram-se de súbito. Só restou a luz das velas, isolando-nos numa ilha de luz amarela. Dava um falso ar de intimidade à cena, mas eu sabia que os guardas e as criadas se demoravam na escuridão sem serem vistos, a observar-nos de fora do círculo da luz das velas.

A mesa era pequena. Ela serviu sopa numa tigela e colocou-na na frente antes de se servir da mesma terrina. “Para não pensares que quero envenenar-te ou drogar-te,” explicou enquanto pegava na colher. “Come, FitzCavalaria. Vais achar a sopa muito boa, e sei que deves ter fome. Não te perturbarei com conversas, para já.” Apesar daquelas palavras, eu esperei até a ver ingerir duas colheradas antes de pegar na minha colher.

Era muito boa, uma rica e cremosa sopa branca com bocados flutuantes de tubérculos e carne tenra. Era a melhor coisa que eu provava desde que partira de Torre do Cervo, e tê-la-ia devorado se as minhas maneiras não mo tivessem impedido. O autocontrolo parecia ser o único escudo que me restava, e assim forcei-me a comer devagar, a tirar pão do cesto que ela ofereceu e manteiga do prato. Ela serviu-nos vinho branco, e quando a sopa acabou, ofereceu-me fatias de carne pálida de ave que vinha numa bandeja. Era deliciosa, e a comida confortou-me o corpo, apesar do meu desejo de ficar em guarda contra ela. Havia um pudim branco para a sobremesa, fragrante de baunilha e salpicado de tépidas especiarias. Acabámos com ele à colherada, e ela sempre a observar-me, silenciosa e meditativa. O vinho zumbiu-me no sangue, descontraindo-me. Lutei contra isso, mas depois reconheci o que estava a sentir. Respirei fundo e deixei-me ir. Agora não era momento de lutar.

Ela sorriu. Teria detetado a rendição? Pus-me mais consciente dela. Estava a usar um perfume, um odor semelhante a narcisos.

Quando terminámos, levantámo-nos. Um aceno da sua mão avisou os criados invisíveis. Enquanto eles saíam das sombras para levar a mesa, o fogo no braseiro aumentou quando um homem lhe adicionou novo combustível. Um sofá almofadado, curvado num semicírculo, fora colocado em frente do braseiro. A Mulher Pálida dirigiu-se para lá e sentou-se, dando palmadinhas nas almofadas a seu lado. Segui-a e afundei-me no conforto do sofá. A gentileza da mulher estava a de-

sarmar a minha prudência. Comida e vinho tinham-me preenchido e afastado os meus nervos. Ela iria tentar obter informações de mim com perguntas inocentes. Mantive os pensamentos pequenos. A minha tarefa seria manter-me de guarda, e obter tanta informação dela quanta conseguisse enquanto lhe fornecia tão pouca quanto possível. Ela sorriu-me, e temi que se tivesse apercebido do meu estratagema. Mas depois enfiou as pernas debaixo do corpo, tal como o Bobo teria feito, e inclinou-se para mim. “Faço-te lembrar dele?”, perguntou de repente.

Parecia ser inútil dissimular. “Sim. Fazeis. Onde está ele?”

“Num lugar seguro. Gostas muito dele, não gostas? Ama-lo?” Ela respondeu por mim antes de eu o poder fazer. “Claro que sim. Ele tem esse efeito nas pessoas, quando decide usá-lo. É tão intrigante, tão encantador. Não te sentes lisonjeado por ele te oferecer nem que seja a possibilidade de o conhecer? Ele dança na periferia da tua compreensão, oferecendo-te minúsculas pistas de quem realmente é, como quem dá bocadinhos de açúcar a um cão. A cada bocadinho que te oferece, sentes-te tido em apreço por ele confiar tanto em ti. E, enquanto o faz, ele extrai de ti todos os bocadinhos de informação de que necessita, mergulha-te no perigo e na dor para os seus próprios fins, e leva de ti tudo o que tens para oferecer.”

“Ele é o meu melhor amigo. Gostaria de o ver e de saber que está a ser bem tratado.” As minhas palavras soaram rígidas. O coração afundou-se-me no peito. A sua descrição do Bobo era cruelmente precisa. Desmoralizou-me e vi que ela o sabia.

“Tenho a certeza que gostarias. Talvez mais tarde. Depois de termos conversado. Diz-me. Acreditas que ele é realmente o Profeta Branco, vindo para pôr o mundo num rumo melhor?”

Ergui um ombro. Nunca chegara a uma resposta firme sobre esse assunto. Contudo, senti-me desleal para com o Bobo quando disse: “Foi o que ele sempre me disse.”

“Ah. Mas podia com igual facilidade dizer-te que era o Rei Perdido da Ilha das Histórias. Também acreditarias nisso?”

“Nunca tive motivos para duvidar dele.” Tentei falar resolutamente, mas senti a dúvida que ela introduziu no meu coração.

“Ah não? Estou a ver. Bem, nesse caso terei de te fornecer alguns.” Estendeu a mão para baixo e, de um recipiente invisível no chão, tirou uma mancheia de qualquer coisa. Atirou-a às chamas, e um odor doce surgiu enquanto aquilo queimava. Afastei-me do cheiro e ela riu-se. “Temes que eu possa tentar drogar-te? Não preciso. Será a tua própria

lógica e senso comum a convencer-te. Bom. O nosso amigo disse-te que é o Profeta Branco. Mesmo que inegavelmente já não seja branco. Decerto que te disse que os verdadeiros Profetas Brancos permanecem brancos ao longo de todas as suas longas vidas? Não? Bem, nesse caso digo-to eu agora. Somos descendentes, como ele poderá ou não ter-te dito, dos verdadeiros Brancos das lendas. Eram um povo maravilhoso, há muito desaparecido deste e de todos os outros mundos. Brancos como leite e mais sábios do que as palavras podem expressar. Pois eram prescientes.

“Ora, qualquer pessoa com duas ideias na cabeça pode ver que nenhum futuro está escrito em pedra. Um número infinito de futuros está em botão na ponta de cada momento, e cada um deles pode ser alterado pela queda de uma pétala de rosa. Mesmo assim, alguns são mais prováveis do que outros, e alguns são tão prováveis que são como violentos canais por onde o tempo pode correr, a trovejar. Em tempos antigos, anteriores à contagem do teu povo, nós, os Brancos, compreendemos isto, e começámos a ver também que através dos nossos atos podíamos influenciar qual desses futuros viria a acontecer. Não podíamos garanti-los, claro, mas podíamos usar o que sabíamos para pôr outras pessoas, menos importantes, em caminhos que gradualmente virariam o fluxo do tempo para águas mais calmas e seguras, onde todos poderiam prosperar. Compreendes o que te estou a dizer, Fitz-Cavalaria?”

Anuí lentamente. Apesar das suas palavras, o fumo odorífero que vinha do braseiro estava a inclinar-me para ela. Estava consciente da sua pele aromatizada e do seu fino cabelo branco, tão maciamente entrançado. A consciência do seu corpo estava a deslizar para o interior da minha pele, como seiva primaveril a deslocar-se para botões. Suspirei, e ela sorriu. Parecia ter-se aproximado sem se mexer.

“Sim. É isso mesmo. Pensa em como chegastes até aqui, entrando pelos vossos pés no meu forte, entregando-vos nas minhas mãos. Eu sabia que um dia vos possuiria a ambos. E no entanto os meios através dos quais vos veríeis em meu poder não eram claros. Por isso, dediquei-me a influenciar o futuro, pondo em ação todos os estratagemas que pudessem trazer-vos até mim, ou dar-vos fim. Os meus agentes lidaram com Majestoso, oh, sim, para se assegurarem de que algumas ferramentas que poderiam ter-vos sido úteis fossem enviadas para fora do vosso alcance. A muitos dos que foram Forjados foi também dado um objetivo, encontrar-te a ti ou a Veracidade, e matar-vos. Todos falharam, mas eu continuei a trabalhar. Enviei Hênia para Torre do Cer-

vo, e subornámos os Pigarços para vos capturarem a ambos e mos entregarem. Contudo, falharam. E de novo lancei as redes, enviando-vos um bolo com casco-de-covas, para abafar a vossa magia. Mas só tu te serviste dele, o que estragou esse plano. Capturei os homens que Breu enviou em busca de provisões, sabendo bem que teríeis de vir atrás deles. Mas antes de conseguir capturar-vos, deixei de saber onde estáveis. Só para virdes cair direitinhos em meu poder. É esse o poder do fluxo do tempo, FitzCavalaria. Era quase inevitável que viésseis ter comigo. Podia ter confiado na sorte para vos trazer até aqui. Mas é costume dos Brancos tentar assegurar o futuro que desejamos ver. E mesmo quando soubemos que a nossa raça estava a desaparecer do mundo, tentámos estender as mãos para o futuro para nos assegurarmos de que não perderíamos toda a nossa influência.

“A presciência dos Brancos avisou-os de que um dia pereceriam, percebeis?, e o mundo teria de prosseguir às cegas sem eles. Mas uma entre eles, uma mulher com uma visão mais verdadeira do que mesmo o resto da sua raça, compreendeu que a influência dos Brancos poderia prolongar-se se ela misturasse voluntariamente o seu sangue com o de um vulgar mortal. E foi o que fez. Deambulou pelo mundo e, sempre que encontrou um herói digno, deu-lhe um filho. Deu à luz seis filhos e seis filhas, e todos pareciam tão humanos como poderiam parecer. Mas quando ela abandonou o mundo, estava muito satisfeita. Pois sabia que sempre que os descendentes dos seus filhos se encontrassem e se misturassem no amor, uma criança Branca poderia nascer. A sua sabedoria e dom para a profecia não se perderiam para o mundo. Não é uma história adorável?”

“O Bobo disse que só nasce um Profeta Branco de cada vez.”

“O Bobo, oh, isso é uma alcunha de amor tão encantadora para ele.” Sorrii, arqueando os lábios pálidos como um arco de marfim. “E é tão adequada que me surpreende que ele deixe que lhe chames isso.” Soltou um pequeno suspiro. “Suponho que devia ficar contente por ele ter tido essa honestidade para contigo. Sim. Só um Profeta Branco pode reinar. E, para esta era, esse Profeta Branco sou eu, claro. Ele é uma aberração reprodutiva, um revertido nascido fora do seu tempo. Suponho que seja por isso que esteja a escurecer. Se tivesse sido mantido no templo até escurecer, podia não ter feito nenhum mal. Mas os seus guardiães sempre foram demasiado moles com ele, sempre confiaram demasiado num tipinho tão encantador. Por isso escapou-lhes e partiu para o mundo, fazendo as suas traquinices. Vejamos se conseguimos desfazer algumas, tu e eu. Diz-me. Qual é o terrível destino

que ele tanto teme para o mundo, para ter de opor a sua insignificante influência à minha?”

Fiquei em silêncio durante algum tempo, após o que admiti: “Não sei ao certo. Uma era de escuridão e maldade.”

“Ahm.” Ela soltou um som satisfeito, como um gato a instalar-se. “Bem, falar-te-ei com mais clareza do que ele. Ele teme uma era do homem, em que os fortes governarão e porão a violência e desordem da terra sob o seu domínio. Nunca compreendi por que motivo vê isso como mal. Para mim, é o objetivo que persigo. Tenhamos ordem e produtividade, vejamos os fortes gerar crianças fortes para lhes sucederem. Se eu tiver sucesso, assegurar-me-ei de que o poder fica equilibrado no mundo. Aos meus pobres ilhéus faltam todas as coisas boas. Têm um solo pedregoso para cultivar nos seus fracos verões gelados, e arrancam a subsistência ao mar implacável. Apesar disso, transformaram-se num povo forte, merecedor de coisas melhores. Vim tentar ajudá-los. Não podes negar que isso seria um grande bem para o mundo. Mas o teu amigo acastanhado acha que tem ideias melhores. Acha, entre outras patéticas, que tem de devolver os dragões ao mundo, que o domínio da humanidade tem de ser limitado pela competição. Ele disse-te isso?”

“Falou um pouco do assunto.”

“Ah sim? Isso surpreende-me. Que grande bem disse ele que viria de recuperar um imenso predador que vê o mundo inteiro como terreno de caça? Um predador que não respeita fronteiras, que não admite quaisquer posses, e que vê a humanidade, no máximo, como uma coisa útil, e normalmente como fonte de alimentos? Diz-me. Atrai-te a ideia de o teu povo se transformar em gado para grandes animais escamosos?”

“Nem por isso.” Era a única resposta possível a uma tal pergunta, mas voltei a sentir-me traçoero. As palavras cuidadosas da mulher estavam a fazer desenrolar em mim flâmulas de incerteza.

Ela riu-se, deleitada com a minha resposta, e anichou-se mais perto de mim. “Claro que não. A nenhum de nós atrai. Eu posso ser uma Branca, mas os meus pais eram humanos.”

Debati-me um pouco. “Mas atirastes os ilhéus contra o meu povo, fizeste-los atacar-nos com os seus Navios Vermelhos. Queimaram, despojaram e Forjaram o meu povo. Isso não é uma coisa boa.”

“E tu achas que os incitei a fazer isso? Oh, que visão retorcida. Eu contive-os, meu caro amigo. Refreei-os, e não permiti que reclamassem para si as terras que tinham conquistado. Viste Quebal Pancru.

Ele parece-te um homem que levou a cabo os seus sonhos de conquista e saque? Claro que não. Quem o pôs onde está? Fui eu. Como é possível olhares para isso e pensares que sou inimiga do teu povo?”

Não tinha resposta para aquilo. Afastei o olhar dela e fitei o braço. Voltei a sentir a comichão da minha magia do Talento e ouvi, ou julguei ter ouvido, a distante música de Obtuso. Disse a mim próprio que o imaginara, pois o Talento estava morto em mim. Senti o toque da mão fria da mulher na minha bochecha e ela virou-me a cara para voltar a olhá-la nos olhos. Avaliei a coluna branca da sua garganta. Como seria suave sob o meu toque.

Ela susteve-me o olhar, falando. “O teu Bobo não te mentiu quando disse que os Profetas Brancos vêm afastar a História do rumo predefinido para ela. Eu fiz o meu melhor. Não consegui mudar por completo o curso dos acontecimentos, mas tentei. Os Navios Vermelhos assolaram a vossa costa, mas não reclamaram as vossas terras.” Falava com simplicidade e de forma razoável. Senti que as suas palavras se fechavam à minha volta como uma rede. “Quando traidores no seio da vossa própria terra venderam aos mercadores de Quebal livros sobre a vossa magia, não consegui impedi-lo de a aprender e de tentar virá-la contra o teu povo. Mas alguma da culpa por isso tem de ser atribuída ao teu povo. Foram eles que venderam os pergaminhos do Talento, não foram? E porquê? Porque um filho mais novo, de inegável linhagem real, desejava mais poder para si. Eu sei que não gostavas de Majestoso. Ele não te apreciava. Uma parte dele compreendia quão improvável tu eras, quão rara era a ocorrência do teu nascimento em todas as linhas entrançadas de tempo que podiam existir. Quase por instinto, tentou livrar-se de ti, para que o tempo pudesse fluir no canal que lhe estava destinado. Pensa nisso. Majestoso comerciou em segredo com os ilhéus. Se tivesse subido ao poder, esse comércio podia ter sido feito de forma mais aberta. Os ilhéus teriam sido bem acolhidos nas vossas costas, em comércio, não em guerra, para enriquecimento mútuo de todos. Teria isso sido assim tão terrível? E poderia ter acontecido, se não fossem as maquinações do teu Bobo. Vou ser honesta contigo. Essa paz e prosperidade teria exigido que a centelha da tua vida se extinguisse cedo. Mas poderás dizer honestamente que o preço seria demasiado alto? Uma e outra vez estiveste disposto a abdicar da vida pela tua família. Não seria Majestoso da tua família, tão Visionário como tu? Se tivesses morrido apenas uma vez, rápida e misericordiosamente, por ele, não se teria tratado de um sacrifício honroso?”

Ela pegara na minha visão do mundo, da minha família e dos Seis

Ducados e retorcera-a até a tornar irreconhecível. O fio de seda da narração enrolava-se inexoravelmente à minha volta, transformando-se numa nova verdade que me limitava. Procurei recuperar tudo o que soubera apenas um momento antes e encontrei uma falha na lógica da mulher. “Se eu não tivesse nascido, o meu pai teria reinado.”

Ela soltou uma leve gargalhada, mas o seu sorriso era gentil. “Oh, tu jogas com as palavras, e bem o sabes. O teu pai teria morrido, sem filhos, num acidente de caça enquanto ainda era jovem. Vi isso acontecer uma e outra vez nas minhas visões. Veracidade nunca teria casado, e teria perecido de uma febre no inverno seguinte. Se tu tivesses morrido, no momento certo, então, a seu tempo, o trono teria sido herdado sem percalços por Majestoso. Ele teria tido o favor e a orientação do pai, e ter-se-ia tornado um grande governante. Sim, a linhagem teria terminado com ele, mas teria terminado de forma magnífica, em paz e abundância, tanto para os Seis Ducados como para as Ilhas Externas. Não tenho motivo para te mentir sobre nada disto. É há muito tarde de mais para esse futuro acontecer, portanto o que me poderia motivar a mentir-te?”

Eu não sabia, e contudo sabia. O meu Talento voltou a adejar na periferia da consciência. Era uma magia volúvel, indigna de confiança. Eu sabia-o; sempre o soubera. Senti-a a assegurar-me do facto. *Não lhe prestes atenção.* “Estais a confundir-me deliberadamente. Contradizeis-vos, e retorceis o meu conhecimento da verdade. Estais a trocar de mim.”

Ela riu-se, uma gargalhada gutural e deliciada. “Claro que sim. Tal como o teu querido Bobo faz. E tu adoras quando ele faz dançar as palavras à tua volta, oferecendo-te uma centena de maneiras de ver o mundo. E eu deliciar-te-ei da mesma forma, agora que és meu. Porque vou ficar contigo. Tenho de ficar. Temos de trabalhar juntos para voltar a pôr o mundo no seu verdadeiro rumo. Não pela tua morte, desta vez, mas pela vida que te darei. Agora serás o meu Catalisador, um Catalisador mil vezes mais poderoso do que Quebal Pancru. E eu deliciar-te-ei mil vezes mais do que o teu lamentável Bobo. Pois nós somos, por fim, a combinação perfeita um para o outro. Seremos não apenas Profeta e Catalisador, mas macho e fêmea, fazendo o todo que faz virar o mundo. Eu serei para ti tudo o que ele ansiava secretamente por ser mas não podia. Salvo que eu serei perfeita, ao passo que ele era defeituoso. Tu acabarás por ver que não estás a traí-lo, mas a ser fiel ao mundo e a tudo o que estava destinado a acontecer. Saboreia a doçura do mundo como ele se destina a ser. Saboreia-a.” A cara dela fora-se



aproximando cada vez mais da minha enquanto falava, e então a sua boca tocou a minha. Os seus lábios eram, todos eles, suavidade, a sua língua uma frescura provocante que pedia aos meus lábios para se separarem. E ela falava verdade. Uma doçura entontecedora, mais bravia do que qualquer coisa que eu tivesse experimentado, espalhou-se por mim sob o seu toque fresco. Estremeci quando lhe pus as mãos nos ombros, segurando a sua boca contra a minha.

O desejo inundou-me, e a certeza, a inevitabilidade do momento afastaram todos os outros pensamentos. Não me importei que os guardas e aias dela nos observassem de fora do círculo da luz das velas; não me importei com nada, exceto a reluzente perfeição branca do seu corpo. Só uma coisa faltava ainda no futuro que ela me oferecia. Permiti que os meus pensamentos vagueassem até lá.

“O nosso filho será belo,” assegurou-me ela quando me soltou e se levantou. “Deleitar-te-ás com o nosso filho. Isso garanto-te.”

Consegui sentir a verdade das suas palavras, que me percorreram num frémito, como gelo e prata no meu sangue. Um filho, ela dar-me-ia um filho que eu poderia abraçar e acarinhar. Um filho que nunca me seria tirado. Ela sabia tudo o que eu mais desejava, e ofereceu-me tudo. Criou nos meus pensamentos o futuro por que eu sempre mais ansiara, ajustado a todas as minhas necessidades. Como, porquê, poderia eu resistir a isso?

Pôs-se em pé, despiu a veste pela cabeça e deixou-a cair ao chão ao lado do sofá. O vestido de seda seguiu-o. Pôs-se na minha frente, deixando que a luz amarela do braseiro lhe brincasse sobre o corpo. Luz dourada tocou-lhe a brancura, dourando as curvas do seu corpo e rosto. Os seus seios brancos eram redondos e pesados. Ergueu-os para mos mostrar, sopesando-os nas mãos, convidando-me a saboreá-los. Lentamente, afundou-se a meu lado, e depois recostou-se, abrindo-me os braços e as coxas. “Vem até mim. Sei tudo o que alguma vez desejava, e dar-te-ei tudo.” Inclinou a cabeça para trás, encostando-a ao braço do sofá. Os seus olhos sem cor olharam através de mim e para lá de mim.

A verdade das suas palavras trovejou em mim com o latejar do meu sangue. Levantei-me e tirei desajeitadamente a minha roupa do caminho. Ela baixou os olhos para ver o que eu lhe ofereceria.

E nesse instante, eu cerrei as minhas muralhas de Talento mais apertadamente do que nunca, bloqueando as suas insidiosas gavinhas de influência. Atirei-me sobre ela, como ela esperara, mas as minhas mãos cerraram-se naquela garganta leitosa enquanto lhe dava uma

violenta joelhada na ligeiramente arredondada barriga. Senti o Talento dela a bater-me em conjunto com os seus punhos. Sabia perfeitamente que só teria uma hipótese de a agarrar, e apercebi-me do instante gélido em que a perdi. Devia saber que, tal como ela espelhava o Bobo em aparência, também possuiria a sua misteriosa força. Não teve necessidade da guarda quando encolheu bem o queixo para frustrar o meu estrangulamento. As suas mãos cerradas ergueram-se entre os meus cotovelos, e depois abriu muito os braços, obrigando-me a libertar-lhe a garganta. Fez-me saltar de cima de si, para trás e, enquanto eu caía contra o braseiro, fazendo-o voar e projetando brasas quentes em todas as direções, ergueu as mãos. Os globos brancos de luz incendiaram-se de súbito, inundando a sala de iluminação. Guardas saltaram sobre mim vindos de todas as direções, uma inundação de homens armados. Era inevitável que me derrubassem, e eu teria sido sensato em deixar que o fizessem, em oferecer-lhes uma súbita rendição. Mas o vislumbre que tive do Bobo, amordaçado e esticado como a pele de um animal numa parede de gelo, despertou em mim uma fúria que não sentia desde os dias em que combatera com um machado salteadores dos Navios Vermelhos.

O braseiro caído queimou-me as mãos quando o agarrei e o atirei aos meus atacantes. Combati-os, esperando que me matassem, e portanto sem qualquer contenção. Creio que foi por isso que eles levaram tanto tempo a dominar-me. Estavam mais contidos do que eu, e fizeram-me menos danos do que eu fiz a vários deles. Sei que parti a clavícula de um homem, pois ouvi-a estalar, e lembro-me que cuspi um bocado de uma orelha mas, como acontece com todas as batalhas que travo nesse estado de espírito, as minhas recordações da luta são desarticuladas e vagas.

Lembro-me claramente de a ter perdido. Soube que terminara quando dei por mim deitado de bruços com três homens ajoelhados sobre mim. Havia sangue na minha boca, em parte meu. Nunca senti escrúpulos em usar os dentes numa rixa, pelo menos desde que me vinculei ao lobo. O meu braço esquerdo já não me obedecia. Quando me puseram em pé, esse braço caía pesadamente e batia-me contra o flanco. Desencaixado da articulação, pensei, sentindo-me nauseado, e esperei pelo momento em que essa dor me descobriria.

Quase conseguira chegar junto dos pés do Bobo. Ergui os olhos para o fitar. Estava preso à parede de gelo como uma borboleta, com os braços muito abertos, e até a cabeça era pressionada contra o gelo por uma faixa de metal em volta da garganta. A mordaca estava suficiente-

mente apertada para lhe cortar a boca. Sangue escorrera-lhe do canto da boca, num risco, e pingara-lhe na camisa. Deviam ter-lhe revistado a mochila, pois ele usava a Coroa dos Galos, o aro de madeira fora-lhe enfiado pela cabeça abaixo até às orelhas. Tinha os olhos abertos, e eu sabia que ele testemunhara tudo o que a Mulher Pálida preparara para aquele momento, que fora esse o único objetivo daquela tentativa de me seduzir. Também soube, quando os nossos olhos se encontraram, que ele compreendia que eu nunca o traíra. Vi a débil torção das pontas Talentosas dos seus dedos numa mão amarrada. Também ele detetara o subtil ataque que a mulher desencadeara contra mim, através do meu renascido sentido do Talento.

“Eu tentei!”, gritei-lhe, quando a cabeça dele baixou o máximo que a coleira lhe permitia e os olhos começaram a fechar-se. Os guardas tinham-se divertido com ele. Manchas de sangue infiltravam-se-lhe na roupa e formavam madeixas no seu cabelo suado. Agora era mantido imóvel e silenciado contra o gelo, atormentado pelo frio que sempre odiara tanto. Teria ele previsto aquele fim lento e gelado para si? Seria por isso que sempre temera tanto o frio?

“Trazei-os a ambos para a sala do trono!” A voz da Mulher Pálida era como gelo a estalar. Virei a cabeça para a observar. Recuperara a roupa e vestira-a. O lábio inferior estava a começar a inchar e várias tranças soltas pendiam em volta da sua cara. Tais eram os frutos do meu mortífero ataque contra ela. Mas senti pouco divertimento quando os guardas me pegaram rudemente, sem se importarem por um dos meus braços pender sem forças e sem préstimo. Os gritos do Bobo, de dar dó, seguiram-me quando o arrancaram das amarras que o prendiam.

Os corredores pareceram mais longos e mais brancos do que antes, como se as luzes ardessem mais vivamente com a fúria da mulher que caminhava a passos largos à nossa frente. Encontrámos poucas pessoas, mas todas se dobraram ou encolheram contra as paredes do corredor quando por elas passámos. Tentei tomar nota de como avançávamos e de que esquinas dobrávamos, dizendo a mim próprio que, se eu e o Bobo escapássemos, teríamos de saber para que direção devíamos fugir. Era inútil, tanto o esforço de memorizar o caminho como o esforço de espevitar em mim a esperança. Tudo acabara, nós estávamos acabados, e isso era o fim. O Bobo ia morrer, e eu morreria a seu lado, e tudo aquilo por que tínhamos trabalhado chegaria a um fim sangrento e inútil. “Tal como se eu tivesse morrido da primeira vez que Majestoso olhou para mim e propôs a Veracidade que eu enfrentasse um fim discreto.”

Só soube que falara em voz alta quando um dos guardas me deu um rude abanão ao mesmo tempo que me pedia: “Fecha a cloaca.”

E continuámos a avançar. Era difícil concentrar-me, e ainda mais difícil ultrapassar o meu medo, mas baixei as muralhas que erguera contra o Talento. Reuni todas as minhas pequenas forças e tentei contactar Respeitador com o Talento, a fim de os avisar e de suplicar ajuda. Foi como um homem a apalpar a roupa, tentando encontrar uma bolsa perdida. A minha magia desaparecera e eu não conseguia apelar a ela. Mesmo essa última arma estava perdida para mim.

A Mulher Pálida já reocupara o trono quando entrámos no salão. Alguns dos seus servidores alinhavam-se junto das paredes. Observaram desapaixonadamente quando eu e o Bobo fomos arrastados para a sua presença. Aí, pararam-nos e obrigaram-nos a ajoelhar, como antes. Durante bastante tempo, ela olhou-nos em silêncio. Depois dirigiu ao Bobo um gesto com o queixo estreito. “Dai esse ao dragão. Pode ficar com o lugar de Theldo. O outro que observe.”

“Não!”, gritei antes de um punho na orelha me ter feito estatelar-me sobre o gelo. O Bobo não fez um som quando o arrastaram para a frente. Quando se aproximaram de um dos cativos acorrentados, o guarda puxou indiferentemente pela espada e mergulhou-a no desgraçado. O homem não morreu rapidamente, mas também não fez muito barulho ou espalhafato por morrer. Creio que a maior parte dele já se transferira para o dragão e pouco restava do seu espírito para chorar o falecimento do seu corpo. Caiu contra o dragão ao morrer, e deslizou pelo flanco pétreo da criatura. Durante alguns momentos, o seu sangue foi uma viva mancha vermelha a escorrer pela pedra. Depois, como a areia engole água, o sangue foi sugado para baixo da superfície, deixando as escamas nessa zona mais claramente definidas do que antes.

Dois guardas agiram com eficiência, tendo o cuidado de não tocar a pedra do dragão enquanto tiravam as grilhetas ao pobre desgraçado. Um dirigiu um olhar à sua rainha e, a um aceno dela, cortou e desencaixou um dos braços do homem do seu ombro, tão limpamente como se estivesse a preparar uma galinha para a panela. Não olhou quando o atirou na direção de Quebal Pancru. Eu desejei não o ter feito. O rei louco saltou até onde a corrente lhe permitia, agarrou no braço sangrento e sem vida e caiu sobre ele tão avidamente como um cão cairia sobre um quarto de carne fresca. Comia ruidosamente. Afastei o olhar, nauseado.

Mas uma cena pior aguardava-me. Os guardas seguraram-me

com mais força, e um terceiro homem aproximou-se para agarrar na minha cabeça pelo rabo-de-cavalo e apertar-me bem. Os guardas do Bobo avançaram com ele. O Bobo não resistiu. A sua cara parecia a de um homem que já quase sangrara até à morte, como se já não fosse capaz de sentir horror ou dor, só o avanço da morte. Agrilhoaram-no ao dragão, pelos tornozelos e pelos pulsos. Mantendo-se meio acorçado, com os joelhos e os cotovelos abertos, o Bobo conseguia evitar o contacto com a pedra sedenta. A postura era em si mesma um tormento, e um tormento que nenhum homem conseguiria aguentar por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, ele teria de se cansar, e quando se cansasse, teria de cair contra o dragão e entregar-lhe algo de si.

O Bobo enfrentava uma morte lenta pelo Forjamento.

“Não,” sussurrei quando a realidade me invadiu, e depois rugi “NÃO!” à Mulher Pálida. Torci a cabeça para a fitar, sem prestar atenção ao cabelo arrancado à minha cabeça. “Qualquer coisa!”, prometi-lhe. “Qualquer coisa que queirais de mim, se o deixardes ir!”

Ela recostou-se nas peles. “Que entediante. Capitulas muito mais facilmente do que devias, FitzCavalaria Visionário. Nem sequer esperaste para ver a demonstração. Bom. Não negarei a mim própria esse prazer. Dret! Apresenta-o ao meu dragão.”

O guarda que foi nomeado deu um passo em frente, puxando pela espada. “Não!”, rugi, torcendo-me, impotente, contra os meus guardas enquanto Dret encostava a ponta da espada aos rins do Bobo e o empurrava contra o dragão de pedra.

Segurou-o lá apenas por um instante. O Bobo não gritou. Aquilo talvez não causasse dor ao seu corpo. Mas quando o homem recolheu a espada, o Bobo afastou-se da pedra como uma mão se afasta de uma brasa quente. Pendurou-se da breve extensão das suas correntes, trémulo mas sem emitir um som. Na pele do dragão, vi por um instante o contorno do corpo do meu amigo, enquanto o dragão bebia as suas memórias e emoções. Depois, a silhueta desvaneceu-se na pedra.

Perguntei a mim próprio o que teria o Bobo perdido naquele breve beijo de pedra. Um dia de verão da sua infância, um momento a observar o Rei Sagaz e Breu a conversar à luz da lareira no quarto do velho rei? Teria sido algum momento que ele partilhara comigo, agora arrancado ao Bobo e desaparecido para sempre? Ele saberia que essas coisas tinham acontecido, mas o Forjamento apagaria nele o seu significado. A nossa amizade e tudo o que significáramos um para o outro seriam lentamente apagados da sua mente antes de ele morrer. Quando morresse, nem sequer teria a recordação de ter sido amado para lhe

aliviar o falecimento. Ergui os olhos para a Mulher Pálida. Creio que ela bebeu a minha aflição como o dragão sugara os momentos roubados ao Bobo.

“Que quereis vós de mim?” perguntei-lhe. “O quê?”

Ela falou calmamente. “Só que escolhas o caminho mais fácil e desempenhes o papel mais provável nos dias que aí vêm. Não será difícil para ti, FitzCavalaria. Em quase todos os futuros que eu previ, tu concordas com o meu pedido. Faz o que o teu príncipe te pede, o que Breu te pede, o que a narcheska te pede. E o que eu te peço. Corta a cabeça de Fogojelo. É tudo. Pensa no bem que farás. Breu ficará contente e a tua rainha conquistará a sua aliança com as Ilhas Externas. Tu serás um herói aos seus olhos. Respeitador e a narcheska poderão consumir o amor que sentem um pelo outro. Nada te peço de difícil, só que faças o que tantos dos teus amigos esperam que faças.”

“Não mates Fogojelo!” suplicou-me o grito sufocado do Bobo.

A Mulher Pálida suspirou, tão exasperada como se tivesse sido interrompida por uma criança mal-educada. “Dret. Ele quer voltar a beijar o dragão. Ajuda-o.”

“Por favor!” gritei enquanto o homem voltava a puxar lentamente pela espada. Libertei a cabeça das mãos do meu captor para a vergar em subserviência perante ela. “Por favor, não! Eu matarei Fogojelo. Matarei.”

“Claro que matarás,” concordou ela com uma voz doce enquanto a ponta da espada se afundava nas costas do Bobo.

Ele resistiu, apesar de sangue fresco lhe ensopar a camisa. “Fitz! Ela tem a mãe e a irmã da narcheska aqui cativas. Nós vimo-las, Fitz. Estão Forjadas! Eliânia e Peotre fazem o que ela quer para comprarem as suas mortes!” E então, o Bobo soltou um grito inarticulado ao render-se à mordedura da espada e ao deixar-se cair contra o dragão. Todo ele se contorceu, e a pressão da lâmina do guarda pareceu mantê-lo lá durante uma eternidade. Eu teria tapado os olhos se tivesse as mãos livres. Fechei-os fortemente contra o insuportável da cena. Quando o grito cessou e abri os olhos, o corpo do meu amigo estava delineado a prata no dragão. Mais preciosas do que sangue, as experiências que o transformavam no que era infiltraram-se na pedra sem alma. O Bobo estava em pé, de músculos retesados, puxando as correntes para evitar o contacto com a pedra. Ouvi o arquejar da sua respiração e rezei para ele não voltar a falar, mas ele fê-lo. “Ela mostrou-mas. Para me mostrar o que me podia fazer. Não me podes salvar, Fitz! Mas não faças com que tudo seja para nada. Não faças o que ela...”

“Outra vez,” disse a mulher, entre a fadiga e o divertimento com a teimosia do Bobo. E de novo Dret deu um passo em frente. E de novo a espada, de novo o lento, implacável empurrão. Baixei a cabeça enquanto o meu amigo gritava. Se pudesse ter morrido naquele momento, tê-lo-ia feito. Teria sido mais fácil do que escutar a sua tortura. Muito mais fácil do que o terrível, desalmado alívio por não ser eu.

Depois de os ecos dos gritos se desvanecerem, não ergui o olhar. Não aguentaria fazê-lo. Nada mais diria a ela ou ao Bobo, nada que pudesse tentá-lo a falar e a fazer cair mais uma punição sobre si. Vi as gotas de sangue que pingavam da minha cara a cair sobre o gelo e a desaparecer. Tal como o Bobo estava a desaparecer no dragão. *Amado*. Tentei enviar-lhe o pensamento através do Talento, enviar-lhe algo da minha força, mas foi um esforço fútil. A minha magia errática, envenenada pelo casco-de-elfo, voltara a desaparecer.

“Acho que te convenci,” observou a Mulher Pálida com doçura. “Mas torná-lo-ei muito claro. Decides agora. A vida de Fogojelo, ou a do teu Amado. Libertar-te-ei para ires matar o dragão. Cumpre a minha vontade, e devolvo-te o teu amigo. Ou o que dele restar. Quanto mais depressa fores, mais dele restará para recuperares. Atrasa-te, ele poderá ser Forjado por completo. Mas morto, não. Isso prometo-te. Morto, não. Compreendes-me, FitzCavalaria Visionário, reizinho-assassino?”

Acenei afirmativamente com a cabeça, sem erguer o olhar para ela. Apanhei por isso com um punho no fundo das costelas e consegui levantar a cabeça. “Sim,” disse em voz baixa. “Compreendo.” Temi olhar para o Bobo.

“Excelente.” A satisfação ardia na voz dela. Ergueu os olhos para o teto da sua sala vidrada e sorriu. Falou em voz alta. “Pronto, Fogojelo. Ele compreende. Entregar-te-ei à tua morte.”

Voltou a olhar para os meus guardas. “Ponde-o lá fora pela chaminé norte. Deixai-o aí.” Depois, como se conseguisse sentir a minha confusão, olhou-me nos olhos e fez um sorriso bondoso. “Não sei como voltas a encontrar a tua gente. Só sei que voltas. E que matas o dragão. Tudo isso está muito claro para mim agora. Não há outro caminho. Vai, FitzCavalaria. Obedece à minha vontade e compra de volta o teu Amado. Vai.”

Não gritei qualquer palavra de despedida ao Bobo quando me levaram para fora da sala. Temi que ele de algum modo respondesse à minha partida e conquistasse com isso mais um beijo do dragão de pedra da mulher. Os guardas levaram-me em passo rápido pelo la-

birinto de gelo do covil da Mulher Pálida, e fizeram-me subir uma interminável escadaria que acabou por dar para uma espécie de gruta de gelo, um espaço entre a rocha e o glaciár. Dois agarraram-me, ajoelhado, enquanto o terceiro limpava a neve soprada pelo vento e a geada que tinham bloqueado a entrada. Depois puseram-me em pé e expulsaram-me.



## Reunião



*... que o nosso Rei-Expectante Cavalaria não é, de todo, o filho que o Rei Sagaz supunha que ele era. Como podeis facilmente imaginar, isto desgostou mais o meu bom esposo do que é possível expressar mas, como sempre, o Príncipe Majestoso fez tudo o que estava em seu poder para reconfortar o seu querido pai. Foi meu triste dever informar tanto o meu senhor como o meu caprichoso príncipe de que, à luz do modo como borriça a província com bastardos (pois onde existe um, poderemos duvidar de que há outros?), os meus duques dos Ducados Interiores expressaram dúvidas sobre o mérito de Cavalaria para suceder ao pai como rei. À luz disso, Cavalaria foi persuadido a afastar-se. Tive menos sucesso em persuadir o meu senhor de que a presença deste bastardo no Castelo de Torre do Cervo é uma afronta para mim e para qualquer mulher séria e casada. Ele mantém que, se a criança ficar restringida aos estábulos e ao cuidado do cavaliariço, não deveria preocupar o resto de nós que aquela prova física das falhas de Dom Cavalaria seja exibida perante nós. Supliquei em vão uma solução mais permanente...*

— CARTA DA RAINHA DESEJO À DAMA PEÓNIA DE LAVRA

Sáíramos de uma fenda que dava para uma ladeira íngreme. Os meus guardiães riram-se. Antes de eu ter tempo para deduzir o motivo, estava a voar pela escuridão fria, e depois atingi neve ge-

lada. Quebrei a crosta, encontrei o equilíbrio e rolei até me pôr em pé. A escuridão rodeava-me e, quando dei um passo, tropecei, caí, escorreguei, voltei a conseguir levantar-me, caí e escorreguei mais um pouco. Estava vestido apenas com o roupão de lã e os sapatos de feltro que a Mulher Pálida me dera. Era fraca proteção. A neve encontrou-me e agarrou-se a mim, derretendo-se-me na cara suada e depois arrefecendo rapidamente. O meu braço esquerdo era uma coisa que pendia e oscilava contra mim. Por fim, encontrei apoio e olhei para trás e para cima, para o local de onde viera. Nuvens obscureciam o céu noturno e soprava o vento do costume. Não consegui ver qualquer sinal de entrada para os domínios da Mulher Pálida. Sabia que a neve soprada pelo vento iria cobrir muito depressa todos os vestígios do meu rasto.

Se não voltasse para trás agora, nunca voltaria a encontrá-la.

Se voltasse agora para trás, que conseguiria fazer de bom? O meu braço esquerdo pendia, inútil, e não possuía qualquer arma.

Mas um dragão de pedra estava a devorar lentamente o Bobo.

Pus-me de pé e cambaleei colina acima, tentando encontrar o rasto que deixara ao escorregar. A ladeira tornou-se demasiado íngreme. Senti que estava a caminhar sem sair do sítio, sem fazer qualquer progresso na ascensão, e sempre a ficar mais frio. Afastei-me bastante do trilho pisado e voltei a tentar abrir caminho pela neve, à força. A lã do roupão ficou pesada com neve colada e não havia qualquer proteção para as minhas pernas despidas. Perdi o equilíbrio e, agarrando bem o braço ferido junto ao peito, caí e rodopiei pela ladeira abaixo. Durante algum tempo deixei-me ficar onde parei, arquejando. Depois, enquanto lutava por me pôr em pé, vi uma minúscula luz amarela no vale abaixo de mim.

Levantei-me e fitei-a, tentando determinar o que seria. Oscilava ao ritmo de um homem a caminhar. Era uma lanterna, e alguém a transportava. Podia ser uma das pessoas da Mulher Pálida. Que me poderiam fazer de pior do que já tinham feito? Poderia ser alguém do nosso acampamento. Poderia ser um completo estranho.

Ergui a voz e gritei através do vento. A lanterna parou. Voltei a gritar, e de novo, subitamente a lanterna recomeçou a movimentar-se. Na minha direção. Sussurrei uma prece, dirigida a qualquer deus que quisesse escutar-me, e dei início a um escorregar cambaleante pela colina abaixo. Por cada passo que dava, escorregava três, e depressa me vi a correr, tentando saltar sobre a neve para evitar estatelar-me nela de cabeça. A lanterna parara na base da ladeira. Mas, quando eu já estava quase suficientemente próximo para distinguir a forma do ho-

mem que a segurava, a lanterna reatou o seu movimento oscilante. Ele estava a afastar-se e a abandonar-me. Gritei, mas ele não parou. Um terrível soluço ergueu-se em mim. Não conseguiria prosseguir sozinho, e contudo tinha de o fazer. Tinha os dentes a castanholar, todo o corpo me começava a doer à medida que o frio me ia entorpecendo as marcas do espancamento, e ele estava a abandonar-me ali. Cambaleei atrás dele. Voltei a gritar por duas vezes, mas a lanterna não parou. Tentei apressar-me, mas não parecia conseguir aproximar-me. Cheguei ao lugar onde o portador da luz fizera uma breve pausa, e depois disso segui o seu trilho entrecortado através da neve, achando o avanço um pouco mais fácil.

Não sei durante quanto tempo caminhei. A escuridão, o frio e a dor no meu ombro fizeram com que a caminhada através da noite e do vento parecesse não ter fim. Os pés primeiro doeram-me e depois ficaram entorpecidos. Tinha as barrigas das pernas queimadas do frio. Segui-o pela vertente de uma colina, e depois ao longo de uma cumeada, descendo para uma cova, depois avançando com dificuldade através de neve mais profunda, e de seguida dando início a uma longa e lenta ascensão de outra ladeira. Não conseguia sentir os pés, e não sabia se os meus frágeis sapatos continuariam calçados ou não. O roupão batia contra mim enquanto caminhava, chicoteando-me as barrigas das pernas com o seu fardo gélido de neve aderente. E, a cada passo que eu dava, sabia que o Bobo continuava agrilhado ao dragão, curvando-se fatigadamente para longe da pedra que, a um toque, lhe saquearia a humanidade.

Então, miraculosamente, o balançar da lanterna parou. Fosse quem fosse o meu guia, estava agora à minha espera no topo da cumeada que gradualmente subíramos. Voltei a soltar um grito da minha garganta rouca, e redobrei os meus esforços. Aproximei-me mais, e mais, baixando a cabeça contra um vento que soprava mais furioso ao longo da crista. Então, quando voltei a erguer os olhos para verificar os progressos que fizera, vi claramente quem trazia a lanterna e me aguardava.

Era o Homem Negro.

Um terror sem nome encheu-me, e no entanto, depois de o seguir durante tanto tempo, que podia eu fazer além de prosseguir? Aproximei-me mais, cheguei tão perto que, quando ele ergueu a lanterna, consegui brevemente distinguir as feições aquilinas no interior do seu capuz negro. Depois, ele pousou a lanterna ao lado dos pés e aguardou. Apertei o braço ao peito e cambaleei obstinadamente colina acima. A

luz foi-se tornando mais brilhante, mas deixei de ver o Homem Negro em pé a seu lado. Quando cheguei à lanterna, fui descobri-la pousada sobre um afloramento de rocha que se projetava da neve menos profunda na crista varrida pelo vento.

O Homem Negro desaparecera.

Usei o braço direito para baixar a mão esquerda o mais suavemente que fui capaz. O ombro gritou quando o braço esquerdo ficou dele pendurado com todo o seu peso, mas eu cerrei os dentes e ignorei-o. Peguei na lanterna, ergui-a e gritei. Nada vi do Homem Negro, só neve soprada pelo vento. Continuei a andar, seguindo o seu rasto. Este terminava numa projeção de rocha limpa pelo vento. Mas no vale seguinte, não longe abaixo de mim, vi as tendas tenuemente iluminadas do nosso acampamento, e de imediato abandonei todos os pensamentos sobre o Homem Negro. Ali em baixo estavam amigos, calor, e um possível resgate para o Bobo. Cambaleei pela neve na direção das tendas, gritando o nome de Breu. Ao segundo grito, Pavilongo rugiu-me um desafio.

“Sou eu, é o Fitz. Não, quer dizer, é o Tomé, sou eu!” Duvido que ele tenha decifrado alguma coisa que eu tenha dito. Eu estava rouco de gritar e de competir com o vento. Bem me lembro do profundo alívio que senti quando vi os outros homens a sair aos tropeções das tendas e lanternas a serem acendidas e erguidas. Cambaleei e escorreguei la-deira abaixo na direção deles enquanto vinham ao meu encontro. Reconheci a silhueta de Breu e depois a do príncipe. Não havia nenhum atarracado Obtuso entre eles, e senti um soluço crescer-me no peito. Depois, vi-me por fim à distância de um grito da linha de homens, gritando sem fôlego: “Sou eu, é o Tomé, deixai-me passar, deixai-me entrar, tenho tanto frio. Onde está o Obtuso, encontrastes o Obtuso?”

Do seio deles avançou um homem de ombros largos, passando por Pavilongo, o qual tentou em vão retê-lo com um gesto. Correu três passos para mim, e eu inspirei uma profunda, incrédula baforada do seu odor logo antes de ele me envolver num abraço de urso. Apesar da dor no ombro, não me debati. Deixei cair a cabeça no seu ombro, e permiti que ele me apoiasse, sentindo-me mais seguro do que me sentira em vários anos. De súbito pareceu que tudo ficaria bem, que tudo poderia ser consertado. O Coração da Matilha estava ali, e ele nunca deixara que algo de mau nos acontecesse.

Por cima da minha cabeça dobrada, Castro falou a Breu num tom furioso. “Olha só para ele! Sempre soube que nunca to devia ter confiado. Nunca!”

No caos que se gerara, fiquei imóvel, apoiado nos meus pés de gelo, ignorando as perguntas que eram gritadas à minha volta. Castro falou-me ao ouvido. “Calma, rapaz. Estou aqui para vos levar para casa, aos dois, a ti e ao meu Veloz. Devias ter vindo para casa há anos. Que pensavas? Que diabo pensavas?”

“Tenho de matar o dragão,” disse-lhe. “Tão depressa quanto possível. Se eu matar o dragão, ela deixará o Bobo viver. Tenho de cortar a cabeça a Fogojelo, Castro, tenho mesmo.”

“Se tens de o fazer, fá-lo-ás,” disse ele, reconfortantemente. “Mas não neste momento.” Depois, dirigindo-se a Veloz: “Fecha a boca, rapaz. Vai buscar roupa seca e faz comida e chá quente para ele. Depressa.”

Entreguei-me às mãos firmes em que sempre confiara, sentindo-me grato. Ele dirigiu-me através do aglomerado de homens que nos observavam até à tenda do príncipe, onde o meu coração quase se quebrou de alívio ao ver Obtuso a sentar-se ensonadamente na enxerga. Não parecia estar pior e até pareceu contente por me ver, até ser informado de que teria de mudar de cama para fazer espaço para mim. Saiu com Pavilongo a seu cargo, mas não de bom grado. Obtuso contactara Breu e o príncipe pelo Talento assim que nós desaparecêramos na fenda, e Breu enviara imediatamente Pavilongo e Berbigão para o irem buscar. Ele passara uma noite desgraçada sentado no trenó, ao frio, apenas com o contacto de Talento a sustentá-lo. Quando os salvadores o alcançaram no dia seguinte, não encontraram qualquer sinal de mim ou de Dom Dourado, exceto a cova de neve que enchera a fenda.

Sentei-me na cama de Breu, atordoado de frio e exaustão. Castro falou-me enquanto espevitava o pequeno fogo sob o tacho. A sua voz profunda e o ritmo do seu discurso eram alívios familiares da minha infância. Durante algum tempo, ouvi a sua voz sem prestar atenção às palavras, e depois apercebi-me de que ele estava a apresentar-me um relatório como eu costumava fazer com ele. Depois de decidir que tinha de me levar e a Veloz para casa, viera tão depressa quanto conseguira, e lamentava, mas tanto, ter demorado tanto tempo a encontrar-nos. A própria rainha ajudara-o a alugar um barco para Aslevjal, mas nenhum homem da tripulação aceitara pôr voluntariamente um pé na ilha. Quando desembarcara, tentara persuadir os guardas de Breu a guiá-lo até nós, mas eles haviam-se recusado com indignação a abandonar a tenda na praia e as provisões que guardavam. Por isso viera sozinho, seguindo as estacas embandeiradas de Peotre. Chegara

ao trenó de Obtuso quase ao mesmo tempo de Berbigão e Pavilongo. Só os gritos de aviso que estes lhe dirigiram o tinham impedido de mergulhar no mesmo abismo que me engolira e ao Bobo. Após encontrar um ponto seguro para atravessar, regressara ao acampamento com Berbigão e Pavilongo, trazendo a notícia da perda de Tomé Texugo e de Dom Dourado. Breu trouxera-o para a privacidade da tenda do príncipe, e dissera-lhe em voz baixa que esses nomes também pertenciam a mim e ao Bobo. Castro percorrera todo o caminho até Aslevjal só para voltar a ouvir dizer que eu morrera. A sua voz manteve-se impassível ao relatar-me isto, como se a dor que sentira ao ouvir aquelas palavras não tivesse qualquer importância. “Estou satisfeito por ver que se enganaram. Outra vez.” As suas mãos estavam ocupadas a esfregar-me as mãos e os pés, trazendo-os de volta a uma vida dolorosa.

“Obrigado,” disse eu em voz baixa quando consegui voltar a fletir as mãos. Havia demasiado a dizer a Castro e nenhuma privacidade para o fazer. Portanto olhei para Breu e fiz a pergunta que mais me ardia no espírito: “Quão perto estamos de matar o dragão?”

Breu veio sentar-se a meu lado na cama. “Estamos mais perto do que quando desapareceste, mas não suficientemente perto,” disse com amargura. “Estávamos divididos quando partiste. Agora é pior. Fomos traídos, Fitz. Por um homem em que todos tínhamos confiado. Teio mandou a gaivota a Vilamonte, levando uma mensagem que conta tudo aos Mercadores e lhes pede para enviarem Tintaglia para evitar que matemos Fogojelo.”

Virei o olhar para Respeitador e fitei-o, incrédulo. “Deixaste-o fazer isso?”

Respeitador estava sentado na ponta da sua enxerga, com os olhos escuros dilatados no rosto enquanto nos observava. Havia novas rugas na cara do meu príncipe, e os seus olhos estavam inchados como se tivesse chorado livremente em dias recentes. Quase não consegui aguentar olhar para ele.

“Ele não me pediu autorização,” disse Respeitador num tom doloroso. “Disse que nenhum homem precisa de autorização para fazer o que está certo.” Suspirou. “É verdade que muito aconteceu nos poucos dias em que não estiveste cá. Na tua ausência, continuámos a escavar o gelo. Chegámos a um ponto em que conseguimos ver um enorme corpo sombrio debaixo de nós. Quando nos apercebemos de que tínhamos cavado até ao torso da criatura, começámos a fazer um túnel desde a parede da cova, seguindo a linha do seu dorso na direção da cabeça. Tem sido um trabalho desconfortável, mas menos difícil do

que escavar toda aquela área. Julgamos que aquilo que conseguimos ver agora por baixo de nós é o pescoço do dragão e parte da sua cabeça. Mas quanto mais nos aproximamos dele, mais cresce a sensação entre o círculo de Manha de que aquela é uma criatura que não nos cabe matar; que ele possui tanto vida como intelecto, embora nenhum de nós consiga detetá-lo com segurança. Os meus Sangues Antigos continuam a cavar a nosso lado todos os dias, mas temo que alinhem com o Hetgurd se eu tentar matar Fogojelo.” Afastou de mim o olhar, como se estivesse envergonhado por a sua confiança ter sido traída. “Esta noite, logo antes de chegares ao acampamento, Teio confessou-me que tinha enviado Risca. A discussão foi acalorada,” disse em voz baixa.

A esperança que eu nutria de dar um fim rápido ao dragão esmoreceu. Precisei de todos os bocadinhos de disciplina que me foram ensinados na vida para contar a minha desventura em detalhe e por ordem. Uma vergonha irracional queimou-me quando falei de como virara costas a Ordem e a Enigma. Quando lhes falei do destino do Bobo, e lhes transmiti as suas palavras sobre a mãe e a irmã da narcheska, Respeitador oscilou no lugar em que se encontrava sentado. “Por fim, tudo se torna claro. Tarde de mais.”

Eu sabia que ele tinha razão, e o desespero voltou a controlar-me. Mesmo se soubesse o caminho de volta, mesmo se eu conseguisse persuadi-los a reunirem todas as nossas forças e a marchar contra o forte da Mulher Pálida, éramos poucos. Ela poderia matá-lo ou Forjá-lo em momentos, e não havia dúvida de que o faria. E eu não podia ter esperança de matar o dragão rapidamente e conquistar a libertação do Bobo. Afastando o gelo, ainda teríamos de ultrapassar o Hetgurd, e mesmo os nossos homens de Sangue Antigo, e talvez Tintaglia.

A promessa da Mulher Pálida de que ele não morreria era uma ameaça tenuemente disfarçada. O Bobo seria Forjado. Seria sobre mim que cairia a tarefa de lhe tirar o que lhe restasse de vida. Não conseguia pensar nisso.

“Se entrássemos às escondidas na cova, conseguiríamos matar Fogojelo? Em segredo? Esta noite?” Era o único plano em que eu conseguia pensar.

“Impossível,” disse o príncipe. A sua cara e a sua voz estavam cinzentas. “O gelo entre ele e nós é demasiado espesso. Há dias de trabalho com pá e picareta à nossa frente antes de alcançarmos a sua carne. E antes desse momento, temo que Tintaglia esteja aqui.” Fechou os olhos por um momento. “A minha demanda falhou. Depositei a confiança no lugar errado.”

Olhei para Breu. “Quanto tempo temos?” *Quanto tempo tem o Bobo?*

Ele abanou a cabeça. “A que velocidade consegue uma gaivota voar? Com que rapidez irão os Mercadores de Vilamonte reagir à mensagem de Teio? A que velocidade consegue um dragão voar? Ninguém sabe estas coisas. Mas creio que o príncipe tem razão. Perdemos.”

Fiz ranger os dentes. “Há mais de uma maneira de deslocar gelo,” disse, e olhei significativamente para Breu. Os olhos do velho iluminaram-se. Mas antes de ter tempo de responder, a voz de Veloz ergueu-se à porta da tenda.

“Senhor! Trouxe a mochila de Tomé Texugo, e virá comida a seguir. Posso entrar?”

Respeitador dirigiu um aceno a Castro, e este foi dizer com um gesto ao filho para entrar.

O rapaz entrou. A vénia que fez ao príncipe foi rigidamente formal, e não olhou nem para o pai, nem para mim. Doeu-me ver como a divisão entre o príncipe e o seu círculo de Manha dilacerava o rapaz. A uma ordem de Castro, Veloz remexeu-me na mochila a fim de retirar roupa seca para mim. O rapaz não parecia estar de bem com o pai, mas obedecia-lhe. Castro viu-me a observá-los e, depois de o rapaz se ir embora, disse em voz baixa: “Veloz não ficou propriamente contente por me ver quando cá cheguei. Não lhe dei a tarefa que ele merecia, mas já levou com a minha língua por várias vezes. Não disse muito em resposta, pois sabe que merece. Toma. Despe esse roupão molhado.”

Enquanto eu lutava por despír as meias, Castro inclinou-se subitamente para a luz, examinando-me com os seus olhos enevoados. “Que se passa contigo? Que aconteceu ao teu braço?”

“Está saído da articulação,” disse eu, numa voz estrangulada. A garganta fechara-se-me ao ver os olhos dele. Perguntei a mim próprio até que ponto conseguiria ele ver-me. Como conseguira encontrar-nos ali, caminhando pela neve com olhos enevoados?

Ele fechou os olhos e abanou a cabeça. Depois: “Vem cá,” disse, com segura. Virou-me e sentou-me no chão aos seus pés. Os seus dedos percorreram-me o ombro, e a dor que despertaram foi estranhamente tranquilizadora. Ele sabia o que estava a fazer. Eu sabia que doeria, mas também que ele me consertaria. Podia senti-lo nos seus dedos, tal como sentira quando era rapaz, tal como sentira quando ele me recuperara depois de Galeno quase me ter matado.

“Trouxemos a comida. Podemos entrar?”



A voz fora da tenda era a de Teio. O príncipe fez um aceno brusco, com a boca numa linha reta, e de novo foi Castro a erguer a aba da tenda. Quando Teio entrou, saudou-me com um “É bom ver-te vivo, Tomé Texugo.” Fiz um aceno grave, sem confiar em mim para encontrar palavras. Ele olhou-me nos olhos e aceitou a minha hostilidade. O príncipe afastou do homem o olhar, com a dor evidente em cada traço do seu corpo. Breu fitou-o furioso. A expressão de Teio permaneceu tão amável e calma como sempre.

A pequena panela que ele trazia cheirava a boa carne de vaca em vez do peixe que eu esperara. Veloz estava atrás dele com um bule de chá. Aglomeraram-se na tenda para pousar ao meu alcance a carga que traziam.

Castro continuou a investigar o meu ombro como se eles não estivessem presentes. Ignorou Teio, mas o Mestre de Manha observou Castro com atenção. Quando Castro falou, dirigiu-se a Respeitador. “Príncipe Respeitador, senhor. Poderíeis ser-me grandemente útil neste momento, se quisésseis. Preciso de alguém que o segure com firmeza em volta do peito e o apoie enquanto eu faço o que tem de ser feito. Se vos sentásseis ali e pusésseis os braços à volta dele... Mais alto. Assim.”

O príncipe respondeu ao pedido de Castro e sentou-se atrás de mim. Depois de Castro orientar o abraço de Respeitador a seu gosto, falou comigo. “Isto vai precisar de um forte puxão. Não olhes para mim enquanto o faço. Olha em frente, e mantém-te o mais solto que puderes. Não te reteses com medo da dor que virá, caso contrário terei de puxar com mais força da segunda vez. Calma. Agarraí-o firmemente, senhor. Agora confia em mim, rapaz. Confia em mim.” Enquanto falava num tom calmante, ergueu-me lentamente o braço. Eu escutei as palavras, deixando-o afogar a dor, preencher-me de calma e confiança com o seu toque. “Tem calma, tem calma, e... Agora!”

Rugi com o súbito choque, e no instante seguinte, Castro estava no chão a meu lado, apoiado num joelho, com as grandes mãos calejadas a segurar-me firmemente o braço contra o ombro. Formigou e doeu, mas doeu da forma certa, e eu encostei-me a ele, fraco de alívio. Enquanto arquejava, reparei como ele mantinha a perna aleijada aberta, em ângulo, quase sem dobrar o joelho. Pensei no que lhe custara percorrer todo aquele caminho, quase cego e meio mutilado, e senti-me insignificante.

Ele falou-me em voz baixa ao ouvido enquanto me abraçava. “És um homem feito, há todos estes anos, mas quando te vejo ferido, juro,

tens oito anos e eu penso: ‘Prometi ao pai dele que cuidaria do seu filho. Prometi.’”

“E cuidaste,” assegurei-lhe. “Cuidaste.”

Teio falou calmamente, com uma voz profunda: “Estou espantado. Isso é um pouco da magia do Sangue Antigo que eu julgava estar perdida para nós. Vi esse tipo de tratamento ser feito em animais algumas vezes quando era rapaz, antes de o velho Curvante morrer na Guerra dos Navios Vermelhos. Mas nunca a tinha visto a ser usada dessa forma num homem, de uma maneira tão perfeita. Quem te ensinou? Onde estiveste estes anos todos?”

“Eu não uso Magia dos Animais,” disse Castro com veemência.

“Eu sei o que acabei de ver,” respondeu Teio, implacável. “Chama-lhe o nome sujo que quiseres. És um mestre nela, de uma maneira que está quase perdida para nós. Quem te ensinou, e porque foi que não transmitiste os teus ensinamentos?”

“Ninguém me ensinou coisa nenhuma. Vai-te embora. E fica longe de Veloz.” Havia uma ameaça negra nas palavras de Castro, e quase medo.

Teio permaneceu calmo. “Eu sairei, pois acho que o Fitz precisa de sossego e de algum tempo para conversar em privado contigo. Mas não permitirei que o teu filho caminhe na ignorância. Ele recebeu de ti a sua magia. Podias ter-lhe ensinado também as tuas técnicas.”

“O meu pai tem a Manha?” Veloz parecia chocado até ao âmago.

“Agora tudo faz sentido,” disse Teio em voz baixa. Inclinou-se para Castro, olhando-o de um modo que ultrapassava o toque dos olhos. “O Mestre dos Estábulos. E também um mestre na Manha. Quantas criaturas conseguem falar contigo? Cães? Cavalos? Que mais? De onde vieste, porque te escondeste?”

“Sai!”, explodiu Castro.

“Como pudeste fazê-lo?”, perguntou Veloz, de súbito em pranto. “Como pudeste fazer-me sentir tão sujo e baixo, quando a magia veio de ti, quando tu também a tens? Nunca te perdoo! Nunca!”

“Não preciso do teu perdão,” disse Castro sem expressão. “Só da tua obediência, e vou tê-la à força se tiver de ser. E agora, vós os dois, fora. Tenho trabalho a fazer e estais no meu caminho.”

O rapaz pousou cegamente o bule e tropeçou para fora da tenda. Ouvi os soluços que o devastavam enquanto ele corria noite dentro.

Teio levantou-se mais devagar, pousando com cuidado a panela de sopa. “Eu vou, homem. Não é este o nosso momento. Mas o nosso momento de conversar vai chegar, e tu vais ouvir-me até ao fim, mes-

mo que primeiro tenhamos de andar ao murro.” Depois virou-se para mim. “Boa-noite, Fitz. Estou contente por não estares morto. Dói-me que Dom Dourado não tenha regressado contigo.”

“Sabes quem ele é?” As palavras foram arrancadas de Castro.

“Sim. Sei. E através dele, sei quem tu és. E sei quem usou a Manha para o fazer regressar da morte e o fazer erguer-se da tumba. E tu também.” Teio saiu com aquelas palavras, deixando a aba da tenda cair atrás de si.

Castro ficou a olhar para o local onde ele desaparecera, e depois pestanejou os seus olhos enevoados. “Aquele homem é um perigo para o meu filho,” observou, tenso. “E podemos mesmo acabar ao murro.” Depois, pareceu pôr de lado essa preocupação. Virando a cabeça para Breu e Respeitador, disse: “Preciso de uma faixa de pano ou de uma correia de couro ou qualquer coisa do género para lhe ligar o braço ao ombro durante a noite, até o inchaço diminuir e o braço se manter firme sozinho. Que temos?” Respeitador ergueu o roupão que a Mulher Pálida me dera. Castro fez um aceno de aprovação e Respeitador pôs-se a cortar uma faixa da bainha.

“Obrigado.” E depois, dirigindo-se a mim: “Podes comer com a mão direita enquanto eu faço isto. A comida quente vai aquecer-te. Tenta só não te mexeres demasiado.”

Respeitador entregou a Castro a faixa de tecido e começou a servir a sopa para uma tigela e a encher uma chávena de chá para mim como se fosse meu pajem. Falou enquanto o fazia, e no entanto não me parece que as palavras se dirigissem a alguém. “Não há mais nada que eu possa fazer aqui. Tento pensar no que devo fazer, mas nada me ocorre.” Um período de silêncio seguiu-se às suas palavras. Eu comi, e Castro trabalhou no meu ombro. Quando terminou de me prender o braço ao corpo, voltou a sentar-se na enxerga, com a perna aleijada esticada à sua frente de uma forma desajeitada. Breu parecia ter envelhecido uma década. Estivera a refletir nas palavras do príncipe, pois disse lentamente: “Há vários rumos que podeis tomar, meu príncipe. Podíamos simplesmente partir amanhã. Isso tenta-me, admito, quanto mais não seja pela ideia de abandonar todos aqueles que nos enganaram e traíram. Mas seria uma vingança mesquinha, e no fim de contas nada lucraríamos com ela. Outra alternativa é adotarmos o plano de Teio e fazermos todos os possíveis por libertar o dragão, abandonando a esperança de uma aliança com as Ilhas Externas, na esperança de conquistar a boa vontade de Tintaglia e dos Mercadores de Vilamonte.”

“Abandonando o Bobo,” acrescentei eu em voz baixa.

“E Enigma e Ordem. Abandonando a mãe e a irmã de Eliânia, e quebrando a palavra que eu dei. Quebrando a minha palavra, perante não apenas os meus próprios duques, mas também os ilhéus.” Cruzou os braços ao peito, parecendo doente. “Que belo rei eu darei.”

“Abandonar o Bobo não pode ser evitado,” disse Breu. Proferiu as palavras o mais suavemente que pôde, mas mesmo assim elas me apunhalaram. “Deixar os parentes de Eliânia para trás e quebrar a vossa palavra pode ser perdoado, pois eles serviram-se de enganos para conquistar a vossa promessa. Tal como em tantas coisas, muito dependerá de como isso for apresentado.”

Respeitador soou vencido. “Engano. Que teríamos nós feito? A mãe e a irmã mais nova de Eliânia. Não admira que haja tanta mágoa nos olhos dela. E foi por isso que a nossa cerimônia de noivado na sua casa-materna foi tão estranha, e que a mãe esteve ausente ao longo de todas as negociações. Julgava que o Forjamento era um mal do passado. Nunca pensei que ele estendesse hoje a mão e me tocasse a vida.”

“Mas fê-lo. E isso explica muito do comportamento de Peotre e da narcheska,” acrescentou Breu.

Atirei toda a discrição ao vento. Havia demasiado em jogo para ficar quieto enquanto Breu delineava laboriosamente possíveis rumos a seguir. “Vamos já, esta noite. Só eu e Respeitador, em segredo. Breu criou um pó explosivo, um pó que tem a força de um relâmpago. Usamo-lo para matar o dragão. Obteremos dela a nossa gente de volta, de uma forma ou de outra. E quando eles estiverem em segurança” — *mortos*, pensei de mim para mim, friamente — “então arranjaré maneira de chegar até ela e de a matar.”

Breu e o príncipe fitaram-me. Depois Breu fez um lento aceno com a cabeça. O príncipe parecia perguntar a si próprio quem eu era.

“Pensa!”, bradou-me Castro de repente. “Pensa até ao fim no assunto, sem suposições. Há aqui muito que não faz sentido para mim, questões a que devias dar resposta antes de ires cegamente fazer o que ela quer, independentemente das ameaças que te possa ter feito. Porque foi que não se limitou a matar ela própria o dragão? Porque te pede para o fazeres, e depois te põe fora do seu forte, quando seria mais fácil para ela ajudar-te a alcançá-lo?” Num aparte, que não dirigiu a ninguém, resmungou: “Detesto isto. Detesto pensar desta forma, detesto a intriga e a conspiração. Sempre detestei.” Fitou cegamente os recantos da tenda mal iluminada. “Todos esses intrincados equilíbrios de poder e ambição e a pulsão dos Visionário para pôr forças em movimento e cavalgá-las. Todos os segredos. Foi isso que matou

o teu pai, o melhor homem que já conheci. Matou o pai dele e matou Veracidade, um homem que eu tenho orgulho de ter servido. Terá de matar também mais uma geração, terá de pôr fim a toda a vossa linhagem antes de lhe pordes travão?” Virou o olhar, e de súbito pareceu ver o príncipe. “Ponde fim a isto, senhor. Suplico-vos. Mesmo que custe a vida do Bobo, mesmo que custe o vosso noivado. Ponde-lhe fim agora. Controlai as vossas perdas, que já são demasiado elevadas. Tudo o que podeis comprar para a família da narcheska é a morte. Afastai-vos de tudo. Parti daqui, velejai para casa, casai com uma mulher sensata, e tende filhos saudáveis. Deixai este chá de lamentos aos ilhéus que o fizeram. Por favor, meu príncipe, sangue do meu mais querido amigo. Abandonai isto. Vamos para casa.”

As suas palavras chocaram-nos a todos, e em especial ao príncipe. Vi a mente de Respeitador a correr enquanto fitava Castro. Não teria nunca ocorrido àquele jovem que podia dar um passo como aquele? Olhou-nos a todos, um de cada vez, e depois levantou-se. Algo mudou no seu rosto. Nunca o vira acontecer, nunca suspeitara que talvez um único momento pudesse levar um rapaz ao estado adulto. Vi-o nessa altura. Ele foi até à porta da tenda. “Pavilongo?”

Pavilongo enfiou a cabeça no interior. “Meu príncipe?”

“Vai-me buscar Dom Aguapreta e a narcheska. Desejo que venham cá imediatamente.”

“Que estás a fazer?”, perguntou Breu em voz baixa depois de Pavilongo se retirar.

O Príncipe Respeitador não respondeu diretamente. “Quanto desse pó mágico tendes? Ele pode fazer o que o Fitz disse?”

Uma luz incendiou-se nos olhos do velho, a mesma luz que costumava aterrorizar-me quando eu era seu aprendiz. Compreendi que ele não sabia por inteiro o que o seu pó podia fazer, mas que estava disposto a arriscar que funcionaria. “Duas barricas, meu príncipe. E sim, creio que será suficiente.”

Ouvi o gelo a ser esmagado por passos à porta da tenda. Todos nos silenciámos. Pavilongo ergueu a aba. “Meu príncipe, Dom Aguapreta e a Narcheska Eliânia.”

“Fá-los entrar,” disse Respeitador. Permaneceu em pé. Cruzou os braços ao peito. Dava-lhe um ar ameaçador, mas suspeito que o fez para evitar que as mãos lhe tremessem. A sua cara parecia ter sido esculpida em pedra. Quando os outros entraram, ele não os cumprimentou nem os convidou a sentar-se, disse apenas: “Eu sei o que a Mulher Pálida está a usar contra vós.”

Eliânia soltou um arquejo, mas Peotre só inclinou uma vez a cabeça. “Quando o vosso homem regressou, temi que pudésseis saber. Ela enviou-me uma mensagem, dizendo que não pretendia divulgar esse segredo, mas que agora que é conhecido, posso suplicar-vos livremente que nos ajudeis.” Respirou fundo e eu julguei saber o que custou àquele homem orgulhoso deixar-se cair lentamente sobre os joelhos. “E é o que faço.” Baixou a cabeça e aguardou. Perguntei a mim próprio se ele já teria antes ajoelhado perante algum homem. A cara de Eliânia, antes branca, explodiu num súbito carmesim. Deu um passo em frente e pousou uma mão no ombro do tio. Lentamente, deixou-se cair sobre os joelhos a seu lado. A sua orgulhosa e jovem cabeça baixou até que o cabelo negro lhe ocultou a cara.

Fitei-os, desejando odiá-los pelas suas intrigas e traições. Não consegui. Sabia bem de mais o que Breu e eu seríamos capazes de fazer se Kettricken fosse tomada como refém. Pensei que o príncipe devia pedir à narcheska para se levantar, mas ele limitou-se a fitá-los. Breu falou. “Ela enviou-vos uma mensagem? Como?”

“Tem as suas maneiras,” disse Peotre com uma voz tensa. Permaneceu de joelhos enquanto falava. “E estou proibido de falar delas. Lamento.”

“Lamentais? Porque não podíeis ter sido honestos connosco desde o início? Porque não nos podíeis ter dito que agíeis sob coação, sem qualquer interesse numa aliança ou num casamento? O que vos obriga a continuar a defender os segredos dela? Proibido de falar! Que poderia ela fazer-vos que fosse pior do que já fez?” A dor e a indignação na voz do príncipe ultrapassavam tudo o que meras palavras poderiam transmitir. Ele agora sabia, como todos sabíamos, que fora apenas uma ferramenta para a narcheska, nunca alguém de quem ela pudesse gostar. Isso humilhava-o tanto como o magoava. Soube então que se deixara apaixonar por ela, apesar das diferenças entre ambos.

Peotre cerrou os dentes. A sua voz rangia quando respondeu. “É precisamente essa a pergunta que me mantém acordado à noite. Só conhecéis o mais recente e perverso ataque que ela desferiu contra o Clã do Narval. Durante muito tempo, mantivemo-nos firmes contra os golpes que ela nos dava, pensando: ‘Ela fez o seu pior, e nós aguentámos. Não nos vergaremos à sua vontade.’ E de todas as vezes demonstrou que estávamos enganados. Que nos pode fazer de pior? Não sabemos. E essa ignorância sobre onde acertará o seu golpe seguinte é a mais temível arma que tem contra nós.”

“Alguma vez pensastes que me podíeis ter dito que havia reféns

envolvidos? Pensastes que isso não me teria levado a ajudar-vos?”, perguntou Respeitador.

Peotre abanou pesadamente a cabeça. “Nunca poderíeis ter aceitado o acordo que ela fez connosco. Tínheis demasiada honra.”

O príncipe ignorou o estranho elogio.

“Que pacto foi esse?”, perguntou Breu com severidade.

Peotre respondeu com uma voz monótona: “Se fizéssemos com que o príncipe matasse o dragão, ela mataria Oertre e Cossi. O tormento e vergonha delas terminaria.” Ergueu a cabeça e olhou-me com dificuldade, mas depois falou honestamente. “E se lhe entregássemos vós os dois, vós e o homem dourado, vivos, prometeu dar-nos os seus corpos. Para os devolvermos às nossas terras maternas.”

Tentei encontrar a minha fúria, e senti apenas náusea. Não admirava que eles tivessem ficado tão contentes por verem o Bobo à nossa espera em Aslevjal. Tínhamos sido vendidos como gado.

“Posso falar?” Eliânia ergueu a cabeça. Era possível que ela sempre tivesse trazido consigo aquela solene mágoa, mas nunca tinha visto a vergonha que agora mostrava com clareza. Parecia mais nova do que a recordava, e no entanto tinha os olhos de uma moribunda. Olhou para Respeitador, e depois baixou o olhar perante a dor que ele não escondia. “Acho que há muito que posso tornar claro para vós. Já há muito que não tenho qualquer ânimo para esta maligna impostura. Mas o meu dever para com a minha família significa que tenho de começar por vos dizer o seguinte: a minha mãe e a minha irmã... é fundamental que... que nós...” Ficou embargada por algum tempo. Depois atirou a cabeça para cima e falou de forma obstinada. “Não me parece que consiga fazer-vos compreender a importância que isto tem. Que elas têm de morrer, e que os seus corpos têm de ser devolvidos à minha casa-materna. Para um ilhéu, para uma filha do Clã do Narval, nenhuma outra alternativa foi alguma vez possível.” Apertou as mãos trémulas na sua frente. “Nunca houve uma alternativa honrosa,” conseguiu dizer antes de a voz lhe morrer.

Respeitador falou em voz baixa. “Sentai-vos, se conseguirdes arranjar espaço. Acho que agora chegámos todos ao mesmo lugar.” Não se referia à tenda.

Todos mudámos de posição, tentando abrir espaço no pequeno abrigo. Castro soltou um grunhido ao tentar tirar a perna hirta do caminho. Quando Peotre e Eliânia encontraram lugares onde se sentar, Castro sacudiu a minha camisa, após o que me enrolou nela. Isso quase me fez sorrir. Independentemente do que estivesse a acontecer,

ele continuava a não permitir que eu ofendesse uma senhora estando sentado de tronco nu na sua presença. Neto de uma escrava, sempre estivera muito mais consciente das conveniências sociais do que eu.

A voz de Eliânia soou envergonhada e fatigada. Manteve os ombros tensos e dobrados. “Perguntais que mais poderia ela fazer-nos? Muito. Não sabemos, com certeza, quem lhe pertence. Há anos que depreda os nossos homens e rapazes. Os nossos guerreiros partem e não regressam. Jovens desapareceram enquanto pastoreavam os nossos rebanhos, mesmo nas terras do nosso clã! Criança após criança, ela reduziu a nossa família. Algumas matou. Outras saíram para brincar e regressaram a casa como monstros sem alma.” Deitou uma olhadela de viés a Peotre, o qual fitava coisa nenhuma. “Matámos as crianças do nosso clã com as nossas próprias mãos,” sussurrou. O príncipe soltou um pequeno som ao ouvir aquelas palavras. Ela parou de falar, após o que inspirou entrecortadamente e prosseguiu. “Hênia fez durante anos parte do pessoal da nossa casa antes de nos trair. Ainda não sabemos como a minha mãe e irmã mais nova foram levadas tão facilmente do nosso seio. E tal como essas duas foram levadas, outras são vulneráveis. A minha Grande Mãe é idosa e, como vistes, a sua mente tremeluz como uma vela moribunda. Todos os seus conhecimentos deviam ter sido transmitidos à minha mãe por esta altura. Mas a minha mãe não está lá para os receber. Portanto ela demora-se, fazendo os possíveis por servir de mãe à nossa casa apesar do fardo dos seus anos. Talvez a julgueis patética. Apesar disso, se nos fosse roubada, o centro da nossa casa-materna ficaria completamente destruído. A minha família deixaria de existir. Mesmo assim, já sofremos muito com a ausência da minha mãe e com a discórdia que isso gerou. O que é uma casa-materna sem uma mãe?”

Fez a pergunta como se fosse retórica, mas o príncipe endireitou-se muito de repente. Com uma voz tensa, perguntou: “Mas assim, se vierdes para Torre do Cervo para vos tornardes minha esposa, não estaríeis a abandonar a vossa casa-materna, isto é, quem seria Grande Mãe quando fosse a vossa vez de desempenhar esse papel?”

Uma minúscula centelha de ira acendeu-se nos olhos de Eliânia. Falou com desdém. “A minha prima já se julga nesse papel, como vistes. Procura levar os outros a pensar que é seu por direito e não por ausência.” Vi por um segundo a pessoa irascível que vislumbrara na sua ilha natal. Depois, ela soltou um pequeno suspiro e agitou as mãos com impotência. “Mas tendes razão. Eu abdiquei de toda a esperança de me tornar aquilo que nasci para ser quando concordei em casar



convosco. Essa perda é o preço que pago para comprar as mortes da minha irmã e da minha mãe, e pôr fim ao seu tormento e degradação.” Voltou a minguar para dentro de si própria, arredondando os ombros. Apertou as mãos, e vi suor nascer na sua testa.

“Porque foi que ela não vos pediu *a vós* para matardes o dragão? Ou porque não o faz ela própria?”, perguntou-lhes Breu.

Peotre interveio. “Ela crê ser uma grande profetisa, alguém que pode não só ver o futuro, mas que determina o que o futuro será. Durante a guerra, disse que a linhagem Visionário tinha de perecer por completo, caso contrário fariam os dragões cair sobre nós, tal como faziam antigamente. Alguns acreditaram nela, e tentaram obedecer à sua vontade. Mas falharam, e as suas palavras tornaram-se verdadeiras. Vós, os Visionário, fizestes cair sobre nós a cólera dos dragões, esmagando e destruindo os nossos navios e aldeias.”

“Mas se não nos tivésseis atacado com os Navios Vermelhos...” começou Respeitador, indignado.

Peotre falou ao mesmo tempo que ele. “Agora, diz que ainda há uma hipótese de nos redirmos. Diz que o nosso dragão merece morrer, por não se ter erguido para nos proteger. Além disso, diz que merece morrer às mãos de um Visionário, visto que sois vós o inimigo contra o qual ele não nos protegeu. Mas acima de tudo, diz que um Visionário tem de matar Fogojelo porque foi isso que viu nas suas visões do futuro. Para que o futuro se desenrole como ela quer, tem de ser um Visionário a realizar este feito.”

“O que me parece uma ótima razão para pensarmos não o fazer,” comentou Castro em surdina, dirigindo-se a mim.

Os ouvidos do príncipe eram aguçados. Falou com amargura. “Mas a melhor razão para pensarmos não matar o dragão é a possibilidade de ser impossível. Estais conscientes de que alguns dos membros do meu grupo começaram a duvidar da minha missão. Quanto mais nos aproximamos de Fogojelo, mais claramente conseguimos senti-lo, não só a vida que ainda nele resta, mas o seu poder. O seu intelecto. Agora descubro que os meus amigos agiram contra mim. Dom Agua-preta, Narcheska Eliânia, falhei-vos. Os meus amigos de confiança enviaram uma mensagem aos Mercadores de Vilamonte. Estes enviarão o seu dragão para se nos opor. Ela pode estar já em viagem para aqui.”

“Não compreendo,” interrompeu Peotre. “Já sabia que havia resistência no vosso grupo quanto a matar-se o dragão. Mas que conversa é esta sobre ‘senti-lo’?”

“Vós não sois o único que tem segredos, e este guardarei para

mim, por agora. Tal como guardais para vós o segredo sobre o modo como a Mulher Pálida esteve em contacto convosco. Ela instigou-vos a envenenardes o Fitz... o Tomé com o bolo que nos trouxestes, não é verdade?”

Peotre endireitou-se muito, de lábios apertados. Respeitador anuiu vivamente de si para si. “Sim. Segredos. Se não tivésseis achado por bem guardar os vossos tão ciosamente, poderíamos ter agido como um só desde o início, não contra o dragão, mas contra a Mulher Pálida. Se ao menos tivésseis falado comigo...”

A narcheska perdeu subitamente a força. Caiu de lado, gemendo, e depois estremeceu e ficou imóvel.

Aguapreta ajoelhou a seu lado. “Não podíamos!”, exclamou com amargura. “Não podeis sequer imaginar o preço que esta pequena pagou esta noite por vos falar tão claramente. A sua língua foi amarrada, e a minha também.” Olhou de súbito para Castro. “Velho soldado, se resta em vós um farrapo de misericórdia, podeis ir-me buscar neve?”

“Eu vou,” disse eu em voz baixa, sem saber até que ponto Castro ainda era capaz de ver. Mas ele já se levantara, levando consigo uma panela vazia e saindo da tenda. Aguapreta fez rolar Eliânia, pondo-a de bruços e, sem cerimónia, puxou-lhe a túnica para cima. O príncipe arquejou perante o que foi revelado e eu afastei o olhar, nauseado. As tatuagens do dragão e da serpente nas costas dela estavam inflamadas, algumas a exsudar gotículas de sangue, outras inchadas e húmidas como queimaduras acabadas de rebentar. Peotre falou através de dentes cerrados. “Ela saiu um dia para dar um passeio com Hênia, a sua aia de confiança. Dois dias mais tarde, Hênia trouxe-a para casa, cambaleante, com estas marcas nas costas e a cruel proposta da Mulher Pálida. Foi Hênia a explicá-la, pois Eliânia não podia dizer nada sobre o que lhe acontecera sem que os dragões a punissem. Até a menção ao nome da Mulher Pálida lhe faz isto.”

Castro regressou com a panela de neve. Pousou-a ao lado da mulher deitada de borco e olhou-a horrorizado, tentando discernir o que aquilo era. “Uma infeção de pele?”, perguntou, hesitante.

“Um envenenamento da alma,” disse Peotre com amargura. Ergueu uma mancheia da neve limpa que Castro trouxera e espalhou-a pelas costas de Eliânia. Esta moveu-se um pouco. As pálpebras agitaram-se. Julguei que pairava nos limites da consciência, mas não emitiu um som.

“Liberto-vos de todos os acordos feitos entre nós,” disse Respeitador em voz baixa.

Peotre olhou-o, magoado. Mas o príncipe prosseguiu.

“Não exigirei que ela cumpra quaisquer promessas que tenha feito sob coação. Mas mesmo assim, matarei o vosso dragão,” disse o príncipe em voz baixa. “Esta noite. E depois de termos ganho uma morte limpa para a nossa gente, quando ninguém além de mim correr algum risco, então farei tudo o que estiver ao meu alcance para pôr para sempre fim ao mal da Mulher Pálida.” Inspirou profundamente e, como se temesse ser alvo de troça, disse: “E se algum de nós sobreviver, então apresentar-me-ei a Eliânia e perguntar-lhe-ei se me aceita.”

Eliânia falou. A sua voz soou ténue, e não ergueu a cabeça. “Aceito. De livre vontade.” A segunda frase foi dita com mais força. Não creio que Peotre ou Breu tenham aprovado, mas mantiveram-se em silêncio. Ela afastou com um gesto a mancheia de neve que Peotre segurava. Pegou-lhe na mão e conseguiu sentar-se. Ainda tinha dores. Parecia ter sofrido um ferimento mortal.

Breu virou o olhar para mim.

“Então agimos. Esta noite.” Olhou em volta, para cada um de nós, um após outro, e depois atirou quase visivelmente as cautelas ao vento. “Não nos atrevemos a esperar, pois quem entre nós sabe quão depressa é capaz um dragão de voar? Se agirmos juntos e depressa, então talvez a coisa possa ser feita e talvez seja possível que nos tenhamos ido embora daqui antes de essa tal Tintaglia chegar.” Um rubor espalhou-se subitamente pela cara do velho. Não conseguiu reprimir o pequeno sorriso que surgiu quando anunciou: “É verdade. Criei um pó que tem a força de um relâmpago. Trouxe algum dele comigo quando vim para cá. Não tenho tanto quanto esperava aplicar nesta tarefa. A maior parte do pó que trouxe ficou na praia. Mas o que tenho talvez seja suficiente. Quando é atirado para uma fogueira num recipiente bem fechado, explode com violência, como um relâmpago. Se o pusermos no fundo do túnel e o detonarmos, irá de certeza remover muito gelo. Pode mesmo matar o dragão sozinho. Mesmo se não o fizer, dar-nos-á um acesso mais rápido a ele.”

Pus-me em pé com dificuldade. “Tens um manto que eu possa usar?”, perguntei a Castro.

Ele ignorou-me, olhando apenas para Breu. “Isto é parecido com o que fizestes na noite em que Sagaz morreu? Aquilo com que tratastes as velas não se mostrou tão fiável como esperáveis. Que risco corremos aqui?”

Mas o entusiasmo de Breu por um teste imediato ao seu pó maravilhoso já ultrapassara todas as cautelas. Era como um rapaz com

um papagaio de papel ou um bote não experimentado. “Isto não tem nada a ver com isso. Isso era uma medição fina, e teve de ser feita mais à pressa do que eu teria preferido. Fazes alguma ideia do que foi necessário para tratar todas aquelas velas e da lenha de que precisei para essa noite, sem ninguém saber? Nunca ninguém deu o devido valor a isso, oh não, nem a nenhuma das outras maravilhas que eu realizei pelo reinado Visionário. Mas mesmo assim, isto é diferente. Acontecerá a uma escala muito maior, e sou livre para usar tanto pó quanto achemos necessário. Desta vez não haverá meias-medidas.”

Castro abanou a cabeça na minha direção quando libertei o braço do pano que o prendia e enfiei cuidadosamente a mão esquerda na manga da camisa. Estava dorido, mas conseguia usá-lo. Com cuidado. A perspectiva de o dragão poder ser morto naquela noite incendiaria-me. Uma parte calma de mim sabia que nada mais tinha do que a palavra da Mulher Pálida de que libertaria o Bobo assim que Fogojelo estivesse morto. Não era propriamente fiável, e no entanto era a única oportunidade de que eu dispunha. E se o pó de Breu matasse mesmo o animal mas não conquistasse a libertação do Bobo, então uma segunda dose desse pó, usada ao lado do corpo do dragão, poderia perfeitamente abrir uma passagem para os domínios dela sob o gelo. De momento, guardei aquela ideia para mim.

“Quais são os perigos?”, perguntou Respeitador, mas Breu fez um aceno de menosprezo.

“Testei-o extensivamente. Abri buracos na praia, acendi fogueiras no fundo desses buracos e quando começaram a arder bem, pus lá dentro uma caixa de pó e recuei. Quando o pó rebentou, criou um fosso na praia, com um tamanho proporcional à quantidade de pó que havia no recipiente fechado. Porque haveriam o gelo e a neve de ser diferentes? Oh, admito que são mais pesados e mais espessos, mas será por isso que usaremos um recipiente de pó maior. E quanto ao fogo...”

“Faz-se facilmente,” disse eu. Já tinha a mente a correr. Encontrara o manto de Breu. Pu-lo em volta dos ombros. “Uma espécie qualquer de recipiente, uma panela grande. Aquele tacho que usamos para os estufados e para derreter neve. Isso servirá. Acendalhas para acender um fogo no fundo, e depois o óleo combustível do Bobo. Ele tinha-o dentro da tenda, portanto deverá continuar lá. Eu vou até ao fundo do túnel que foi escavado, acendo o fogo, e depois ponho o pó lá dentro e saio. À pressa.” Eu e Breu sorrimos um ao outro. Eu já estava infetado com o seu entusiasmo.

Breu acenou com a cabeça, após o que franziu as sobrancelhas.

“Mas o tacho não é suficientemente grande para conter toda a barrica. Ah, deixa-me pensar, deixa-me pensar. Já sei. Várias camadas de couro curado debaixo da panela. Quando tiveres o fogo a arder bem na panela, despeja-o para cima do couro. Este irá contê-lo suficientemente bem durante o pouco tempo que será necessário. Depois, atira a barrica para dentro do fogo. E sai do túnel. À pressa.” Sorriu-me, como se tudo aquilo fosse um belo gracejo. Peotre parecia alarmado, a narcheska confusa. Castro estava de cenho franzido, com a expressão negra como uma nuvem de trovoada. O Príncipe Respeitador parecia dividido entre um desejo de rapaz de fazer as coisas acontecer e uma necessidade de monarca de avaliar cuidadosamente todas as decisões. Quando falou, eu soube qual o lado que ganhara.

“Devia ser eu a fazê-lo, não o Fi... o Tomé Texugo. O seu braço está praticamente inutilizado. E eu disse que o faria. A tarefa é minha.”

“Não. Vós sois herdeiro do trono Visionário. Não podemos pôr-vos em risco!”, proibiu Breu.

“Ah! Então admitis que existe risco!”, rosnou Castro enquanto eu enfiava com dificuldade os pés nas botas de Breu. Eram grandes de mais para mim. Nunca me apercebera de que o velhote magricela tinha uns pés tão compridos.

A minha mente fervilhava de planos. “Preciso da panela, do óleo do Bobo, de mecha e acendalhas, de duas peles tratadas. E da barrica de pó.”

“E de uma lanterna. Vais precisar de luz para veres o que estás a fazer lá em baixo no escuro. Eu levo a lanterna.” Respeitador ignorara o aviso de Breu.

“Não. Nada de lanterna. Bem. Talvez uma pequena. Vamos já, e vamos em silêncio. Se o resto do vosso círculo de Manha se apercebe do que nos preparamos para fazer... bem. Não nos faz falta que isso aconteça.” Enquanto eu lutara com as botas, apercebera-me de que precisaria de alguém para me ajudar. O meu ombro ainda me dava pontadas à mínima exigência que lhe fazia. Essa pessoa seria o príncipe. Mandaria Respeitador sair do túnel assim que tivesse o fogo a arder. Ele podia ficar a meu lado à beira da cova enquanto esperávamos pelo rebentamento do pó. Decerto que isso seria suficiente para cumprir a promessa de Visionário de que cortaria a cabeça do dragão.

“Círculo de Manha!”, explodiu Castro.

Senti-me impaciente. Falei enquanto remexia a roupa de Breu e de Respeitador. Peguei no chapéu de peles de Breu. “Sim. O círculo de Manhosos que servem o Rei Visionário. Julgavas que o Talento era a

única magia que podia ser empregue dessa forma? Pergunta a Veloz como é. Ele está perto de se tornar membro do círculo. E apesar de Teio ter traído os nossos planos, não penso que seja má ideia.” Depois, enquanto Castro me fitava, simultaneamente assarapantado e insultado, fiz lembrar a Breu: “Manda Pavilongo em pessoa ir buscar essas coisas. Ele não abre a boca e é leal; não dará origem a nenhum boato.”

“Eu vou com ele,” disse Respeitador. Pegou no casaco, sem esperar pelo acordo de ninguém. Fez uma breve pausa perto de Eliânia. Os seus olhos não se encontraram com os dela, mas prometeu: “Dou-vos a minha palavra. Se conseguir dar mortes limpas às vossas mãe e irmã, serão suas.” E depois saiu.

“O Príncipe Visionário usa magia?”, perguntou Peotre enquanto nós fitávamos o ponto por onde o príncipe desaparecera.

Breu improvisou apressadamente uma mentira. “Não foi isso que o Tomé disse. O príncipe tem aqui um círculo de amigos que podem usar a Manha, que nos Seis Ducados é por vezes chamada Magia do Sangue Antigo. Vieram com ele para o ajudar.”

“A magia é uma coisa suja,” opinou Peotre. “Uma espada é pelo menos honesta, e um homem vê a morte a aproximar-se. Foi pela magia que a Mulher Pálida acorrentou a nossa gente e fez com que essas pessoas nos envergonhassem. É pela magia que ainda nos prende, para desempenharmos as suas baixas tarefas.”

Castro concordou com aquelas palavras com um movimento lento de cabeça. “Seria bom que a magia da espada pudesse ser aplicada nela. Nunca é apropriado que um homem forte caia por intermédio de artimanhas, em especial artimanhas de uma mulher pérfida e ambiciosa.” Eu soube nesse momento que ele pensava no meu pai, e no modo como a Rainha Desejo planeava a sua morte. Não sei o que Peotre terá pensado das suas palavras.

O kaempra do Clã do Narval levantou-se lentamente, como se alguma ideia estivesse a desenrolar-se desconfortavelmente na sua cabeça. Anuiu, como que de si para si. A seu lado, a narcheska pôs-se em pé. “Por favor, dizei ao Príncipe Respeitador que eu disse adeus,” disse ela em voz baixa, a ninguém em particular.

“E eu também,” disse Peotre com a sua voz grave. “Dói-me que tenhamos chegado a isto. Seria bom que tivesse havido um caminho melhor para todos nós.” Saíram lentamente, com Peotre a mover-se como se estivesse sob um grande peso. Respeitador regressou depressa, trazendo algumas das coisas necessárias para a nossa missão. Alguns momentos mais tarde, Pavilongo trouxe o resto. Ficou parado depois de

ter sido aliviado dos objetos. Era claro que queria fazer perguntas, mas nenhuma explicação lhe foi dada antes de Breu o mandar embora com um agradecimento. O homem parecia preocupado. Era claro que eu e Respeitador estávamos a preparar alguma espécie de incursão. Poucas ou nenhuma explicação sobre o meu regresso tinham sido dadas fosse a quem fosse. No entanto, como qualquer bom soldado, Pavilongo aceitou a falta de explicação como uma coisa razoável e regressou ao seu posto à porta da tenda.

Houve um pequeno atraso, pois Breu decidira que um fogo em peles em cima de gelo poderia não arder com calor suficiente para detonar o seu pó. Fez experiências com a panela para ver qual o tamanho do recipiente de pó que poderia caber lá dentro. Isto exigiu uma apressada comparação de coisas embaladas para descobrir um recipiente que coubesse na panela ao mesmo tempo que isolava suficientemente bem o pó. Por fim decidimo-nos por uma pequena caneca com tampa de cerâmica que estivera cheia de ervas para o chá. O modo como Breu resmungou sobre ter de despejar a caneca levou-me a suspeitar que o chá era uma das suas misturas especiais. Depois disso feito, abriu a barrica que eu trouxera da praia e transferiu cautelosamente um pó grosso para dentro da caneca. Fê-lo bem longe do minúsculo fogo da vela, comprimindo o pó com os dedos e murmurando em surdina enquanto trabalhava. “Está um pouco húmido,” resmungou quando se virou para mim com a caneca tapada. “Mas, bem, o frasco que pusemos na tua lareira também estava um pouco húmido por dentro, e funcionou na mesma. Não que eu esperasse que explodisse como explodiu, mas, bem, suponho que seja assim que se aprende estas coisas. Bom, mantém isto bem longe do fogo na panela até este estar a arder muito bem, o mais quente que aches que vá ficar. Depois põe isto na panela, ao centro, para que não apague o fogo. Depois sai o mais depressa que conseguires.”

Aquelas instruções eram para mim. Ao príncipe, disse: “Deves sair assim que o fogo começar na panela. Não esperes que o Fitz ponha o pó lá dentro. Sai, afasta-te e espera por ele bem longe da borda da escavação. Compreendes-me?”

“Sim, sim,” respondeu Respeitador com impaciência. Estava a enfiar numa sacola os nossos instrumentos para fazer fogo.

“Então promete-me. Promete-me que sairás assim que ele acenda o fogo na panela.”

“Eu disse que mataria o dragão. Devia ficar pelo menos para ver o pó entrar na panela.”

“Ele sairá antes de o pó entrar na panela,” disse eu a Breu quando recebi a caneca selada. “Prometo-te. Vamos embora, Respeitador. Não nos resta muita noite.”

Quando nos dirigimos à aba da porta, Castro pôs-se em pé. “Queres que eu leve parte disso?”, perguntou-me.

Olhei-o sem expressão por um momento. Depois compreendi-o e disse: “Tu não vais, Castro. Espera aqui por nós. Eu não demoro.”

Ele não se sentou. “Nós precisamos de conversar. Tu e eu. Sobre muitas coisas.”

“E conversaremos. Durante muito tempo. Há também muito que gostava de te dizer. Mas a conversa esperou estes anos todos, pode esperar até que esta tarefa esteja feita. E depois teremos tempo para nos sentarmos juntos. Em privado.” E pus ênfase na última palavra.

“Os jovens são tão confiantes de que haverá sempre mais tempo, mais tarde.” Dirigiu esta observação a Breu. Castro estendeu calmamente a mão para recolher parte da carga de Respeitador. “Os velhos sabem que não é bem assim. Lembramo-nos de todas as alturas em que achámos que haveria mais tempo, e não havia. Todas as coisas que pensei que diria ao teu pai, um dia, permanecem no meu coração, por dizer. Vamos embora.”

Suspirei. Respeitador ainda ali estava parado, de boca ligeiramente entreaberta. Dirigi-lhe um encolher de ombros. “Não vale a pena discutir com Castro. É como discutir com a tua mãe. Vamos lá.”

Sáímos da tenda e penetrámos em silêncio nas trevas. Move-mo-nos tão silenciosamente como é possível a Manhosos fazer, mesmo quando um deles não quer admitir que o é. Castro pousou-me a mão levemente no ombro bom. Era a única concessão que faria à sua visão deteriorada, e eu não fiz qualquer comentário sobre isso. Deitei uma olhadela para trás, para ver Breu em pé junto da aba da tenda, vestido com o seu roupão para a noite, a olhar-nos. Pareceu embaraçado por ter sido apanhado a fazê-lo; deixou a aba da tenda cair. Mas eu agora sabia que ele estava preocupado, e tentei não perguntar a mim próprio quão bem teria ele testado o seu pó explosivo. Também Pavilongo nos olhava.

O caminho até à escavação era ascendente. Não me parecera uma subida difícil, mas os acontecimentos dos últimos dias estavam a fazer-se sentir. Agora parecia difícil, e eu arquejava quando cheguei à rampa que levava à cova. Parámos aí, e eu tirei a Castro o óleo, estre-mecendo um pouco com o peso.

“Espera por nós aqui.”



“Não tens de te preocupar com a ideia de eu te seguir. Sei que a minha visão se foi, e não vos porei em risco indo atrás de vós. Mas quero trocar pelo menos uma ou duas palavras contigo antes de ir. Sozinho, se não te importares.”

“Castro. A cada momento que eu demoro, o Bobo pode perder mais de si para o dragão.”

“Filho, o teu coração sabe que é tarde de mais para o salvar. Mas eu também sei que tens de ir fazer isto.” Virou a cabeça, sem olhar para o príncipe, mas “vendo-o.” A um olhar suplicante que lhe dirigi, Respeitador recuou vários passos para nos dar a privacidade que Castro procurava. Mesmo assim, este baixou a voz. “Estou aqui para vos levar para casa, a ti e a Veloz. Prometi a Urtiga que levaria o irmão para casa, são e salvo, que mataria um dragão para o fazer se fosse necessário, e que tudo ficaria como dantes. Em algumas coisas, ela ainda é uma criança, e acredita que o papá será sempre capaz de a manter em segurança. Gostaria que continuasse a acreditar nisso, pelo menos por algum tempo.”

Não tinha a certeza do que ele estava a pedir-me, mas estava demasiado apressado para levantar objeções. “Farei os possíveis por deixá-la manter essa crença,” assegurei-lhe. “Castro, tenho de ir.”

“Eu sei que tens. Mas... sabes que ambos julgávamos que estavas morto. Eu e Moli. E que só agimos como agimos por causa dessa crença. Sabes disso?”

“Claro que sei. Talvez conversemos sobre isso mais tarde.” De súbito soube, pela ira e pela dor que as palavras dele despertaram em mim, que queria não falar nunca sobre aquilo. Que nem sequer queria pensar em falar com ele sobre aquilo. E no entanto, respirei fundo e disse as palavras que tantas vezes dissera a mim próprio: “Tu foste o melhor homem para ela. Dormi bem à noite, sabendo que estavas lá para ela e para Urtiga. E depois... não regressei. Porque nunca quis que sentisses que, que...”

“Que te tinha traído,” concluiu ele por mim, em voz baixa.

“Castro, o Sol vai nascer em breve. Tenho de ir.”

“Escuta-me!”, disse ele, de súbito com a voz alterada. “Escuta-me e deixa-me dizer isto. Estas palavras têm andado a sufocar-me desde que me contaram o que eu tinha feito. Lamento, Fitz. Lamento por tudo o que te tirei, sem saber que estava a tirar. Lamento pelos anos que não te posso devolver. Mas... mas não posso lamentar ter feito de Moli minha esposa, ou os filhos e a vida que tivemos juntos. Que temos. Não posso. Porque eu *fui* o melhor homem para ela. Tal como Cavalaria

foi melhor para Paciência quando, sem saber, ma tirou.” Soltou um súbito e pesado suspiro. “Eda e El. Que estranha, que cruel espiral nós dançamos.”

Estava mortificado. Não havia nada para dizer.

Muito, muito baixinho, ele perguntou-me: “Vais voltar e roubar-ma? Vais tirá-la da nossa casa, dos nossos filhos? Porque eu sei que podes fazê-lo. Ela sempre guardou um lugar no coração para o rapaz selvagem que amou. Eu... eu nunca tentei alterar isso. Como poderia fazê-lo? Eu também o amava.”

O espaço de uma vida passou por mim a rodopiar no vento turbilhante. Sussurrou-me como as coisas poderiam ter sido, provavelmente seriam, deveriam ter sido. Poderiam ainda vir a ser. Mas não seriam. Finalmente falei. “Eu não regressarei para ta roubar. Não regressarei de todo. Não posso.”

“Mas...”

“Castro, não posso. Não me podes pedir isso. Quê? Imaginas que eu podia montar num cavalo e ir visitar-vos, que me podia sentar à vossa mesa e beber uma chávena de chá, lutar com o vosso filho mais novo, olhar para os teus cavalos, e não pensar, não pensar...”

“Seria difícil,” interrompeu ele com veemência. “Mas tu podias aprender a fazê-lo. Tal como eu aprendi a suportá-lo. Todas as vezes que cavalguei atrás de Paciência e Cavalaria, quando eles saíam juntos a cavalo, vendo-os e...”

Não consegui suportar ouvir aquilo. Sabia que nunca teria aquele tipo de coragem. “Castro, tenho de ir. O Bobo está a contar comigo para fazer isto.”

“Então vai!” Não havia ira na voz dele, só desespero. “Vai, Fitz. Mas nós vamos conversar sobre isto, tu e eu. Vamos desenredar este enredo, de alguma maneira. Prometo. Não voltarei a perder-te.”

“Tenho de ir,” disse eu uma última vez; virei-me e fugi dele. Deixei-o ali em pé, cego no vento frio, e ele ficou lá sozinho, confiante no meu regresso.